

Mathias de Abreu Lima Filho

A ESCUTA, A ESPERA E O SILÊNCIO

**Um olhar sobre a “indigência da Modernidade”
no pensamento de Martin Heidegger e
na poesia de Rainer Maria Rilke**

M E S T R A D O : F I L O S O F I A

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
São Paulo - 2005**

Mathias de Abreu Lima Filho

A ESCUTA, A ESPERA E O SILÊNCIO

Um olhar sobre a “indigência da Modernidade”
no pensamento de Martin Heidegger e
na poesia de Rainer Maria Rilke

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial do título de MESTRE EM FILOSOFIA, sob a orientação da Professora Doutora Salma Tannus Muchail.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
São Paulo - 2005

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Salma Tannus Muchail, por sua disponibilidade sempre amiga e por seu cuidado docente, para mim inalteráveis ao longo de 20 anos, a distância do início deste trabalho.

Ao Miche, amigo de longa data, companheiro de espera e de sentido, com quem especialmente compartilho no percurso dessa existência, o pensamento de Heidegger e a poesia de Rilke.

Aos amigos, que direta ou indiretamente, estimularam e contribuíram para a conclusão desta longa e significativa caminhada.

Para :

Eliana, minha esposa -

Mathias e Maria Júlia, meus pais -

René, Natasha, Luísa e Stella, meus filhos -

RESUMO

A intenção principal do trabalho é estabelecer uma aproximação entre o pensamento de Martin Heidegger e a poesia de Rainer Maria Rilke, no que tange ao que ambos concebem como “indigência da Modernidade”, a situação de vazio de sentido espiritual do homem contemporâneo, no pós-iluminismo e pós-revolução industrial, era de hegemonia crescente da ciência e da técnica.

Entendem os autores, cada qual de modo próprio, que esta contingência na história do Ocidente, não decorre de fenômenos circunstanciais, porém da evolução civilizatória do pensamento, matriz do modo como hoje o homem pode olhar, compreender e viver sua realidade.

O acabamento da Metafísica, apontado por Heidegger como o esquecimento do ser, através do poder da técnica, é o substrato histórico-filosófico que configura esse nosso atual destino.

Esta dimensão historial determina para os homens uma forma própria de lidar com a vida, exclusivamente objetual e determinista, impedindo-os de considerar outros horizontes talvez mais primordiais da condição humana, como por exemplo, o amor, a morte e o próprio Aberto indeterminado da existência.

Ambos os autores, retomando este destino de indigência, acenam simultaneamente para um movimento de “viravolta”, para um outro caminho que indique para o homem um outro olhar de compreensão para com a vida, gesto que pudesse nos remeter para um solo original.

Eles vislumbram para o destino humano através dos temas abordados em suas obras, um saber e um dizer diferentes daqueles em vigor na nossa realidade tecno-planetária. Um saber alternativo ao conhecimento da técnica e do cálculo, que possa pensar e acolher as coisas do mundo na escuta, na espera e no silêncio, acenando para o sentido de um outro destino. E, um dizer de um pensamento que reside próximo do canto da poesia, sendo assim atento à manifestação permanente das coisas do mundo na amplitude do grande Aberto do ser.

Palavras-chave: “indigência da Modernidade”, técnica, destino, viravolta, espera, dizer, poesia.

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| INTRODUÇÃO | p.9 |
| | |
| CAPÍTULO UM | |
| DOIS ITINERÁRIOS E UMA MESMA REGIÃO | p.14 |
| 1 – <i>O poeta</i> | p.16 |
| 2 – <i>O pensador</i> | p.31 |
| 3 – <i>A região</i> | p.42 |
| | |
| CAPÍTULO DOIS | |
| A TÉCNICA NA MODERNIDADE | p.56 |
| 1 - <i>A técnica como destino</i> | p.57 |
| 1.1- A “noite do mundo” | p.57 |
| 1.2- A “indigência da Modernidade” | p.61 |
| 1.3- A essência da técnica | p.65 |
| 1.4- O “Aberto” | p.68 |
| 2 – <i>A técnica como saber</i> | p.73 |
| 2.1 – Objetividade e representação | p.76 |
| 2.2 – As coisas | p.81 |
| 3 – <i>A técnica como linguagem</i> | p.86 |

| | |
|---|------|
| 4 – <i>A técnica como poder</i> | p.91 |
| 4.1 – A disposição produtiva como vontade | p.91 |
| 4.2 – A disposição produtiva como poder | p.95 |

CAPÍTULO TRÊS

| | |
|--|------|
| A TAREFA DE UM NOVO DESTINO | p.99 |
|--|------|

| | |
|---|-------|
| 1 - <i>A indigência como sinal de esperança</i> | p.99 |
| 1.1 – A indigência como destino | p.99 |
| 1.2 – O consentimento da viravolta | p.104 |
| 2 – <i>Dizer o sentido</i> | p.110 |
| 2.1 – A obediência às coisas | p.110 |
| 2.2 – O pensamento do sentido e a poesia | p.116 |
| 3 – <i>Pensar o destino</i> | p.123 |
| 3.1 – Um destino tecno-planetário | p.123 |
| 3.2 – Destino de uma nova tarefa | p.128 |

| | |
|------------------------|-------|
| CONCLUSÃO | p.138 |
|------------------------|-------|

| | |
|---------------------------|-------|
| BIBLIOGRAFIA | p.140 |
|---------------------------|-------|

*Zwiefalt sprosst der Lieder und Gedanken
aus dem einen Stamm :*

*dem Sichverdanken jähren Winken
aus dem Dunkel des Geschicks.*

Martin Heidegger,
Gedachtes.

*Diferentemente, cantos e pensamentos, jorram
de um único ramo :*

*assim agradecem os sinais inesperados
que no obscuro a fonte destina.*

Martin Heidegger,
Recordação.

INTRODUÇÃO

Apresentação do tema

Este trabalho procura lançar um olhar sobre a questão da “indigência da Modernidade”, em particular, na realidade experimentada nos dias de hoje pelo homem.¹

Este tema, presente na obra filosófica de Martin Heidegger e na obra poética de Rainer Maria Rilke , refere-se às implicações na vida contemporânea decorrentes do pensamento moderno, que por sua vez moldaram para o homem um destino de feição própria: por um lado uma inquestionável evolução científica e tecnológica, acenando para um futuro de uma felicidade segura; por outro, persistem incompreendidas questões elementares da condição humana que parecem ter se tornado insignificantes, deixando de compor o universo de envolvimento no qual o homem hoje alinha os seus desígnios.

Heidegger e Rilke nos convidam a acompanhar seus pensamentos, em busca de uma dada compreensão da natureza dessa indigência, que não é material, social ou política, mas revestida de um vazio de sentido e de espírito, decorrente dessa nossa era.

Compreender a sua posição na instância histórica do Ocidente, seus desdobramentos no pensamento moderno, e em especial a particular disposição de vida do homem a partir da Modernidade é o que o trabalho vai procurar abordar, através das obras dos autores escolhidos.

¹ O conceito de Modernidade a que nos referimos, tem uma relação parcimoniosa com sua noção histórica de Idade Moderna, relacionada ao Renascimento e ao Iluminismo. Seu eixo de sentido reporta-se particularmente à Revolução Industrial, marco da produção, planejamento e cálculo, acentuadamente no que chamamos de história contemporânea. A Modernidade para M.Heidegger e para R.M.Rilke, refere-se ao tempo em que o homem torna-se centro dos entes, ao qual tudo é referido; e a própria entidade é tratada como um ser - representado disposto para produção e permanente explicação lógica. É um tempo que, a partir do Século XX, cresce na tecnologia, na uniformidade de pensamento, na globalização planetária e na subjetização/objetização dos entes.

O que significa “indigência da Modernidade” ? Como compreendê-la e qual o seu sentido? É possível “sairmos” dela ?

Estas seriam algumas das questões abordadas pelo pensador e pelo poeta nos seus escritos, que nos dão a matéria-prima essencial do nosso trabalho ao longo desta dissertação.

Heidegger, a partir de sua questão maior sobre o sentido do ser (*Seinsfrage*), vai percorrer a história da filosofia, alojando suas reflexões ao longo da contemporaneidade. O acabamento da Metafísica, personificado pela técnica nesta nossa época, será meditado e trabalhado em suas obras maduras a ponto de chegar a insinuar, como um caminho diferente para a compreensão de nosso destino indigente, a poesia. Ao escolher Rilke como tema para sua obra que trata do *poeta em tempos de indigência*², já o percebe com um olhar diferenciado, como se ele fosse um interlocutor pronto para a reflexão necessária sobre uma nova linguagem.

Rilke, por sua vez, percorre em sua obra questões elementares do ser humano e trata-as também, em particular nas suas obras tardias, com tintas da contemporaneidade, antevendo o contorno de uma possibilidade para a disposição de um destino diferente para o homem.

Procuraremos, ao longo do trabalho, preservar a aproximação dos olhares do pensador e do poeta, entendendo-os como aqueles que *moram próximos, mas em montanhas separadas*³, no sentido tanto de perceber uma mesma afinação, em ambos, sobre a condição humana em nosso tempo, quanto para neles destacar nuances particulares de cada ofício, lembrando sempre que nossa pretensão está muito aquém da enormidade desta tarefa.

*Cada um segue seu próprio caminho, mas na mesma floresta.*⁴

² M.HEIDEGGER, “Wozu Dichter?” in *Holzwege*.

³ M.HEIDEGGER, “Que é metafísica”, in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p.249. Frase atribuída a

F.Nietzsche por E.C.Leão in M.HEIDEGGER, *Introdução à Metafísica*, p.218 nota 2.

⁴ M.HEIDEGGER, *Holzwege*, p.3 (*Jeder verläuft gesondert, aber im selben Wald*).

Vamos enfim, considerar que tanto nas obras do pensador como nas do poeta, em meio a este destino obscurecido por uma disposição produtiva marcante e progressivamente crescente, legado da Modernidade, pode-se distinguir uma réstia de luz . Ambos parecem entrever um outro modo de olhar o mundo e pensá-lo, que quem sabe, possa estar indicando uma incipiente disposição inicial para um caminho alternativo, um solo original onde possa brotar alguma esperança em meio à nossa indigência.

Desenvolvimento do tema

O trabalho é composto por três capítulos e uma conclusão.

O Capítulo I apresenta os itinerários do poeta e do pensador, entendidos aqui como influências, experiências, inquietações e descobertas em direção à construção de suas respectivas obras. Esses dados, aparentemente particulares e simples, podem acercar-se de um sentido muitas vezes importante para o entendimento da história de seus escritos, servindo assim como pano de fundo ao discernimento das questões essenciais desta reflexão. Neste capítulo abordamos também uma região comum aos dois autores, historicamente situada e permeada por uma série de condições do nosso tempo, compartilhadas e determinantes para a obra de ambos. Rilke atingirá esta região de indigência da Modernidade através do caminho do mistério das coisas e da fragilidade íntegra do homem. Heidegger tomará a vereda que pergunta pelo sentido do ser, percorrendo-a até a planície de seu esquecimento. Ambos porém, perceberão com espanto o estado da questão da própria humanidade em nosso tempo, e vão procurar acenar para um pensamento que possa sugerir uma suave inclinação de nosso olhar contemporâneo para a luminosidade vindoura do crepúsculo, subsequente à noite escura da fuga dos deuses.

O Capítulo II apresenta o fenômeno que certamente tem o papel preponderante na fisionomia da nossa época: a técnica tal como desdobrou-se e dominou a Modernidade. Ela será pensada na sua dimensão de um saber, caracterizado pelo pensamento científico; como uma linguagem, que apresenta formas próprias para falar da realidade de hoje; como um poder, expressão de sua exploração dominadora ; e enfim, como um destino que enfeixando todas estas suas dimensões, vai organizar historicamente o percurso do homem contemporâneo.

No Capítulo III trataremos do pensamento do sentido, um caminho alternativo, discreto e singelo, ao pensamento que pensa o cálculo e o controle da produção transformadora da técnica . Estaremos procurando refletir sobre o pensamento que medita (*Besinnung*) sobre o mundo, com uma outra disposição, sempre mais proximamente relacionada à sua dimensão ontológica de abertura, uma disposição de espera. Este pensamento que para Heidegger aproxima-se da poesia, indica assim, em meio à indigência de nosso tempo, um novo dizer atrelado a um novo sentido, um dizer como sinal de esperança, um dizer como preparação possível para um novo destino, um destino de uma nova tarefa.

Em função de estarmos, neste trabalho, abordando a obra de um poeta juntamente com a de um filósofo, tivemos o cuidado de procurar respeitar as suas diferenças, bem como os limites possíveis de interpretação e entendimento de cada obra, em sua natureza própria.

A interessante questão sobre os limites entre a língua literária e a língua filosófica não será tratada por nós neste percurso, mas ainda assim procuraremos evitar sua estereotipia apressada, através dos textos coletados, a fim de preservarmos o sentido que é anterior a qualquer distinção.

*... não colocar de antemão uma questão normativa sobre as diferenças, os direitos, os domínios respectivos dos discursos literários e filosóficos, o que pressuporia que tenhamos já definições claras daquilo que é literatura e daquilo que é filosofia para poder, justamente, distingui-las com clareza e determinação.*⁵

Este estudo comparativo foi apenas possível pelo fato de ambos vislumbrarem para o destino humano, diferentemente do saber dominador da nossa época, um dizer preparatório para o novo, vigente pela dimensão de acolhimento dócil e simples do grande Aberto do ser e do sagrado.

*Longo é o caminho mais necessário para nosso pensar. Ele nos conduz para esse Simples que ainda deve ser pensado, sob o nome de λογος. Há, por enquanto, poucos sinais para nos mostrar o caminho.*⁶

Observações gerais

As citações bibliográficas utilizadas foram obtidas, preferencialmente, a partir das traduções disponíveis na língua portuguesa, em particular as já consagradas. Porém, em casos de distanciamento do sentido mais próprio desejado para o texto, elas foram novamente traduzidas, utilizando-se para isso edições em línguas francesa, inglesa e espanhola, cotejadas com os originais alemães, por vezes transcritos nas notas ou entre parênteses após algumas palavras.

⁵ J.M.GAGNEBIN, "As formas literárias da Filosofia", in R.T.SOUZA e R.DUARTE, *Filosofia e Literatura.*, p.7.

⁶ M.HEIDEGGER, "Logos (Héraclite, fragment 50)" in *Essais et Conférences*, p.251.

CAPÍTULO UM

DOIS ITINERÁRIOS E UMA MESMA REGIÃO

O pensador diz o ser. O poeta nomeia o sagrado.⁷

Cantar e pensar são os troncos vizinhos do poeitar

Eles crescem do Ser e alcançam sua verdade.⁸

Vamos iniciar este nosso trabalho, acompanhando os itinerários de Rainer Maria Rilke e de Martin Heidegger. Esta abordagem não terá o caráter de um ensaio biográfico, mas procurará apresentar dois percursos nos quais vida, obra e os tempos modernos interdependem-se. Serão trazidos fatos que possam contribuir para percebermos a relação dos temas de que trataremos, com as experiências de vida dos dois autores.

Rilke (1875–1926), era 14 anos mais velho que Heidegger . Não há referências bibliográficas específicas sobre Heidegger nos escritos de Rilke, mas apenas sobre autores e influências comuns (Kierkegaard, Hölderlin, etc..).

Em Heidegger (1889-1976), por outro lado, há uma primeira menção à leitura da obra de Rilke, entre 1910 e 1914, e um último comentário, em 1974, indicando uma proximidade com a sua poesia ao longo de mais de 60 anos.

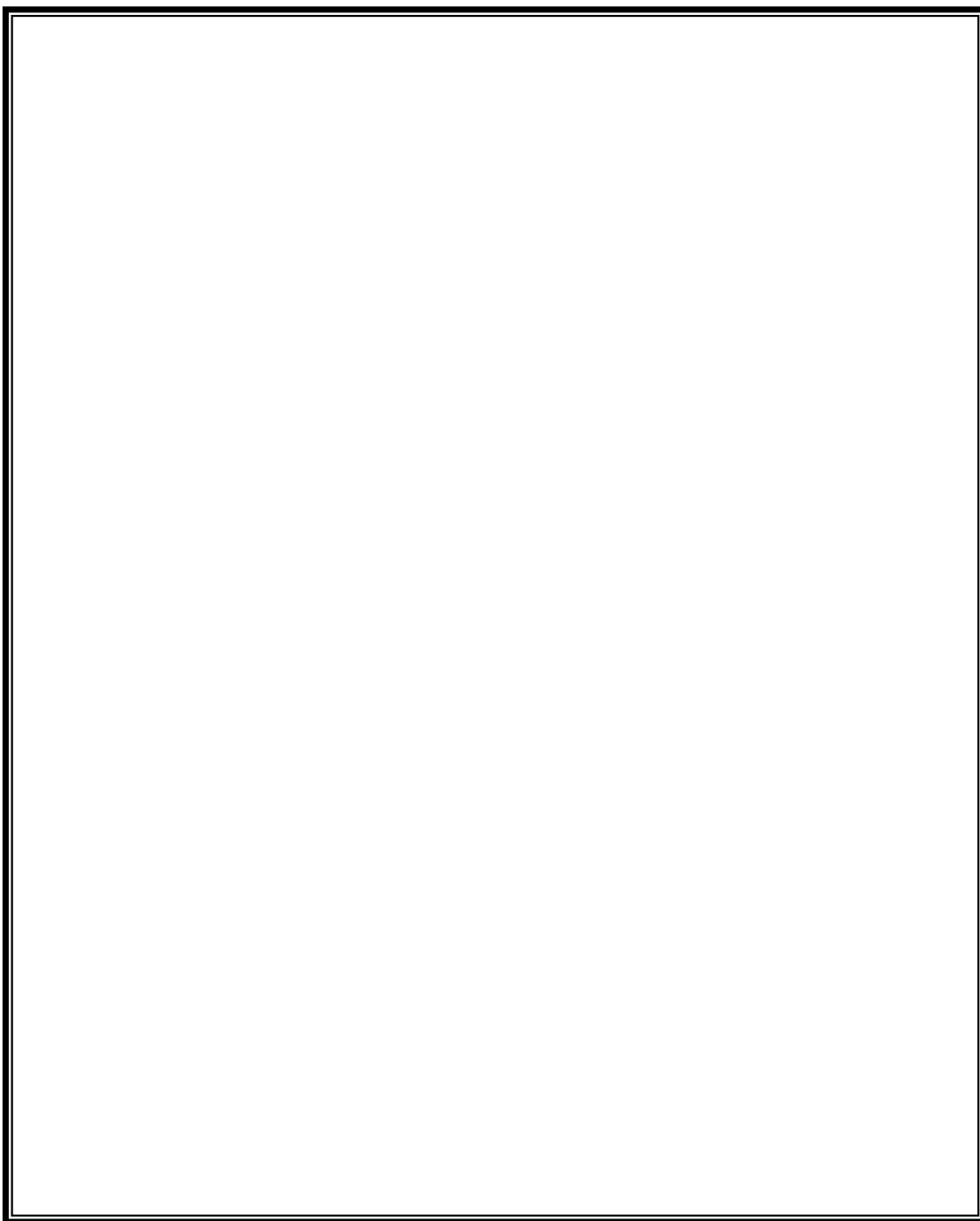
No final deste primeiro capítulo, faremos algumas observações sobre a natureza do que entendemos como “região”, ou seja, por onde trilharam o Poeta e o Pensador, cada qual com seus próprios passos, cada qual com sua palavra .

A região reúne, tal como se nada acontecesse, cada coisa com cada coisa e todas entre si no demorar-se no repouso em si próprio.⁹

⁷ M.HEIDEGGER, “ Que é Metafísica”, in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p.249.

⁸ M.HEIDEGGER, *Da experiência do Pensar*, p. 49.

⁹ M.HEIDEGGER, *Serenidade*, p.41.



RAINER MARIA RILKE

(água-forte de Emil Orlik)

1 – O poeta

*No arqueado dos olhos, a persistência de uma raça nobre.
 No olhar ainda o receio e o azul da infância,
 de humildade aqui e ali, não aquela de um criado
 mas de um serviçal ou de uma mulher;
 A boca é boca, grande e precisa
 Não persuasiva mas leal.
 A fronte é sem maldade
 e freqüentemente inclina-se à sombra do silêncio.
 De tudo isso, o conjunto é apenas pressentido.
 Jamais no sofrimento ou no êxito
 aplicou-se tenazmente tendo em vista um sucesso durável,
 dir-se-ia que, de longe, por entre coisas dispersas
 pressentisse que estava para sobrevir algo de grave
 e de muito real.¹⁰*

Escrito pelo poeta na juventude, este auto-retrato pode nos indicar de modo pertinente quem foi Rilke , e aponta para os principais aspectos que balizaram seu caminho durante seu meio século de vida.

Antes de tudo, Rilke foi um andarilho sem moradia definitiva, integralmente devoto à dimensão d' *o Aberto (das Offene)*¹¹ da própria existência. Despedindo-se do momento que corre e maravilhando-se com o momento por vir, pode-se dizer que esteve sempre à procura de uma dimensão tão escondida quanto essencial, para o cumprimento de sua tarefa de poeta e de homem.

¹⁰ R.M.RILKE, "Auto-retrato de 1906" *apud* P.DESGRAUPES, *R. M. Rilke* , p. 16-17.

¹¹ Sobre *das Offene*, vide M.HEIDEGGER, " Porquoy des poètes? " in *Chemins qui ne mènent nulle part* , p. 341. Doravante, a referência a esta obra será feita pela abreviação *P.P.* seguida da compilação, *Chemins ...* .

*Mais não deves sentir do que a direção
pura do infindo fluir*¹²

Estas andanças que Rilke empreende durante toda a sua vida, confirmadas por suas mudanças constantes, serão descritas por ele como busca do lugar que contenha o solo apropriado para o seu trabalho.

Em 1895, inicia seu bacharelado na Universidade de Praga, na Faculdade de Filosofia, optando pelas disciplinas de Filosofia, Literatura Alemã e História da Arte. Pouco tempo depois abandona o curso, não retornando jamais a alguma formação acadêmica regular. Desta época é o início de seu interesse por autores que abordam a condição humana, como S.Kierkegaard(1813-1855), J.P.Jacobsen(1847-1885) e M. Mäeterlinck (1862-1949), cujas obras influenciarão sua atividade inicial.

Em 1896 dá o primeiro passo de seu longo caminho para a poesia, trocando Praga por Munique, na época um dos focos da vida intelectual na Alemanha.

Nesta ocasião, encontra-se com Lou Andreas Salomé (1861-1937), escritora russa anteriormente amiga de Nietzsche e posteriormente de Freud, com quem tem uma ligação afetiva e uma grande amizade até sua morte. Com ela terá talvez vivido *seu mais belo amor*.¹³

Conhecer a Itália (1898) e a Rússia (1899/1900), são duas experiências marcantes para a sua formação. A beleza dinâmica da Itália por sua *exuberância nas formas e sua multiplicidade transparente*¹⁴ apresenta-lhe diretamente o real; a religiosidade da Rússia serve de base para o conhecimento de homens que se contentam com uma vida interior

¹² R.M.RILKE, "Esboços dos Sonetos a Orfeu" in *Poemas, Elegias de Duíno, Sonetos a Orfeu*, tradução de Paulo Quintela, p.281.

¹³ L.G.FERREIRA, "Lou Salomé" apud S.T.MUCHAIL, *Lou Salomé: o 'elementar' por sob a vida*, p. 9.

¹⁴ R.PITROU, *Rainer Maria Rilke*, p. 36.

intensa *para mais tarde fazer, com seu coração cantando, coro com a harmonia das coisas.*¹⁵

Em suas viagens à Rússia ainda czarista , Rilke teve contato com um povo que, diferentemente da Europa já modernizada, estabelecia ainda uma relação de humilde e paciente proximidade com um Deus obscuro, mas sempre presente. É uma experiência fundamental para depurar sua introspecção e o seu interesse natural pela dimensão sagrada de tudo que o rodeia .

*... para Rainer, o objeto de sua arte era o próprio Deus, ou seja, aquilo que exprimia sua atitude diante de seu mais íntimo fundamento de vida ...*¹⁶

Neste período começa então a revelar-se o poeta que, através das *Histórias do Bom Deus* e do *Livro de Horas*, procura temas como a pobreza, o sofrimento, a complacência, pressentindo pouco a pouco sua vocação, ser *imóvel, silencioso, paciente, como as coisas, ou como um artesão que trabalharia para reparar um Deus que as Igrejas teriam maltratado muito.*¹⁷

Diferentemente da imagem de Deus fornecida pela teologia, a reflexão rilkeana fala da presença divina através da própria relação do homem com a vida. É um caráter de religiosidade que sempre participará das inquietações do poeta, como uma das fontes inesgotáveis de sua poesia.

*Não que possas suportar a voz de Deus,
longe disso. Mas ouve essa aragem,*

¹⁵ R.PITROU, *Rainer Maria Rilke* , p. 38.

¹⁶ L.A.SALOMÉ, “ Minha vida” *apud* S.T.MUCHAIL, *Lou Salomé: o ‘elementar’ por sob a vida* , p.38.

¹⁷ P.JACCOTTET, *Rilke* , p. 39.

*a incessante mensagem que gera o silêncio.*¹⁸

Em 1900, em carta a Paula Modersohn Becker¹⁹, descreve seu ainda imaturo sentido de desarraigamento :

*Compreende você que seria uma infidelidade se fizesse como se já, completamente satisfeito, tivesse encontrado lugar e pátria ? Não me está ainda permitido ter casa, não me está ainda permitido morar. O meu destino é vagar e esperar.*²⁰

A solidão, atributo comum ao andarilho, não tem neste itinerário de Rilke, um caráter de misantropia, mas sim de condição básica para uma densa penetração em si mesmo. É a preservação cuidadosa do silêncio e da meditação, necessários para poder coabitar convenientemente com o mundo ao seu redor. Apesar de uma correspondência de mais de 18.000 cartas, e de ter estabelecido relações especialmente significativas, algumas com artistas importantes do início do século, Rilke vive praticamente só toda a sua vida numa quietude que é a expressão de sua atenta espera.

Casa-se em 1901 com Clara Westhoff, escultora e aluna de Auguste Rodin. Este casamento tem uma duração formal de apenas um ano, mas a relação com Clara trará uma filha, Ruth, e uma amizade permanente ao longo de suas vidas.

Em 1902 vai a Paris, onde chega a residir por um período. Aproxima-se de Auguste Rodin (1840-1917), a pedido de seu editor alemão, com vistas a uma monografia, torna-se seu amigo e secretário,

¹⁸ R.M.RILKE, *Elegias de Duíno*, tradução Dora Ferreira da Silva, p.5.

¹⁹ Pintora expressionista e amiga de Rilke em Worpswede, colônia de artistas perto de Bremen, morta prematuramente aos 31 anos.

²⁰ R.M.RILKE, "Carta a Paula M. Becker" (1900) in H.E.HOLTHUSEN, *R. M. Rilke*, p. 79.

estabelecendo uma ligação que lhe rendeu importante revisão das suas concepções pessoais e artísticas. Na convivência com o escultor, aprende uma outra forma de olhar para as coisas a seu redor, com uma postura mais livre e íntegra, o que lhe traz um aprofundamento do sentido da sua tarefa e a consolidação de sua expressão como poeta. Aprende que a criação não decorre somente do acaso ou da inspiração, mas emerge de um lento trabalho dedicado e preciso, construído com paciência e gradual maturação, um trabalho repleto de uma obediência constante às próprias regras da vida, que o artista não deve se cansar de aprender.

Rodin diria muitas vezes: - *C'est tout obéissance*.²¹ E Rilke compreenderia muito bem a profundidade desta obediência para a criação de sua obra.

*...há em Rodin uma obscura resignação que o torna quase anônimo; uma silenciosa e meditada paciência; algo da paciência enorme e da bondade da natureza, que começa do nada e percorre silenciosa e séria o largo caminho para a plenitude.*²²

O escritor Robert Musil (1880-1942), ao homenagear Rilke em 1927, julgou particularmente admirável a maneira como sua poesia, da “porcelana” em que era feita no início, tornara-se de “mármore”. E percebia esta transformação como fruto das lições de Rodin, que seriam confirmadas pelo exemplo de Cézanne ²³ .

Em 1907 o poeta conhece a obra de Paul Cézanne (1839-1906), em exposição retrospectiva, organizada um ano após sua morte, no *Salon d'Automne* em Paris. Ao visitá-la regularmente durante duas semanas, fica tão impressionado com as telas do pintor que chega a escrever 19 cartas para Clara, avaliando sua obra. Em seus quadros reafirma as lições de

²¹ A.RODIN, *apud* R.M.RILKE, *Rodin*, p.133. Este tema da disposição apropriada para o acolhimento e compreensão das coisas e do mundo será retomado com outras informações no Cap.III, item 2.1.

²² R.M.RILKE, *Rodin*, p. 20.

²³ P.JACCOTTET, *Rilke*, p.60.

Rodin: o trabalho, a paciência e o aprender a ver, através de uma dócil submissão ao real.

O pintor não deveria chegar a ter consciência de suas idéias (nenhum artista deveria): sem dar voltas em suas reflexões, seus progressos, misteriosos também para ele, têm que introduzir-se tão velozmente na obra, de tal forma que ele não consiga captá-los no momento de sua passagem .²⁴

Cézanne ensinou-lhe a não se preocupar com originalidade e não se desviar de uma apreensão da totalidade das coisas, conseguindo assim penetrar com seriedade e cuidado na sua aparência e extrair daí sua beleza. O poeta comenta um auto-retrato do pintor, destacando seu despojamento e sensibilidade:

... com humilde exatidão, com a certeza e o interesse de um cão que se vê no espelho e pensa: aí há outro cão.²⁵

A partir de então, Rilke não vê mais a realidade como antes e sua poesia ganha uma nova perspectiva reveladora. Volta-se da subjetividade para impressões concretas do mundo das coisas. O mais ínfimo e mais simples elemento da realidade tem uma invisível vida própria que, de repente, nos é apresentada. A criação torna-se-lhe então, um imenso conjunto, onde nada pode ser negligenciado.

As coisas ... enquanto pronuncio esta palavra (podes ouvir?) faz-se um silêncio, o silêncio que está em torno às coisas. Todo movimento se detém, torna-se contorno, e o tempo passado e o futuro fecham-se em círculo, transformam-se em qualquer coisa de permanente: o espaço, a

²⁴ R.M.RILKE, *Cartas sobre Cézanne*, p. 55.

²⁵ *Id. ibid.*, p. 13.

*grande calma das coisas que não se apressam para nada. Mas, mesmo assim, não sentes ainda o silêncio que se faz ali.*²⁶

Pouco a pouco Rilke vai se aproximar das coisas, chamá-las para si, e assim expressá-las tal qual elas se mostram. Antes de tratá-las à distância, o poeta as habita, amando-as com singeleza e infundindo-lhes sentimentos.

Começa ao mesmo tempo a distinguir que a superficialidade manifesta no contato dos homens com as coisas, seu tratamento objetal, por vezes mecânico e distante, relacionam-se com a própria indigência do seu tempo. Podemos perceber esta temática de estranheza de sua época, já a partir dos *Cadernos de Malte Laurids Brigge*.

*Estou aprendendo a ver. Não sei o que provoca isso, tudo penetra mais fundo em mim, e não pára no lugar em que costumava terminar antes. Tenho um interior que ignorava. Agora tudo vai dar aí. E não sei o que aí acontece.*²⁷

As cenas urbanas parisienses, povoadas por pessoas sem destino, as lembranças da infância e as meditações inspiradas pelos lugares, tudo isso é reunido em sua poesia como um impulso de tornar mais compreensível a vida, incessantemente escondida pela inconsistência.

*Os que se arriscam mais experimentam, em seu desamparo, o ser desabrigado. Eles aportam aos mortais os vestígios dos deuses fugidos nas trevas da noite do mundo. Os que se arriscam mais são, enquanto cantam o o sagrado, “poetas em tempos de indigência”.*²⁸

Os temas da indigência e da solidão o acompanham nesta tarefa órfica de percorrer o mundo, traduzindo as coisas e a condição do homem junto a elas.

²⁶ R.M.RILKE, *Rodin*, p.103.

²⁷ R.M.RILKE, *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge*, p. 9.

²⁸ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 384.

*O longo caminho para esse poema (as elegias e os sonetos) é em si mesmo um caminho que questiona poeticamente. Neste caminho, Rilke experimenta com clareza a indigência da época.*²⁹

Entre a publicação dos *Cadernos de Malte Laurids Brigge* (1910) e a aparição das *Elegias de Duíno* (1922), Rilke publicou apenas um único livro de poesias, *A Vida de Maria* (1913). Este extenso período de recolhimento e gestação irá culminar nas suas obras maiores. Considerado como um hiato em sua atividade criadora, revelou-se como uma crise vital e mesmo vocacional, proporcionando ao poeta uma nova consciência de seu trabalho.

A primeira grande guerra muito contribuiria para este período difícil em que Rilke não escreveria quase nada, envolto em intranqüilidade. Um fato significativo deste período, que o impressiona e vai chegar a influenciar sua obra, é certamente o encontro com a poesia de Hölderlin, então recentemente redescoberta.

Norbert von Hellingrath ³⁰ entre 1913 e 1916, lança uma nova edição histórico-crítica sobre a obra de Hölderlin ³¹, resgatando-o de uma incompreensão e esquecimento de quase um século. Rilke lhe escreve:

*Tenho lido, exatamente durante estes últimos meses, os dois volumes até agora aparecidos do seu Hölderlin, com especial emoção e amor, a sua influência sobre mim é grande e magnânima, como só pode ser a do mais rico e intimamente mais forte.*³²

Ao assistir a recitais de poesia de Hölderlin , bem como às conferências de Hellingrath, em fevereiro e março de 1915, Rilke comenta em carta a Elsa Bruckmann:

²⁹ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...* , p. 329.

³⁰ Norbert von Hellingrath (1888-1916) , pesquisador de literatura grega e alemã.

³¹ Heidegger dedicará a Hellingrath seu ensaio *Hölderlin e a essência da poesia..*

³² R.M.RILKE, Carta a N. von Hellingrath, 1914 in P.QUINTELA, *Hölderlin* , p.1-2.

... isto prendeu-nos, moveu-nos e decidiu-nos a todos, e, ao ver a magnífica carreira de Hölderlin, reconhecíamos também em silêncio a nossa própria existência, sempre, debaixo do céu espiritual de todos aqueles que um dia andaram caminhos claros, por sobre os cumes e os abismos do Destino.³³

O encontro com Hölderlin, veio simplesmente tornar consciente e eletiva uma afinidade natural já existente.³⁴

Rilke confirmará que o homem predestinado, determinado a celebrar todas as coisas é o poeta, sob uma missão arriscada e irrecusável. Este foi o papel que considerou como seu. E Heidegger o sabia.

*Estes que se arriscam mais, um sopro a mais, expõem-se ao risco da língua. Eles são os dizedores que dizem mais. Pois este sopro onde eles arriscam-se mais não é o dizer em geral; este sopro é um outro sopro, um outro dizer diferente do que o dizer ordinário dos homens.*³⁵

Rudolf Kassner (1873-1959) , escritor e amigo, disse:

- *Rilke era poeta ... mesmo quando não fazia nada além do que lavar as mãos.*³⁶

E o poeta deve coligir, rejuntar e unificar em nós um mundo sempre pronto a quebrar-se em pedaços, a perder o sentido, e assim, mostrar porque *estar aqui é esplendor.*³⁷

Sua vida pode se compreendida como a de um novo *Orpheu*, cantando sua melodia distinta e reveladora, quase como se tivesse a missão de uma *parousia*, que buscasse diligentemente uma reconciliação possível entre o homem e o mundo.

Eis aqui o tempo do dizível, eis aqui a sua pátria.

³³ R.M.RILKE, Carta a E.Bruckmann, 1915 in P.QUINTELA, *Hölderlin*, p.2-3.

³⁴ P.QUINTELA, *Hölderlin*, p. 13.

³⁵ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...* , p. 382.

³⁶ R.KASSNER, "Buch der Erinnerung" in P. JACCOTTET, *Rilke* , p. 5.

³⁷ R.M.RILKE, *Elegias de Duino*, tradução Dora Ferreira da Silva, p.40.

Fala e proclama...

Canta ao Anjo o louvor do mundo, não o indizível; diante dele não podes vangloriar-te da tua esplêndida intuição; no universo em que ele, o mais intuitivo, intui, não és mais do que um noviço. Mostra-lhe o simples, o que através das gerações configurado vive como o nosso no olhar e ao alcance da mão. Dize-lhe as coisas.³⁸

A poesia de Rilke , como uma ponte de acesso ao mistério das coisas do mundo, penetra nas suas dobras menos visíveis e, dentro delas, descobre o seu *Invisível* tornando-o dizível. Ao longo de toda a sua vida, associará sua tarefa poética a esta responsabilidade cuidadosa e difícil: falar e proclamar esse *Invisível* .

Em outras palavras, o grande conflito de Rilke está em ter que nomear, declarar o inominável, em ter por objeto o inobjetivável.³⁹

Não cessa de viajar até seus últimos anos de vida, quando então decide permanecer em Muzot, na região de Valais, Suíça.

Mas agora que te recolheste dentro de ti, vês que paras de existir em tuas mãos, e de tempos em tempos, com um movimento indeciso, refazes o contorno do teu rosto. Quase não há mais espaço em ti; quase te acalma a idéia de que é impossível nesta estreiteza conter algo muito grande; de que o inesperado tem de se fazer interior e adaptar-se às circunstâncias. Mas fora, fora não há medida; e quando lá fora cresce, também em ti se completa.[...] Ah, para onde fugir agora, para onde agora? Teu coração te impele para fora de ti mesmo, o teu coração persegue-te, estás quase fora de ti e já não podes voltar.⁴⁰

³⁸ R.M.RILKE, *Elegias de Duíno* , tradução Dora Ferreira da Silva, p.52-3.

³⁹ S.T.MUCHAIL, *Lou Salomé: o 'elementar'por sob a vida*, p.38.

⁴⁰ R.M.RILKE, *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* , p. 83-4.

Seu itinerário será a permanente redescoberta de seu próprio rosto e do mundo, como se eles se espelhassem mutuamente, e exigissem cada vez mais movimento e isolamento .

Enquanto andarilho da mensagem de desvelamento da duplicidade, o homem seria também o andarilho dos limites do ilimitado.

Nestas andanças, ele procura o mistério do limite ...⁴¹

Rilke zela por esta solidão, entendendo-a como condição para que, em sua poesia, possam desabrochar as coisas em seu mistério natural.

Mais próximo da maturidade, aparecem os grandes temas de sua obra, no que diz respeito à tarefa humana e sua compreensão da vida, do amor, da morte e de Deus.

Rilke é um dos raros poetas do século XX a ter atingido o status de autor universal.⁴²

Agora não desejo outra coisa que retomar os importantes trabalhos começados. Mas para isso necessita-se da continuidade e interioridade que tem a rocha no seio das montanhas para cristalizar-se. Ainda ontem dizia: - Que farei para que Deus possa outorgar-me semelhante graça? Que torne a criatura muda em mineral para que conceda-lhe realizar uma tarefa assim, durante tantos anos, entranhada na lei, e sem sair dela?⁴³

⁴¹ HEIDEGGER, M. "De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador" in *A caminho da linguagem*, p. 107.

⁴² P.DE MAN, "Introduction" in R.M.RILKE, *Poesie*, p.7.

⁴³ R.M.RILKE, Carta a Dory von der Mühl, 1919 in H.E.HOLTHUSEN, *R.M. Rilke*, p.199.

Rilke retoma em seu trabalho, sem uma ordem aparente, praticamente todas as suas inquietações anteriores. Sua obra será a expressão de um sereno consentimento à grandeza da vida para a existência humana, como neste *10º Soneto a Orfeu, 2ª Parte* :

*A máquina ameaça tudo que se conquistou,
Ao pretender estar no espírito e não na obediência.
Para que a hesitação magnífica da mão já não resplandeça
mais bela,
Talha a pedra com maior dureza para uma construção
mais ousada.*

*Em lugar nenhum fica para trás, assim nunca lhe escapamos
E, lubrificada na fábrica silenciosa, ela se pertence a si
mesma.*

*É a vida, - ela pretende o maior poder,
Com igual decisão ordena, cria e destrói.*

*Mas para nós, a existência ainda é encantada, ainda é
Origem, em muitas estâncias. Um jogo de forças
Puras que ninguém toca, senão de joelhos e com
admiração.*

*Palavras ainda passam rentes ao indizível ...
E a música, sempre nova, nascida de pedras vibrantes,
Constrói, no espaço inútil, sua morada de deusa.⁴⁴*

⁴⁴ R.M.RILKE, *Sonetos a Orfeu*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, p. 91.

A poesia de Rilke aponta para o homem contemporâneo um olhar diferente daquele que pretende dominar a matéria através da vontade de poder. Ela nos mostra que, em nossa fragilidade condicional, podemos nos aproximar dos deuses e das forças que regem a vida, através apenas do consentimento natural. *Sua temática fala de alienação, do nosso destino sempre oposto ao movimento espontâneo das coisas.*⁴⁵

*Fontes rebentam, quase
depressa demais.
Serenos e sagrados,
do fundo o que as impele ?*⁴⁶

Ele viveu e expressou em sua obra esta lição simples que compreende o amor pelas coisas, no *espaço íntimo do coração*⁴⁷ onde o mais vasto do ente torna-se presente. Para alguns comentadores esta disposição poderia ser interpretada como que uma “*ordo amoris*”, *dimensão que segundo os grandes místicos, rege o mundo.*⁴⁸

Robert Musil, um de seus compatriotas menos indulgentes, escreveu em 1927, um ano após a sua morte :

⁴⁵ P.DE MAN, “Introduction”, in R.M.RILKE, *Poésie*, p.39.

⁴⁶ R.M.RILKE, *Poemas II*, tradução Paulo Quintela , p.217.

⁴⁷ M.HEIDEGGER, *P.P. Chemins ...*, p.371.

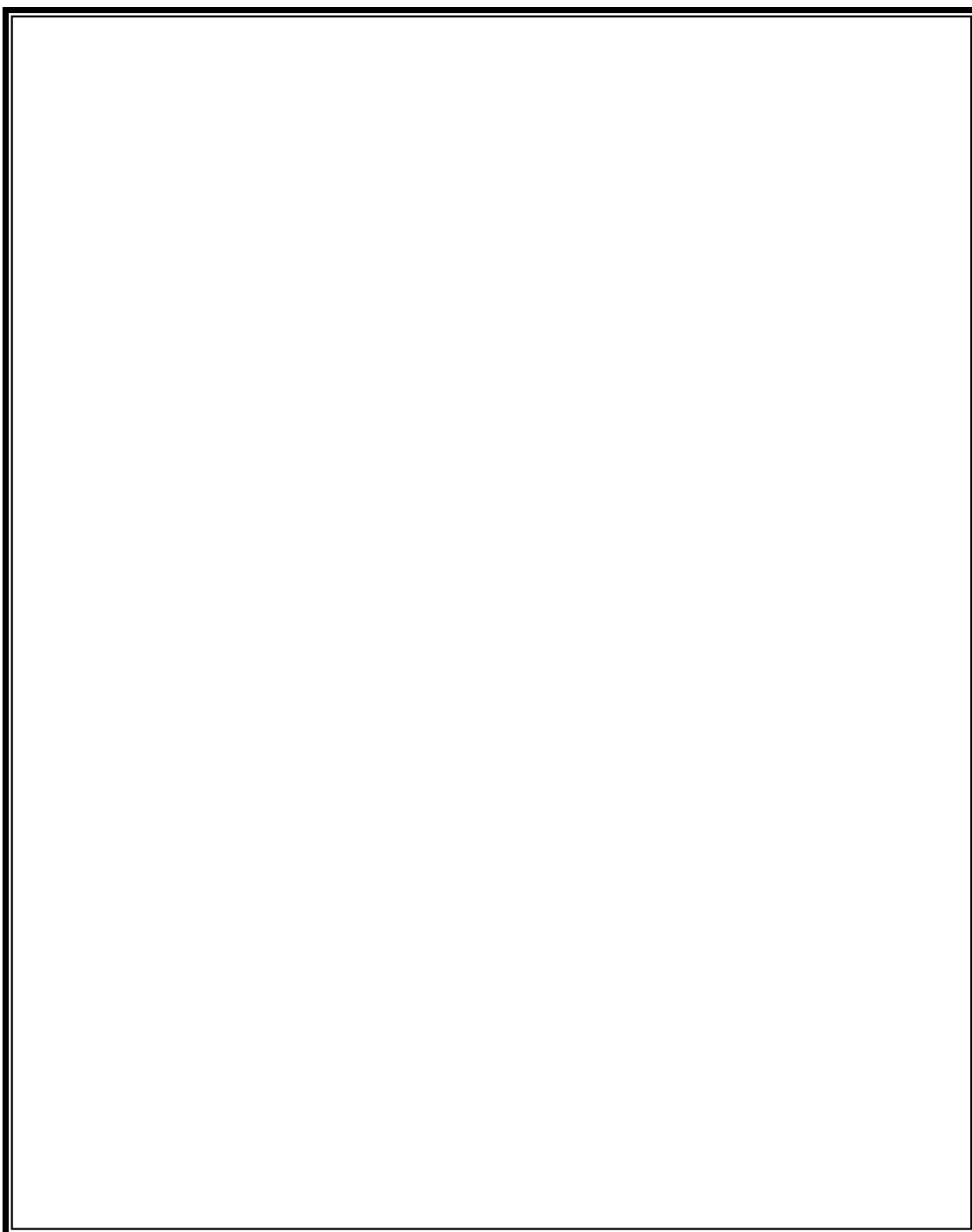
⁴⁸ R.PITROU, *Rainer Maria Rilke* , p. 114-5.

*Rainer Maria Rilke era mal adaptado em seu tempo. Esse grande poeta lírico não fez nada além do que levar pela primeira vez à sua perfeição a poesia alemã; ele não foi uma sumidade contemporânea, mas uma dessas alturas sobre as quais o destino do espírito avança de século em século.*⁴⁹

*Nada é pequeno para mim, mas amo-o
e pinto-o, imenso, sobre fundo de ouro,
e ergo-o bem alto – sem saber a quem
vai a alma libertar.*⁵⁰

⁴⁹ R.MUSIL, apud P.JACCOTTET, *Rilke*, p.5.

⁵⁰ R.M.RILKE, *Poésie*, p.91.



MARTIN HEIDEGGER
(litografia de B.Heiliger)

2 – O pensador

De tarde, quando na pausa do trabalho me sento com os camponeses ao redor da lareira ou à mesa junto ao lugar onde está a imagem do Senhor, quase nunca falamos. Fumamos o silêncio em nossos cachimbos. Quiçá de quando em vez cruza uma palavra: está por findar o trabalho no bosque ou, na noite anterior, uma raposa entrou no galinheiro ou, no dia seguinte, uma vaca talvez vá parir, o camponês Oehmi teve um ataque ou o tempo está prestes a virar. [...] é todo o meu trabalho que se sustenta e se guia pelo mundo destas montanhas e de seus camponeses.⁵¹

Martin Heidegger nasceu em Messkirch, pequeno povoado rural, pré-industrial, onde havia apenas artesãos num ritmo de trabalho lento, com suas tarefas ainda não padronizadamente repetitivas, tal como numa cidade de produção industrializada. Seu próprio pai, além de sacristão, era artesão de tonéis.

A província, a terra e a floresta com seus caminhos, são elementos que embora não apareçam diretamente na maioria dos textos filosóficos de Heidegger, ainda assim, estarão sempre presentes em seu universo de referências. O isolamento no campo, interrompido pela atividade docente, significará sempre para o filósofo, a preservação do espaço apropriado para a reflexão correta.

Esta permanência junto à natureza não é fruto de algum retorno à vida bucólica, mas tem uma relação direta com aquilo que será permanente em seu próprio pensamento: o questionamento dos fundamentos mais originais do homem na sua simplicidade.

*O pensamento regressará à pobreza da sua essência provisória. Ele modelará a linguagem ao dizer simples. Deste modo, a linguagem será a linguagem do Ser, como as nuvens são as nuvens do céu. O pensamento, na sua expressão, traçará na linguagem sulcos leves, sulcos mais leves ainda do que os que o camponês traça com o seu passo lento através do campo.*⁵²

Sobre sua primeira formação, escreve:

*Eu freqüentei a escola comunal de minha região, de 1903 a 1906 o Gymnasium de Konstanz, em seguida, o Bertholdgymnasium de Freiburg-in-Brisgau. Após ter obtido o diploma de conclusão em 1909, estudei em Freiburg até o Rigorosum. Eu acompanhei no primeiro semestre os cursos de teologia e filosofia, após 1911, sobretudo filosofia, matemáticas e ciências naturais, e também no último semestre o curso de história.*⁵³

Sua aproximação com a filosofia acontece a partir de uma leitura que se torna sua fonte inicial de reflexão:

*O primeiro escrito filosófico que desde 1907 eu não parei de trabalhar fundo, foi a dissertação de Franz Brentano “Von der mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristoteles” (Das múltiplas significações do ente em Aristóteles).*⁵⁴

Neste período, aproxima-se não só da fenomenologia de Husserl, do estudo da filosofia grega de E.Lask, da lógica neo-kantiana de Rickert, como também de uma série de leituras que tiveram influência posteriormente:

⁵¹ M.HEIDEGGER, “Por que ficamos na província?” in *Revista de Cultura Vozes*, p.44-45.

⁵² M.HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p.100.

⁵³ M.HEIDEGGER, “Les Écrits politiques de Heidegger” apud J.P.COTTEN, *Heidegger*, p.18.

Fiz meu encontro com Hölderlin no ano de 1908, graças a um pequeno volume Reclam de suas poesias, que ainda tenho até hoje. Não caberia dizer agora, como conviria, tudo o que trouxeram aqueles estimulantes anos entre 1910 e 1914; porém, se couber sugerir algo mediante uma enumeração escolhida: a 2ª edição, ampliada em dobro, de A vontade de poder de Nietzsche; a tradução das obras de Kierkegaard e de Dostoievsky; o interesse nascente pelas obras de Hegel e de Schelling, a poesia de Rilke e os poemas de Trakl, os Escritos Completos de Dilthey.⁵⁵

Em 1915 defende sua tese de habilitação, *Das categorias e da significação em Duns Scot*, dedicada a Rickert. E a partir de 1916, já como *Privatdozent* é convidado a trabalhar como assistente de Husserl, que desde então, percebera nele alguém que poderia dar continuidade ao seu trabalho com a fenomenologia.

A partir daí, veremos nascer o professor que ao longo de toda a sua vida, se dedicará a questionar a filosofia, compartilhando este pensamento que interroga com seus alunos, alguns dos quais autores significativos do século XX.

...antes de Heidegger, porém, ninguém o tinha feito. O rumor dizia de maneira totalmente simples: o pensamento se revitalizou uma vez mais, os tesouros do passado, que estavam sendo tomados por mortos e que são intrínsecos à formação, estão sendo trazidos à fala, através do que vem à tona o fato de eles apresentarem coisas totalmente diversas das que se teria podido suspeitar. Há um professor, talvez se possa aprender a pensar.⁵⁶

⁵⁴ M.HEIDEGGER, "Lettre à Richardson" in *Questions IV*, p.180.

⁵⁵ M.HEIDEGGER, "Discurso na Academia de Heidelberg" apud O. PÖGGELER, *El camino del pensar de Martin Heidegger*, p.28. O grifo é nosso.

⁵⁶ H.ARENDT, *Correspondência H.Arendt/M.Heidegger 1925/1975*, p.132.

Na Universidade de Marburg , os cursos mudaram, deixaram de restringir-se à atividade de um docente que cumprisse seus compromissos acadêmicos de ensino apenas pesquisando e publicando.

*... em meu último semestre, Heidegger tinha dito que a tarefa da filosofia seria “de alguma forma sacudir os seres humanos da sua ociosidade e em certo sentido retomar o rigor de seu destino, utilizando-se apenas os trabalhos da mente. [...] Esta aventura para a meditação sobre o pensamento não foi sobre pontos de vista teóricos, mas ao contrário sobre as próprias raízes do próprio ser de cada um. A primeira sessão de leitura do curso naquele semestre, começou com uma frase de Novalis: ‘Filosofia é de fato saudades do lar – é um desejo de se sentir em casa em todos os lugares’.*⁵⁷

Os anos 20 trarão perspectivas novas para a existência do jovem professor. Constrói uma pequena cabana em Todtnauberg, vilarejo nas montanhas da Floresta Negra, em torno da qual procuraria isolamento e uma comunhão mais plena com as coisas e a natureza. Nesta cabana meditará e trabalhará freqüentemente, nos próximos cinqüenta anos, até a sua morte.

*Na escarpa abrupta de um vale largo e profundo da Floresta Negra, se eleva uma pequena cabana de esquiadores, a 1150 m. acima do nível do mar. Mede de seis a quatro metros. O teto baixo cobre três cômodos: a cozinha, o dormitório e um gabinete de estudo. No fundo estreito do vale e pela ladeira oposta também íngreme, se distribuem as casas grandes dos camponeses[...]. Subindo a encosta, se estendem as pradarias e os pastos até o bosque de velhos abetos escuros e eretos.*⁵⁸

⁵⁷ H.W. PETZET, *Encounters & Dialogues with Martin Heidegger*, p.13.

⁵⁸ M.HEIDEGGER, “Por que ficamos na província?” in *Revista de Cultura Vozes*, p. 44.

Nesta moldura desabrocha o pensamento heideggeriano, de fato uma prospeção permanente da simplicidade das coisas do mundo, junto aos homens.

O Simples guarda o enigma do que permanece e do que é grande.[...] As coisas que amadurecem e se demoram em torno do caminho, em sua amplitude e em sua plenitude dão o mundo. Como diz o velho mestre Eckhardt, junto a quem aprendemos a ler e a viver, é naquilo que sua linguagem não diz que Deus é verdadeiramente Deus. Todavia, o apelo do caminho do campo fala apenas enquanto houver homens que, nascidos em sua atmosfera, forem capazes de ouvi-lo. São obedientes à sua origem e não escravos de artifícios. Em vão o homem através de planejamentos procura instaurar uma ordenação no globo terrestre, se não estiver disponível para escutar o apelo do caminho do campo.⁵⁹

Nesta década, questões que o absorveram desde o início de seu trabalho, como, por exemplo, a fê como intuição pura e não como lógica escolástica, a perspectiva fenomenológica como suspensão do *logos* e a releitura da tradição metafísica, encontrarão expressão em seu primeiro e mais polêmico livro: *Sein und Zeit*. Nesta obra, Heidegger resgata a questão do sentido do ser na história da filosofia e desenvolve uma analítica do *Dasein*, isto é, do homem enquanto existente no mundo. O livro tem repercussão imediata na comunidade filosófica, mas pela própria abordagem que dá a seus temas, em particular à questão do rumo da tradição da filosofia, não será, por vezes, bem compreendido.

Em 1933, Heidegger é eleito reitor da Universidade de Freiburg, no período do estado nacional-socialista. Após dez turbulentos meses demite-se das funções da reitoria, recusando-se a ceder a pressões do partido

⁵⁹ M.HEIDEGGER, *O caminho do campo*, p. 69-70.

sobre suas posições na universidade, segundo seu relato. A partir de então, observa total reserva a respeito do nazismo e dessa experiência. Seus cursos passam a ser vigiados, suas publicações interditas e suas viagens proibidas.

Um dia fui chamado a Karlsruhe. Lá o ministro exigiu através do conselheiro do Ministério – na presença do chefe dos estudantes do distrito – a substituição dos deanos da Faculdade de Direito e da Faculdade de Medicina por colegas bem vistos pelo partido. Recusei a pretensão e comuniquei minha renúncia à Reitoria, caso o ministro insistisse em sua exigência. Foi o que realmente aconteceu. Era fevereiro de 1934, após dez meses de mandato, quando os reitores costumavam ficar no cargo dois ou mais anos. A imprensa do país e do exterior que, de diversas maneiras tinha comentado a posse, calou-se sobre a renúncia.⁶⁰

No dia de sua demissão do reitorado, o decano da Faculdade de Filosofia, Prof. Schadewaldt, o encontrou na rua e comparando sua experiência à de Platão, perguntou-lhe:

Então, Sr. Heidegger, está voltando de Siracusa ?⁶¹

Nesta malograda tentativa de recuperar a Universidade, antevia o possível começo do resgate de algumas questões fundamentais do trabalho intelectual e acadêmico, mas que, naquele momento, sem que o percebesse, estavam envoltas por um sistema histórico bem mais complexo.

Nos anos 30 acontece uma “viravolta” (*die Kehre*)⁶² no pensamento

⁶⁰ M.HEIDEGGER, “Entrevista à revista Der Spiegel” in *Tempo Brasileiro* n.50, p.75.

⁶¹ C.F.V.WEIZSÄCKER, “Rencontres sur quatre décennies” in *Cahiers L’Herne Heidegger*, p.159.

⁶² Além de significar a mudança de direção do pensamento de Heidegger nos anos trinta (*vide in* M.HEIDEGGER, “Lettre a Richardson” in *Questions IV*), ele usará em várias obras as expressões *Kehre*, *Wendung* e derivados no sentido também de uma mudança de direção em nosso pensamento sobre o ser, a verdade, etc.. Dentre as alternativas de tradução usadas no português, como virada, volta, viragem, desvio, optaremos por *viravolta* em outros momentos do trabalho, no sentido de um movimento radical de um outra direção para o pensar e dizer, nesta época da técnica.

de Heidegger que, mesmo sob uma nova perspectiva, preservará algumas das questões fundamentais de *Sein und Zeit*.

A perspectiva de retomar o sentido do ser na história da filosofia ocidental, através da analítica do existir humano, ganha uma mudança de direção. É a questão do ser que se aproxima do centro da cena, manifestando-se com um movimento próprio.

O uso de expressões como “esquecimento do ser” pelo *Dasein* (*Seinsvergessenheit*) e “abandono do ser” (*Seinsverlassenheit*), a partir da viravolta, ilustram bem esta mudança de referência em seu pensamento.

O homem que, enquanto um pólo diferenciado ordenava e analisava os entes na tentativa de compreendê-los, passa agora, como “pastor” ou “guardião”, a consentir na revelação do próprio ser, em sua presença mesma.

Heidegger não pôde dar forma a tudo aquilo senão uma vez de volta em sua região natal, Freiburg e a Floresta Negra, quando começa a “sentir a ação das forças do velho sol”, como me escreveu na época : -“Tudo se torna escorregadio”; ele deu a esta experiência do pensamento o nome de Kehre (viravolta) que não é preciso ouvir no sentido teológico de uma conversão, mas no sentido dialetal próprio da região para onde retirou-se Heidegger: a viravolta (die Kehre) designa o cotovelo que faz o caminho que sobe ao longo da montanha. Não se inverte a direção da marcha quando toma-se a viravolta, é o caminho em si mesmo que reparte na direção oposta para continuar a subir. ⁶³

Em meados dos anos 30, inicia seus cursos sobre Nietzsche. Compartilha com ele que o nihilismo, na verdade, não é um fenômeno recente nem especialmente moderno, podendo reportar-se à própria

⁶³ H.G.GADAMER, “Le rayonnement de Heidegger” in Cahiers L’Herne *Heidegger.*, p.141-2.

metafísica platônica. E reflete que sua apoteose epocal pode corresponder ao momento em que a linha que separa o mundo “verdadeiro” do mundo “simplesmente aparente” desaparece. Fica mais patente para Heidegger, a partir de Nietzsche, a antinomia entre o que se chama de história e o que se chama de vida, entre a tradição ontológica e a redescoberta de forças vitais.

*Repensar a metafísica de Nietzsche, é então considerar a situação e o lugar do homem contemporâneo, cujo destino é ainda bem pouco apreendido na sua verdade.*⁶⁴

O período desta viravolta vai praticamente redispôr o pensador em seu percurso para *uma outra linguagem, uma outra relação com a linguagem, com um outro sujeito do discurso.*⁶⁵

Começa a aparecer em seu trabalho um elemento que, pouco a pouco, passaria a ser uma presença permanente: a questão da poesia.

A perspectiva da escuta ou espera da linguagem do ser, leva-o também a retomar sob outro prisma, algumas de suas questões anteriores ligadas ao sagrado, herança velada da teologia. Isso o faz compreender melhor a intensa sensação de distância e estranheza do homem contemporâneo ao apelo sutil do sentido do ser e do sagrado.

Depois de “*Hölderlin e a essência da poesia*” (1937), a linguagem poética ganha a credencial de referência para uma linguagem do ser e do sagrado.

Esse caminho talvez estivesse sendo pressentido desde sua tese de habilitação, mais de 20 anos antes, quando dizia: *Não se pode colocar a lógica e seus problemas em uma luz verdadeira, se o complexo a partir do qual nós os interpretamos não se tornar um complexo translógico.*⁶⁶

A leitura que Heidegger faz da poesia é substancialmente diferente da avaliação estética que os literatos e críticos sempre fizeram. Ele busca

⁶⁴ M.HEIDEGGER, “Le mot de Nietzsche ‘Dieu est mort’ ” in *Chemins ...* , p.255.

⁶⁵ J.P.COTTEN, *Heidegger* , p.109.

⁶⁶ M.HEIDEGGER, “ Die kategorien und Bedeutungslehre des Duns Scotus”apud J.P.COTTEN, *Heidegger* p.20.

um aprofundamento hermenêutico das obras, quer seja na atmosfera evocada pelo poema, quer num detalhe particular da reflexão do autor.

O “fim da filosofia” anunciado por Heidegger, deixa ao pensamento a tarefa de explorar um domínio inacessível às abordagens da ontoteologia ⁶⁷. *Heidegger segue os poetas, sobretudo Hölderlin e Rilke, como seus guias, nesse domínio, esse lugar onde ele quer enraizar o pensamento...*⁶⁸

Seu discurso teórico perde o caráter de intenção e forma acadêmica, face à grande fenda reveladora da poesia que, para ele, atinge a superfície dócil do ser.

*Há aí toda uma estratégia do “grande encerramento” do discurso, da errância da escritura, de uma escritura que não se curve tão comodamente aos modelos, clássicos ou modernistas, da “teoria”.*⁶⁹

Quando dá o título *Por que poetas?* ⁷⁰ à conferência sobre Rilke em 1946, Heidegger inclui nesta pergunta uma preocupação fundamental:

- a indigência do homem contemporâneo, o rumo da civilização técnica, que após a segunda guerra invade todo o planeta de forma envolvente, fazendo crer em uma autonomia estável e em um futuro inquestionavelmente bom.

Para ele, esta indigência é a exata expressão desse modo de desencobrimento do ser, cristalizado em nosso tempo e manifesto através de mecanismos hábeis que desviam do consentimento do próprio apelo do ser. Mostra, também, sua apreensão pela condição do homem, que já nem consegue falar mais da morte de Deus, tamanho é seu envolvimento determinado em retirar todas as coisas de seu mistério natural para explicá-las.

⁶⁷ *Ontoteologia* (neologismo que indica a importância do traço onto-teo-lógico da teologia na Metafísica) *vide in* M.HEIDEGGER, “ A constituição onto-teo-lógica”, *in* coleção Os pensadores volume *Heidegger* .

⁶⁸ M.P.HEDERMAN, “ De l’ interdiction à l’ écoute” *in Heidegger et la question de Dieu* , p. 289.

⁶⁹ J.P.COTTEN, *Heidegger* , p.116.

⁷⁰ A referência a esta obra será retomada com outras informações no Cap.II Item 1.1, p.57.

*A decadência espiritual da terra já foi tão longe, que os povos se vêem ameaçados de perder a última força do espírito, capaz de os fazerem simplesmente ver e avaliar, como tal, a decadência (entendida em sua relação com o destino do Ser).*⁷¹

Entre 1955 e 1966, saindo de seu espaço na montanha, Heidegger participa de alguns colóquios importantes em Cérisy-la-Salle, na Normandia, e Le Thor. Em Cérisy apresenta a conferência *O que é isto, a filosofia ?*, e aproxima-se do pintor Georges Braque (1882-1963). Em Le Thor, na Provence, tem também dois encontros significativos: um com a poesia de René Char (1907-1988), de quem se torna amigo; e outro com a região de Cézanne, cuja proximidade destaca sua atenção para a obra do pintor.

Em setembro de 1966, concede ao semanário *Der Spiegel*, uma entrevista que seria publicada, a seu pedido, após sua morte. Perguntado sobre o destino do nosso tempo responde:

*... a filosofia não poderá produzir diretamente nenhuma transformação do estado atual do mundo. E isto não vale apenas para a filosofia mas para todo sentir e para todo empenho simplesmente humano. Só um Deus é que nos pode salvar. Resta-nos uma só possibilidade: preparar, com o pensamento e a poesia, uma disposição para o aparecimento ou para a ausência de Deus no ocaso, ou seja, para sucumbirmos na vigência do Deus ausente.*⁷²

Em 1976, no final de sua vida, volta-se para a organização de suas *Obras Completas (Gesamtausgabe)*. Com mais de 100 volumes, é uma tarefa ampla que exige para com sua escrita o mesmo cuidado que tem para com o pensar. Acrescenta como epígrafe : *Wege, nicht Werke*

⁷¹ M.HEIDEGGER, *Introdução à Metafísica*, p.64-65

⁷² M.HEIDEGGER, "Entrevista à revista *Der Spiegel*" in *Tempo Brasileiro* n.50, p. 81.

(Caminho, não Obra) ⁷³. Heidegger preserva aqui, ainda uma vez, sua maior preocupação: percorrer os caminhos da reflexão sobre o sentido do ser, do homem e da vida, expressando para seus contemporâneos, através da condição insistente do seu próprio caminhar, a tarefa mesma do destino humano. Em 1974, escreve o seguinte poema:

*Mas, onde estamos nós,
quando tentamos
cumprir o chamado de Rilke:
“Antecipa-te a toda partida ...”
Habitando na morte ?* ⁷⁴

De fato, ... *a tempestade que o pensamento de Heidegger levanta – como a que ainda sopra contra nós da obra de Platão, há milênios – não se origina nesse século. Ela vem do imemorial e o que deixa atrás de si é uma realização que, como toda realização, retorna ao imemorial.* ⁷⁵

No final de sua jornada, Heidegger aponta em carta a Heinrich Petzet, aquilo que foi compreendido por seu amigo e interlocutor, como *um olhar sobre a procura de toda sua vida* ⁷⁶:

Tão única como a dominação da Gestell é e continuará a ser na história da humanidade, é também estranha nesta época e incomparável às primeiras possibilidades a determinação do pensamento.

Entretanto, é sempre oportuno meditar sobre isto ainda uma vez.

Nesta perspectiva, Gelassenheit mostra ser o caminho pelo qual devemos corresponder ao destino do mundo (Weltgeschick). A Gelassenheit torna-se então, a condição pela qual o solo natal acontece. ⁷⁷

⁷³ M.HEIDEGGER, “Préface Gesamtausgabe” in Cahiers L’Herne Heidegger, p.463.

⁷⁴ M.HEIDEGGER, “Poem” apud H.W.PETZET, *Encounters & Dialogues with Martin Heidegger*, p.220-221.

⁷⁵ H. ARENDT, “Martin Heidegger faz oitenta anos” in *Homens em tempos sombrios*, p. 231.

⁷⁶ H.W.PETZET, *Encounters & Dialogues with Martin Heidegger*, p. 225.

⁷⁷ M.HEIDEGGER, “Carta a H.W.Petzet” in H.W.PETZET, *Encounters & Dialogues with M.Heidegger*, p. 226.

3 – A região

- *Você falava de “uma” região na qual tudo retorna a si...*
- *E a magia dessa região é , com efeito, o reinar de sua essência*
(das Walten ihres Wesens), o que faz região de encontro (das Gegnende),
se me é permitido designá-lo assim.⁷⁸

*Conhecemos, é claro, muita coisa sobre a relação entre filosofia e poesia. Não sabemos, porém, do diálogo dos poetas e dos pensadores que “moram próximos nas montanhas mais separadas”.*⁷⁹

Podemos conhecer um pouco da região de diálogo entre o poeta e o pensador, através de sua época e do modo como os homens a vivem. E percorrer alguns dos caminhos que servem como itinerário comum para esta apresentação.

Essa região que acolhe os percursos de Heidegger e Rilke é circunscrita no século XX, um século cujas surpresas, promessas, guerras mundiais, descobertas, abandonos, moldaram para o homem um destino feito de conquistas e vitórias, mas também certamente, de alguma indigência.

Simultaneamente a um estágio de incomensurável desenvolvimento tecnológico, decorrente do encontro entre a industrialização capitalista e o racionalismo material, o nosso tempo parece estar abandonando as suas feições humanas e sua substância espiritual. Algumas coisas mais elementares e fundamentais da nossa condição, portanto, parecem estar sendo esquecidas.

⁷⁸ M.HEIDEGGER, *Serenidade*, p.40.

⁷⁹ M.HEIDEGGER, *Que é Metafísica ?* , p. 249. *Vide também nota 3, p.10.*

*A morte se esconde no enigmático. O segredo da dor permanece velado. O amor não é aprendido. A época é escassa, pois a essência da dor, da morte e do amor não nos é aberta.*⁸⁰

Um dos aspectos mais importantes para compreendermos a fisionomia desta região, e que nos parece essencial, é o da hegemonia da tecnologia. Um movimento aparentemente uniforme no qual os grandes princípios especulativos de outrora, todas as prescrições de sentido que regeram épocas passadas, transformaram-se numa única realidade, exclusivamente técnica.

Parece estarmos participando de um projeto ilimitado de objetivação que envolve completamente o planeta, uma espécie de plano de cálculo universal que, a rigor, não foi traçado por ninguém, mas que agora engloba tanto os possíveis planejadores quanto os planejados.

Imerso nesta realidade, o homem contemporâneo vive atualmente, quase que numa total indiferença sobre as possíveis conseqüências negativas da técnica e sobre o sentido de suas implicações, dentre elas: a uniformização dos estilos de vida, a estereotipia cultural, o caráter artificial e planejado dos ideais políticos, a desfiguração e o esgotamento da terra e a obliteração do sagrado. Parece mesmo não se dar conta da sua própria possibilidade de indigência, tal é a sua distância desta compreensão, tal é o estágio de seu aprofundamento numa realidade constituída exclusivamente de produção material, em âmbito planetário.

*A época indigente não se ressentir mais de sua indigência. Esta incapacidade, pela qual a indigência mesma da penúria cai no esquecimento, nos faz ver bem a indigência, em si mesma, desse tempo.*⁸¹

Essa “indigência da Modernidade”, tema presente tanto na obra de Heidegger como na de Rilke, pode ser corretamente traduzida pela

⁸⁰ M.HEIDEGGER, Comentário sobre poema de Rilke in *P.P.Chemins ...*, p. 330-331.

⁸¹ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p.325.

dificuldade do homem em discernir o sentido de sua própria existência e pelo desdobramento desse seu destino em meio a um colossal desenvolvimento de artificios, tais como: a organização, a informação, a automatização, a funcionalização, o consumo, a aparelhagem, o controle cibernético; ou seja enfim, o ápice do reinado da metafísica.

Heidegger nos alerta que a reflexão sobre a questão do esquecimento do ser, traz consigo íntima correlação com a história e com sua desembocadura em nosso tempo, visto por ele como a época crepuscular de uma era, a era do cumprimento do pensamento metafísico.

...sobre a terra por toda parte acontece um obscurecimento do mundo cujos processos essenciais são: a fuga dos deuses, a destruição da terra, a massificação do homem e a primazia da mediocridade.

*Que significa mundo, quando falamos de obscurecimento do mundo? Mundo é sempre mundo espiritual.*⁸²

Assim, este caminho civilizatório que circunscreve como que o rosto destinal do homem contemporâneo, é ele que irá demarcar o contorno da região onde a poesia de Rilke e o pensamento de Heidegger compartilham seus itinerários.

Compreender esta “região epocal”, é compreender a escolha de Heidegger para nomear sua única monografia sobre Rilke com o verso de Hölderlin : - *Por que poetas (em tempos de indigência) ?*⁸³ A seqüência mesma do poema responde :

*- Mas eles são [...] como os sacerdotes sagrados do Deus do vinho, que erravam de terra em terra, na noite sagrada.*⁸⁴

A estrada principal na região comum ao poeta e ao pensador, abriga a peregrinação de ambos, que sem destino fixo, espera resgatar um

⁸² M.HEIDEGGER, *Introdução à Metafísica*, p.71.

⁸³ Este tema reaparecerá com outras informações no Capítulo II, Item 1.1, p.60.

⁸⁴ F.HÖLDERLIN, *apud* M.HEIDEGGER, *Hölderlin y la esencia de la poesia*, p. 148.

sentido mais original e próprio para a condição humana, nesses nossos tempos.

Uma metáfora interessante deste percurso refere-se à tradução francesa do título do livro de Heidegger, *Holzwege*, que contém a monografia sobre Rilke, cujo tradutor (W.Brokmeier), intencionalmente ou não, denominou-o com o primeiro verso de um quarteto de Rilke, escrito originalmente em francês:

*Chemins qui ne mènent nulle part.*⁸⁵

*entre deux prés,
que l'on dirait avec art
de leur but détournés,*

*chemins qui souvent n'ont
devant eux rien d'autre en face
que le pur espace
et la saison.*

Há, porém, um cuidado importante a destacar quando buscamos esse entendimento sobre a “indigência da Modernidade”. Tanto Heidegger como Rilke, não a percebem como algo causado por um vetor de caráter cultural, político ou social, decorrente de algum descuido dos eventuais condutores da história; mas antes, como algo advindo de um horizonte constitutivo do próprio homem e assim, também, algo simultaneamente possibilitador de perspectivas.

Como poderiam, neste momento de particular singularidade para a

⁸⁵ R.M.RILKE, *Vergers / Les quatrains valaisans*, p.124 (Caminhos que não levam a nenhuma parte/entre dois prados/que se poderia dizer, com arte/de seu destino desviados/caminhos que muitas vezes não têm/diante de si nada além à sua frente/senão o puro espaço/e a estação).

civilização humana, poeta e pensador falarem de alguma forma de redenção através das suas obras, sem esperança ?

*Mas onde há perigo, cresce também o que salva.*⁸⁶

Esta situação indigente do homem, expressão do caminho histórico representado por um determinado modo de desvelar a realidade, faz emergir, na sua exaustão, a possibilidade de outros modos de desvelamento .

Nesta época de produção e obscurecimento, dentro da essência da técnica, dentro de sua instrumentalidade envolvente, Heidegger nomeará *Gestell*⁸⁷, conceito que retomaremos em outros momentos do trabalho, como a força sistêmica que seduz o homem para desencobrir o real em uma dis-posição de exploração e desafio. Através desta expressão, vai refletir sobre o confronto recíproco entre o homem e o ser, em particular na nossa época da técnica fundada na razão.

Este importante conceito, sinônimo de nosso destino tecno-planetário, foi introduzido por Heidegger em uma Conferência em Bremen, em Dezembro de 1949, mas ficou famoso em 1953, na Conferência da Academia de Belas Artes da Baviera, em München, onde estavam presentes entre outros Ernst Jünger, Heisenberg, Ortega y Gasset.

Gestell é um entre os modos possíveis de desencobrimento do ser pelo homem, modos possíveis da verdade (ἀληθεια)⁸⁸ do mundo. Dentre

⁸⁶ F.HÖLDERLIN, “Patmos” in *Poemas*, p.362-363.

⁸⁷ Sobre *Gestell* vide M.HEIDEGGER, “O princípio da Identidade” in coleção *Os pensadores* volume *Heidegger*, p.382, nota 4; e M.HEIDEGGER, “A Questão da Técnica” in *Ensaio e Conferências*, p.23-24. A tradução dessa expressão é controvertida, interpretada diferentemente por *arraçoamento* (E.Stein, B.Nunes), *armação* (Z.Loparic), *composição* (E.C.Leão) e *dispositivo* (L.Luft). O verbo *stellen* pode possuir o sentido de pôr, colocar algo, impor, demandar ou dispor algo. Heidegger acena para o sentido de um certo acesso ao ser que “arranja” o desvelamento num modo próprio, relacionado à produção da técnica. Assim, utilizaremos a expressão *disposição produtiva*, indicando também uma relação com a vontade de querer, uma “pré-disposição”, no caso não individual mas historial, relacionada à produção. Este conceito, utilizado em várias passagens deste trabalho, será retomado, particularmente no Cap. II, Itens 1.3, p.67 e 4.1, p.90-91.

⁸⁸ Sobre ἀληθεια (alétheia) vide M.HEIDEGGER, “La doctrine de Platon sur la verité” in *Questions II*, p.144.

eles há outros, também destinados a desencobrir o real, como no desvelamento da feitura criativa que ilumina a vigência do real, ou seja, no modo da poesia (ποίησις)⁸⁹. A poesia mostra-se como o modo da instauração do ser através da palavra.

Esses modos de aproximação não devem ser entendidos apenas como espécies de um mesmo gênero de desencobrimento, mas, antes disso, são partes de um destino, seja explorador ou criador, que o homem compartilha. A origem desse destino fica fundamentada na diferença pela qual o homem se distingue dos outros seres. É sua abertura ontológica, sua constituição intrínseca de errância, que lhe permite poder destinar-se, perder-se e mesmo chegar a salvar-se da indigência. É ela que possibilita modos de desencobrimento do mundo e que permite ao homem, aperceber-se e apropriar-se da linguagem da poesia.

*Mas o homem vive em cabanas, cobrindo-se com uma roupa discreta, pois quanto mais íntimo é seu ser, mais cuidadoso ele é; e guarda seu espírito como a sacerdotisa guarda a chama celeste, que é seu entendimento. E por isso lhe foram dados o arbítrio e um poder superior para ordenar e realizar em semelhança aos deuses; e foi dado ao homem o mais perigoso dos bens, a linguagem, para que com ela crie e destrua, aprofunde-se e regresse ao eternamente vivo, à mestra e mãe, para que mostre que herdou e aprendeu o que ela tem de mais divino, o amor que preserva o universo.*⁹⁰

A poesia revelar-se-á o continente maior da intersecção entre Heidegger e Rilke, a região por excelência de uma errância arriscada que fala das coisas, da vida, e do halo sagrado de mistério que as envolve.

⁸⁹ Sobre ποίησις (poiesis) vide M.HEIDEGGER, "A questão da técnica" in *Ensaio e Conferências*, p.24.

⁹⁰ F.HÖLDERLIN, apud M.HEIDEGGER, *Hölderlin et l' essence de la poésie*, p.44-45.

Mas, como poderia ser compreendida esta diferença do homem em relação aos outros entes? Por que ele é percebido como o espaço iluminado que simultaneamente clareia e encobre o ser ?

Para os dois autores, essa condição de estar sempre errante é percebida como algo inerente ao homem, ou seja, o dispõe a vagar em um *aberto originário constitutivo*, compreensão sempre além de explicações ou conceitos antropológicos definitivos, e que exige por isso um modo conveniente de pensá-lo e dizê-lo.

*Nós, os errantes que andamos sempre,
a procura do caminho mais solitário.
Sejam nossos desejos
de nos diluirmos no amor
e sermos como um riacho
que canta sua melodia para a noite.
O amor não dá
senão de si próprio.
E, quando atingirmos
a nossa plenitude
de coração,
que o vento se apodere]
de nós e nos espalhe.⁹¹*

A *errância* ⁹², para Heidegger, compõe a constituição íntima do homem, é o espaço de mobilidade constante no qual a existência escolhe,

⁹¹ ALICE SALLES TOLEDO DE CARVALHO, *Nós, os errantes*. Manuscrito gentilmente cedido pela autora..

⁹² *Errância* é algo da constituição primordial do homem, enquanto *ek-sistente*, essencialmente “ saindo p’ra fora”, já estando sempre na *errância*.. Sobre *errância* vide M.HEIDEGGER, “Sobre a essência da verdade” in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p.340-1.

se esquece e se engana sempre de novo. É a grande condição aberta onde o homem vai-e-vem entre o assombro do mistério e a operação da realidade, seguindo o seu percurso em meio a estas dimensões.

A errância para Rilke é também esse constante recomeçar que, contemplando o passado, nos projeta para um *aberto* que não se esgota.

*Quem nos desviou assim, para que tivéssemos
um ar de despedida em tudo que fazemos? Como aquele
que partindo se detém na última colina para contemplar
o vale na distância – e ainda uma vez se volta,
hesitante, e aguarda – assim vivemos nós,
numa incessante despedida.*⁹³

*O homem é na verdade porque ele é no aberto. Esta abertura, ele deve assumir, fazendo disso um domínio no qual não apenas as coisas aparecem, mas que, por sua própria presença, elas são religadas, ordenadas, constituem um mundo. É por este modo de ser que o homem merece ser chamado Dasein*⁹⁴

*... Mas como falar do Aberto e da Abertura, sem considerar Rainer Maria Rilke que, no julgamento mesmo de Heidegger, fez de ambos um tema fundamental de sua poesia.*⁹⁵

A linguagem da poesia reinstaura assim, compreendida a partir deste espaço do *aberto*, uma nova aproximação entre o homem e as coisas. Através de uma particular disposição de recolhimento que congrega e concentra, o poeta e o pensador vão buscar outras

⁹³ R.M.RILKE, *Elegias de Duíno*, tradução Dora Ferreira da Silva, p.47-8.

⁹⁴ A.DE WAELHENS, “La verité et l’ouvert:: Rilke et Heidegger” in *Phénoménologie et Verité*, p. 70. Sobre a noção de *Dasein* vide J.C.MICHELAZZO, *Do um como princípio ao dois como unidade*, p. 127-128.

⁹⁵ A.DE WAELHENS, “La verité et l’ouvert:: Rilke et Heidegger” in *Phénoménologie et Verité*, p. 72.

possibilidades de dizer estas coisas, ordenando-as, constituindo o mundo através delas, pondo-as à mostra no *aberto*.

Em nossa modernidade tecnológica, as coisas são percebidas quase sempre como um estoque de recursos automaticamente disponíveis para a produção, e parecem ter perdido o seu mistério e encantamento mágico.

Ambos vão compreender esta perda e entender a necessidade de iluminá-las na linguagem da poesia. Trata-se de uma dimensão que, de fato, não foi esquecida, e que antes disso, preserva a força de recolhimento do ser cada vez mais radiante, ao longo de sua caminhada.

*... estamos tão profundamente situados no fundo de toda transformação, nós, os mais inconstantes, que deambulamos querendo compreender tudo e que (mesmo sem apreendê-lo) convertemos ao desmesurado no fazer de nosso coração para que não nos aniquile.*⁹⁶

Há pequenos exemplos desse encantamento simples que nos rodeia, em sua linguagem de sentido. Em determinado texto, Heidegger nos remete a uma jarra de barro comum para refletir sobre a vigência do vazio da jarra, de sua “coisidade” e do sentido humano na sua presença⁹⁷; Rilke fala de rosas em várias de suas obras⁹⁸, percebendo-as como entes intactos, sempre completos mas em significativa expansão no múltiplo, imagens da beleza fugaz da existência.

Compreendendo que essa época obliterada pelo filtro metafísico privilegia uma linguagem correta e sem beleza, poeta e pensador sabem que há uma disposição apropriada para encontrar os gestos de

⁹⁶ R.M.RILKE, *Cartas sobre Cézanne*, p.35.

⁹⁷ M.HEIDEGGER, “A coisa” in *Ensaios e Conferências*.

⁹⁸ R.M.RILKE, *As rosas*.

aproximação e consentimento do mundo⁹⁹. Heidegger nos lembra que desta boa disposição em três elementos: *o rigor da meditação, o cuidado do dizer e a parcimônia das palavras*.¹⁰⁰ Ele e Rilke vão entender que o isolamento, o silêncio e o ritmo apropriado de envolvimento, podem nos indicar uma fluência adequada de gestos que criam sentido para as coisas no *enigma da cotidianidade* ¹⁰¹.

*Para Rilke como um pouco antes para Hölderlin, há uma boa e uma má imobilidade, um movimento bom e um outro mau. A má imobilidade, é a cristalização de definições, doutrinas, dogmas (pelo que o Divino se corrompe); o mau movimento, é a pressa, a agitação vã, a dispersão que extravia para longe de seu centro o homem moderno. A boa imobilidade, é a paciência, a espera, a abertura; o bom movimento, ou o movimento puro, é o impulso desinteressado, sem meta (Rilke dirá mais tarde o risco) que põe em relação o próximo e o distante.*¹⁰²

Estes gestos ou sutis acenos próprios da linguagem da poesia de Rilke e do pensamento de Heidegger, por vezes interpretados no pensamento contemporâneo como herméticos, subjetivos ou ineficazes em sua consistência, indicam uma nova palavra, diferente dos *sinais e símbolos plantados no solo da metafísica*.¹⁰³

*Coisas assim discretas e inaparentes fluem com abundância ... Refiro-me ao repouso de uma mão em que se recolhe o toque infinitamente distante de qualquer pegar, que já nem se pode chamar de gesto.*¹⁰⁴

⁹⁹ Sobre este tema, “dizer essencial”, serão dadas mais informações no Cap.II, Item 2.2 e Cap.III, Item 2.

¹⁰⁰ M.HEIDEGGER, “ Sobre o ‘ humanismo ’ ” in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p. 373.

¹⁰¹ M.HAAR, *La fracture de L’Histoire* p.61.

¹⁰² P.JACCOTTET, *Rilke*, p.41.

¹⁰³ M.HEIDEGGER, “ De uma conversa.sobre a linguagem entre um japonês e um pensador ” in *A caminho da linguagem.*, p.93.

¹⁰⁴ *Id.ibid.*,p.85.

*Os acenos precisam de um amplo espaço de oscilação
Que os mortais só conseguem percorrer vagarosamente.*¹⁰⁵

Mas, perguntariam Rilke e Heidegger, dentre estes gestos e acenos da poesia, qual deles seria a palavra para o homem reencontrar o deus em fuga, esse deus no exílio, que nossa época de indigência teria perdido ?

*É o cair da tarde. Desde que “três aliados substanciais”, Hércules, Dionísio e Cristo deixaram o mundo, a tarde desta época declina para sua noite.*¹⁰⁶

Nesta obscura noite do mundo, representada pela paisagem tecnológica, restam vestígios dos deuses fugidos, cujos traços só os poetas podem perceber. O afastamento dos deuses nos torna órfãos e reafirma um mundo à imagem e semelhança dessa ausência.

Ao falarmos do sentido de divindade na obra de ambos, estamos certamente entendendo um caráter distinto do que é freqüentemente encontrado no formalismo das estruturas religiosas. Longe de dogmas teológicos, cada um a seu modo, fala da inacessibilidade desta região de solo sagrado, procurando com o cuidado da palavra justa, resgatá-la na aridez de seu tempo.

*Eu vivo bem o século que passa.
Sente-se o vento de uma folha imensa
escrita por Deus, e por ti e por mim,
de mãos estranhas a pender suspensa.*

*Percebe-se o clarão de uma página nova,
sobre a qual tudo pode vir a ser.*

¹⁰⁵ *Id. ibid.*, p.95.

¹⁰⁶ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 323.

*As calmas forças testam-lhe a extensão
e trocam olhares na escuridão.*¹⁰⁷

Esta região que os autores percorrem, onde a história ocidental planetária parece dar sinais de esgotamento, as utopias tendem a mostrar-se exauridas, e a própria história parece ressentir-se da falta de futuro, obriga-os a resvalar em algo *não-historial*¹⁰⁸, em algo divino.

Heidegger utilizará, a partir dos anos trinta, a expressão *Ereignis*¹⁰⁹, que também retomaremos em outros momentos do trabalho, como uma palavra-guia que indica esse movimento historial de apropriação do ser, um outro começo de aproximação ao essencial do humano, passagem para um pensamento originário que não fosse apenas cronológico e histórico, mas antes, destinal. Neste momento, aproxima-se da poesia de Hölderlin, para a escuta dos poetas, aqueles que lembram a fuga dos deuses e dizem o acontecimento vindouro.

*Ereignis, que faz aparecer fora de época mundo e coisa com a instantaneidade de um raio, reenvia à face escondida da história, ao seu avesso impensado onde não reina nada senão o laço imemorial do ser e do homem.*¹¹⁰

¹⁰⁷ R.M.RILKE, *O livro de horas*, p.22.

¹⁰⁸ Vejamos o sentido de algumas expressões:

- *história* (*Historie*), refere-se à disciplina que pesquisa e assenta informações, fatos e suas relações através de um caráter cronológico.
- *historial* (*Geschichtlich*) refere-se a acontecimentos preparados e reservados à humanidade, entendidos como destino, tendo como pano de fundo uma época. Vide M.HEIDEGGER, “Sobre a essência da verdade” in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p.337.
- *não-historial* (*Ungeschichtlich*) refere-se à co-pertinência do homem ao ser que precede à história e a sobreviverá. É uma condição prévia que escapa ao sentido de história. Vide M.HEIDEGGER *Questions IV* p. 74.

¹⁰⁹ A expressão *Ereignis*, segundo Heidegger, é tão intraduzível quanto o *logos* grego ou o *tao* chinês. Vide M.HEIDEGGER, “O princípio da identidade” in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p.383-384 e “A caminho para a linguagem” in *A caminho da linguagem*, p.209. No Cap.III, Item 3.2, serão dadas mais informações sobre esta noção de *Ereignis*.

¹¹⁰ M.HAAR, “Avant-propos” in *La fracture de L’Histoire*, p. 14.

Este recomeço ou viravolta (*Kehre*) é possível porque a história do ser também é finita, não porque nasce e morre como os homens, mas porque, como eles, encontra no final de seu caminho a vigência de uma alteridade incontornável, indizível, sem tempo, e pode assim chegar a ser recomeçada.

Assim, tanto o olhar do pensador como o do poeta, acenando para o destino do ser, assumem o risco de tentar, tanto quanto possível nessa época, religar a terra com o mundo e devolver ao homem um sentido que lhe é mais próprio, através de dimensões primordiais como a morte, a dor, o amor e o sagrado e criar assim, talvez, o solo conveniente para o retorno dos deuses. É um ensaio de religação do ser à história, através do pensamento e de palavras que entrevêm o sentido esquecido dos *elementa*¹¹¹, um ensaio de reabertura de significados para a existência através do céu, da terra, dos deuses, do dia, da noite, da angústia e do silêncio.

*“eles atravessam os séculos como um pedestal imemorial, como uma água profunda que as vagas da superfície não perturbam jamais, designados por diversos nomes que não fazem senão adornar uma essência imemorial sempre já experimentada antes de ser nomeada.”*¹¹²

Ao atravessar esta região indigente da modernidade, Rilke e Heidegger vêem uma paisagem metafísica que esqueceu esses elementares, como se fossem coisas inúteis empoeiradas pelo tempo.

¹¹¹ Componente primeiro, original, de alguma coisa. Entidade mais simples, fundamental e universal. Vide Platão, *Teeteto* 210e e Aristóteles, *Metafísica* V,3 1014-30. Vide *elementar* in S.T.MUCHAIL, *Lou Salomé: o ‘elementar’ por sob a vida*.

¹¹² M.HAAR, “Avant-propos” in *La fracture de L’Histoire*, p. 24.

Ambos crêem que essas coisas abandonadas ainda podem e devem revelar, na linguagem originária, seu brilho próprio; e que talvez, esses elementares ainda mereçam ser desvelados para nós de tal modo, que cheguem a configurar assim um destino .

*A linguagem é a casa do ser. Nessa habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas dessa habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam.*¹¹³

*Estamos aqui talvez para dizer : casa,
ponte, árvore, porta, cântaro, fonte, janela -
e ainda: coluna, torre ... Mas para dizer, compreenda,
para dizer as coisas como elas mesmas jamais
pensaram ser intimamente.*¹¹⁴

¹¹³ M.HEIDEGGER, *Sobre o "Humanismo"*, p.34.

¹¹⁴ R.M.RILKE, *Elegias de Duíno* , tradução Dora Ferreira da Silva, p.52.

CAPÍTULO DOIS

A TÉCNICA NA MODERNIDADE

Quando o mais afastado rincão do globo tiver sido conquistado tecnicamente e explorado economicamente; quando qualquer acontecimento em qualquer lugar e a qualquer tempo se tiver tornado acessível com qualquer rapidez; quando um atentado a um rei na França e um concerto sinfônico em Tóquio puderem ser “vividos” simultaneamente; quando tempo significar apenas rapidez, instantaneidade e simultaneidade e o tempo, como História, houver desaparecido da existência de todos os povos [...] então, justamente então, continua ainda a atravessar toda esta bruxaria, como um espectro a pergunta: Com qual objetivo? – Onde iremos nós? – E em seguida virá o que? (1935) ¹¹⁵

*É estranho, sem dúvida, não habitar mais a terra,
abandonar os hábitos apenas aprendidos,
às rosas e a outras coisas singularmente promissoras
não atribuir mais o sentido do vir-a-ser humano;
o que se era, entre mão trêmulas, medrosas,
não mais o ser; abandonar até mesmo o próprio nome
como se abandona um brinquedo partido.¹¹⁶*

Procuraremos tratar a dimensão controvertida da técnica na Modernidade, a partir de quatro perspectivas: a técnica como destino para o homem moderno, destino que aporta horizontes particulares, relativamente recentes para a história do homem; a técnica enquanto um

¹¹⁵ M.HEIDEGGER, *Introdução à Metafísica*, p.64-65.

¹¹⁶ R.M.RILKE, *Elegias de Duíno*, tradução de Dora Ferreira da Silva, p.5-6.

tipo particular de saber classificado como ciência moderna; a técnica como linguagem, expressão na qual ela pensa e fala sobre o mundo e a realidade dos homens; e a técnica como poder que explora, interfere e decide o próprio destino do homem. A combinação destes aspectos pode mostrar um pouco da natureza essencial do que estamos entendendo por técnica, na Modernidade.

Este percurso inclui tanto o entendimento particular que Heidegger possui sobre esta questão da técnica, quanto a visão do poeta Rilke, sobre como esta era que ela domina, dispõe o homem em relação à sua existência.

1 – A técnica como destino

1.1 – A “noite do mundo”

*Na idade da noite do mundo, o abismo do mundo deve ser experimentado e suportado. Mas, para isso, é preciso que alguns atinjam o fundo do abismo.*¹¹⁷

No início da preleção *Poetas em tempos de indigência (Dichter in dürftiger Zeit)*¹¹⁸, que fez para um círculo fechado de amigos no vigésimo aniversário da morte de Rainer Maria Rilke (1946), Heidegger indica que estamos, hoje, no crepúsculo epocal do dia em que os deuses se foram, após terem habitado longo tempo entre nós.

Esta fuga dos deuses nos deixa num mundo de trevas, uma escuridão onde nada pode aparecer ou mostrar-se, como se tivéssemos sempre ao nosso redor um grande nada, um total vazio de sentido, um *nihil*.

¹¹⁷ M.HEIDEGGER, “Wozu Dichter” in *Holzwege*, p.249.

¹¹⁸ *Vide* Capítulo I, Item 2, p.39.

Assim como Nietzsche mencionou antes, Heidegger percebe que o nihilismo da Modernidade pode ter raízes históricas muito distantes, no percurso da metafísica e mesmo das religiões, embora não deixe também de ter um nítido reflexo de marcas particulares do nosso próprio tempo.

- *Deus está morto!* Essa expressão original, de particular sentido em Nietzsche, foi depois resignificada por Heidegger ¹¹⁹, em suas reflexões sobre a indigência de nossa era, junto à poesia de Rilke.

Você não ouviu falar desse alienado, que, em pleno dia, acendeu uma lanterna e punha-se a correr sobre a praça pública gritando sem parar: “Eu procuro Deus!” Como encontravam-se lá muitos daqueles que não acreditavam mais em Deus, seu grito provoca grande hilaridade. “Onde você o perdeu?” disse um. “Ele se perdeu como uma criança?” perguntava outro. “Onde será que ele se escondeu? Será que tem medo de nós? Será que viajou? Terá emigrado?” assim gritavam e riam todos à torto e à direito. O alienado pula no meio deles e os trespassa com seu olhar. “Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos.”¹²⁰

O nihilismo do nosso tempo, a partir desta referência da fuga dos deuses, se for entendido dentro da história da filosofia, expressa para Heidegger a preocupação restrita da nossa era apenas com a dimensão dos entes, desacreditando da dimensão do ser ou esquecendo-a.

Este tempo noturno em que vive o mundo hoje, pode ser entendido como indigente por empobrecer-se e estreitar-se em vários sentidos, a partir deste mencionado afastamento dos deuses.

Quando falamos da morte de Deus, portanto, não podemos evitar que emergam as imagens que indicam o colapso de uma tradição cultural: o universo perde o seu centro, um cortejo fúnebre que atravessa os espaços cósmicos e metafísicos, outrora carregados de sentido, agora frios, vazios,

¹¹⁹ M.HEIDEGGER, Le mot de Nietzsche “Dieu est mort” in *Chemins ...*

¹²⁰ F.NIETZSCHE, “Gai Savoir” apud M.HEIDEGGER, “Le mot de Nietzsche ‘Dieu est mort’ “ in *Chemins ...*, p.259.

silenciosos, com o apagar do seu sol; o réquiem silencioso que as hostes celestiais ausentes entoam diante da morte da própria vida. ¹²¹

É Rilke quem escreve:

*Trocamos os deuses pelo lixo podre,
pois os deuses não aliciam. Têm ser
e nada mais que ser, excesso de ser,
mas não têm cheiro, nem gesto.
Nada é tão mudo como a boca dum deus.*¹²²

E é também Heidegger:

*É o tempo dos deuses que fugiram e do deus que virá. É o tempo de indigência, porque está numa dupla carência e negação: nele, já não há mais dos deuses que fugiram, e nele ainda não há daquele que vem.*¹²³

É como se esta época da noite do mundo, regida pela técnica da modernidade, para a qual falta fundo, fundamento, estivesse suspensa num abismo¹²⁴. Porém, dentre todos os mortais, há um que deve atingir, antes e de modo diferente dos outros, esse abismo, experimentando as marcas que ele desenha e revela. Para Heidegger, esse mortal é o poeta, capaz de perceber na difusão do abismo, os vestígios do sagrado.

*Então elevou-se uma árvore! Pura elevação!
Orfeu está cantando! Uma grande árvore no ouvido!
E tudo silenciou! Mas mesmo no silêncio unânime,
Nasceu novo princípio, gesto e transformação!* ¹²⁵

¹²¹ R.ALVES, *O enigma da religião*, p.31.

¹²² R.M.RILKE, *Poemas II*, tradução Paulo Quintela, p.53.

¹²³ M.HEIDEGGER, *Hölderlin y la esencia de la poesía*, p.147.

¹²⁴ Abismo (*Abgrund*) significa originalmente o solo e o fundo a que tende isso que está suspenso à beira do precipício. Assim o *a* (ab) de abismo será pensado como ausência total do fundamento. O fundamento é o solo para um enraizamento in M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...* p.324.

¹²⁵ R.M.RILKE, *Sonetos a Orfeu*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, p.21.

Os poetas distinguem as pegadas dos deuses que fugiram, e permanecendo atentos a estes traços, percebem que acenam para o caminho para uma “viravolta”¹²⁶.

O poético aqui pode ser entendido como *a abertura de um espaço de compreensão e de inteligibilidade situado para além (ou para aquém?) do nível estrito de conhecimento [...]* O poético carrega o sentido de um vigor pulsante e acaba por confundir-se com a ‘vida’.¹²⁷

O poeta é aquele que se arrisca mais, que se expõe ao risco de dizer.

*Rainer Maria Rilke é um poeta em tempos de indigência?*¹²⁸

Heidegger pretende responder afirmativamente a esta pergunta, procurando compreender a relação de Rilke com a indigência de nossa época e até onde teria ele descido neste abismo da noite do mundo.

Na preleção sobre Rilke, ele indica um possível caráter ainda “metafísico” em alguns de seus versos, mas também aponta para uma reflexão poética autêntica em sua obra de maturidade. Ao apresentá-la, em 1946, possui já uma familiaridade profunda e uma ligação significativa com a poesia de Rilke.

J.F. Angeloz, tradutor de Rilke, sem detalhar sobre o contexto do comentário mencionado, assinala:

*[...] quando Heidegger conheceu as Elegias de Duíno, declarou disseram-me, que Rilke havia dito em linguagem poética as mesmas idéias que ele em suas obras.*¹²⁹

¹²⁶ Vide *viravolta* no Capítulo I, Item 2, p.36, nota 62.

¹²⁷ S.T.MUCHAIL, *Lou Salomé: o ‘elementar’ por sob a vida*, p.41-43.

¹²⁸ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p.329.

¹²⁹ J.F.ANGELLOZ, “Introduction” - *Les élégies de Duino et les sonnets a Orphée*, p.15.

Embora essa avaliação não possa ser bibliograficamente refutada , confirmada, ou melhor referenciada, é um indício curioso da intensa proximidade de Heidegger com a poesia de Rilke.

Outro tradutor, Paul de Man, nos diz:

*Ao lado de serem em si mesmas “figuras” poéticas, As Elegias de Duino estabelecem uma verdadeira filosofia existencial ...*¹³⁰

O sentido que está em questionamento na poesia de Rilke e na leitura que dela faz Heidegger, remete-nos para a necessidade de uma compreensão mais clara daquilo que podemos entender por indigência do nosso tempo.

1.2 – A “indigência da Modernidade”

*Será possível conceber o Dasein como um ente em cujo ser vige o “poder-ser”, se justamente em sua cotidianeidade o Dasein “perdeu a si mesmo” e, na decadência, vive “distante de si mesmo” ?*¹³¹

Para Heidegger a Modernidade trouxe consigo uma época marcada por um novo traço: - a condição de indigência para os homens, algo que caracterizaria os tempos modernos.

O que podemos descrever como “indigência da Modernidade” começa, pode-se dizer, com a história da Metafísica – um saber e um destino que desde Platão, segundo Heidegger, emolduram o caminho do Ocidente.

A principal característica da metafísica é aquilo que Heidegger denomina de abandono do ser e de sua redução à categoria de ente. Assim, este momento historial que vivemos – a que denominamos

¹³⁰ P. DE MAN, “Introduction”- *Poésie*, p.35.

¹³¹ M.HEIDEGGER, *El Ser y el Tiempo* , p. 199.

Modernidade – cujas cores são particularmente carregadas a partir do século XX, tem as marcas da metafísica e é dominado pela técnica.

A técnica moderna, através de seu caráter calculador, objetivante e homogeneizante, constitui uma realidade que planifica, organiza e instrumentaliza a vida humana, tornando seus horizontes primordiais preteridos e desqualificados.

Nós inventamos a felicidade, dizem os últimos homens, e piscam o olho. Com a garantia da nossa sociologia, da nossa psicologia e da nossa psicoterapia – e de mais alguns outros meios ainda – nós vamos de todas as formas nos ocupar em colocar imediatamente todos os homens do mesmo modo no mesmo estado da mesma felicidade, e de assegurar a igualdade de bem estar de todos.[...] não se pode fazer senão piscar olho, seguindo um destino sinistro que impede o homem moderno de olhar para além de si e para além do modo de apresentar o que é seu.¹³²

A homogeneização inevitável da técnica, na perspectiva heideggeriana, abre uma região de perigo que coloca em risco a essência do homem, deixando-o à mercê da indigência, penúria moral e espiritual.

A época é estreita, pois a essência da dor, da morte e do amor não lhe é aberta. Estreita é esta indigência em si mesma, pois esconde a região essencial onde dor, morte e amor desdobram sua pertinência. Há velamento na medida onde a região de seu pertencimento é o abismo do ser.¹³³

A palavra indigência equivale, na tradução francesa, ao termo *détrèsse*, que deriva do latim *districtia*, tendo o sentido de estreiteza, limitação à compreensão do mundo e da vida, como um aperto que nos estreita. A expressão *navire en détrèsse*, que significa nau à deriva, pode expressar também a noção de um desvio do curso original, de uma

¹³² M.HEIDEGGER, *Qu'appelle-t-on penser ?*, p.62-63.

¹³³ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 330-331.

mudança de direção, de um deixar levar-se ou abandonar-se a uma dada circunstância crítica.

Heidegger entende que o desdobramento de nosso mundo planetário através da técnica e da ciência, vai ameaçar o nosso enraizamento no solo de uma região mais original.

*O enraizamento (die Bodenständigkeit) do homem atual está ameaçado na sua mais íntima essência. Mais: a perda de enraizamento não é provocada somente por circunstâncias externas e fatalidades do destino, nem é o efeito da negligência e do modo de vida superficial dos homens. A perda do enraizamento provém do espírito da época, no qual todos nós nascemos.*¹³⁴

Através da despotencialização do espírito provocada pela técnica os homens acabaram resignando-se, gradualmente, a sua massificação homogênea, a uma priorização de mediocridades, e à destruição gradual do planeta. E o pior, à desfiguração do seu próprio espírito.

*... o mundo: pobre pedaço de um vaso que recorda o ser da terra.*¹³⁵

Rilke em vários momentos de seu trabalho, vai também abordar esta “indigência da Modernidade”, entendendo a realidade do homem contemporâneo como oca, fragmentada e dividida, em contraposição a uma vida plena, por vezes difícil, mas de caráter mais íntegro.

Vejamos na narrativa destes seus versos de 1903 – portanto, há mais de um século atrás - , sua percepção dessa indigência:

*... as cidades grandes
são perdidas e desagregadas;
a maior não é senão a fuga de um incêndio*

¹³⁴ M.HEIDEGGER, *Serenidade*, p.17.

¹³⁵ R.M.RILKE, Lettre a Jules Supervieille, escrita uma semana antes da morte de Rilke, in *Correspondance*, p.612.

*não há consolo em sua desesperança
e seu tempo é miserável e calculado.*

*Lá, vivem em aposentos degradados, na indigência,
homens de gestos ansiosos,
mais inquietos do que um rebanho de animais,
porém, o solo da terra lá fora respira e vela;
eles, entretanto, apenas existem e já o esqueceram.¹³⁶*

Talvez assim, sem perceber com clareza esta dimensão histórica da qual participa, o homem pode apenas pressentir a penúria de sua época, esta “noite do mundo” da Modernidade. Por isso, a indigência do homem contemporâneo torna-se assim a penúria da própria indigência.¹³⁷ É, para Heidegger, o homem apartado de sua essência, de sua região de pertencimento, de seu destino.

O esquecimento do mistério de seu destino, dimensão incontornável por qualquer tipo de técnica, permanece como um apelo silencioso, presente na nossa condição indigente. Assim, a penúria da indigência nos impede de perceber o abandono do ser, a essência da técnica e seu desdobramento historial na modernidade.

O estado do mundo é vivido em toda parte sob silêncio enquanto plenitude da indigência. Apesar de toda esta situação, a essência de sua história é sem indigência. Mas, relativamente à história do ser isso é a sua indigência suprema e a mais escondida. Pois ela é a indigência mesma do ser.¹³⁸

¹³⁶ R.M. RILKE, “Le Livre d’Heures” in *Poésie*, p.113.

¹³⁷ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p.325.

¹³⁸ M.HEIDEGGER, “La Métaphysique en tant qu’ Histoire de L’ Être” in *Nietzsche II*, p.314.

1.3 – A essência da técnica

*A essência da técnica não vem senão lentamente à luz do dia. E esse dia é a noite do mundo, revisto e corrigido como um dia técnico. Esse dia é o dia mais curto. Com ele, ameaça um inverno sem fim. Agora não se recusa ao homem apenas abrigo: a integridade do ente e sua totalidade permanece nas trevas.*¹³⁹

Para o senso comum, a técnica não passa de um conjunto de ferramentas, mais ou menos sofisticadas, bem como também de procedimentos mais ou menos complexos, a serviço da produção e do funcionamento destas ferramentas ou máquinas.

Se considerarmos a idéia de ferramenta ainda no sentido comum, vamos traduzi-la como um meio que serve para algum fim relativo a alguma necessidade do homem. Assim, nossa idéia habitual de técnica, reveste-se em geral de uma dimensão instrumental.

Heidegger, desde 1927 em *Sein und Zeit*, mostra que é impossível que alguma finalidade a que se proponha o homem, ou mesmo algum meio para atingi-la, aconteça sem que um dado “mundo”, enquanto horizonte dos projetos relativos à essa finalidade, não seja já revelado como um pano de fundo correlato de todo projeto. Sendo assim, o uso de toda ferramenta, pressupõe, para além de todas as intenções de utilidade, a abertura de um mundo. Neste sentido o homem que, através do entendimento do senso comum, fosse classificado tecnicamente como um criador ou operador, e talvez até polivalente de fins e meios, de fato nunca se reduziria a isto, pois é através do ser aberto a um mundo, que ele se torna aquilo que de fato, poderia ser.

Este questionamento mostra então que, no cerne de uma ferramenta, sempre haverá uma correlação de descobrimento de um

¹³⁹ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...* , p. 355.

mundo e de um modo de ser, o do homem, chamado por Heidegger de *Dasein*¹⁴⁰, que é essencialmente aquele que descobre.

Em sua perspectiva mais essencial, a técnica é um destino que participa da história do ser, enquanto esquecimento de sua verdade. Ela envolve e domina a existência dos homens na Modernidade, de tal modo que ainda não chegamos a pressentir completamente.

A palavra *técnica* provém da palavra grega *τεχνη* (*techné*), que significou para os gregos tanto a arte do artista quanto o *métier* do artesão. As próprias palavras artista e artesão, em nossa língua, provém de uma mesma raiz. Na acepção moderna e corrente, como acabamos de dizer, a técnica é o conjunto de instrumentos que servem para “fazer” alguma coisa, com os procedimentos necessários para “fazê-la”, acentuando assim na palavra *τεχνη*, o seu caráter de um “fazer” ou de uma “fabricação”. Porém, o aspecto determinante quando se procura compreender a essência da técnica, não diz respeito a esta dimensão de fazer ou manusear esta ou aquela ferramenta, nem à sua aplicação operacional como meio para alguma finalidade, mas antes, a este descobrimento que essencialmente se dá, ou melhor, um desencobrimento. E é neste sentido que a *τεχνη* se constitui e realiza, ainda que como produção moderna.

*“ [...] Desde que o homem no meio do ente (φύσις) no qual ele é exposto, procure ganhar uma base e se instalar, e que proceda desta ou daquela maneira para dominar e superar o ente, seu modo de proceder ao encontro do ente é então levado e dirigido por um saber que concerne ao ente. E esse é o saber que se nomeia τεχνη.”*¹⁴¹

¹⁴⁰ M.HEIDEGGER, *El Ser y el Tiempo*, 1ª Sección, Caps. I-II.

¹⁴¹ M.HEIDEGGER, “Nietzsche I” *apud* J.TAMINIAUX, “L’essence vraie de la technique” in *Cahiers L’Herne Heidegger*, p.288-289. Sobre esta noção de φύσις serão dadas mais informações p.82-83.

Assim, é relativamente a um certo modo de descobrimento do ente que a técnica deve a sua essência, mas, este modo de descobrimento que é predominante na técnica moderna, parece caminhar para uma direção diferente de ποιησις, a “produção” tal como era entendida no sentido grego¹⁴², caracterizando-se antes por uma exploração imposta à natureza, da qual procura obter energia beneficiada e armazenada para suas finalidades de produção.

A expressão *Gestell*¹⁴³, para Heidegger, irá resumir este caráter de dominação da natureza pela técnica, transformada historicamente em uma total mobilização tecnocrata devotada à produção, à acumulação, ao transporte e à administração deste movimento a partir do século XX.

*O que estou tentando fazer durante esses meses (1951), mesmo em relação ao público, permanece ambíguo e um inevitável tributo à Gestell. Isto foi um tributo para a tecnologia que domina a totalidade do ser da humanidade moderna.*¹⁴⁴

Na sua condição indigente de nossa época, o homem parece ter extrema dificuldade em se dar conta de que a técnica é apenas um tipo de descobrimento do ser, dentre outros, não sendo assim um fado irremovível para ser cumprido e vivido.

*Entre martelos subsiste
nosso coração, como a língua
entre os dentes, que não obstante
permanece aquela que louva.*¹⁴⁵

¹⁴² Vide nota 89, p.47.

¹⁴³ Vide nota 87, p.46.

¹⁴⁴ M.HEIDEGGER apud H.W.PETZET, *Encounters and Dialogues with Martin Heidegger*, p.51.

¹⁴⁵ R.M.RILKE, *Les élégies de Duino*, traduit par Angelloz, p.92-93.

Podemos perceber portanto a íntima relação entre o sentido mais essencial de *τεχνη*, e a noção de um *Aberto* que pode ser desencoberto e experimentado pelo homem enquanto ser no mundo, enquanto *Dasein*.

Vejamos a seguir como esta noção de Aberto, tão cara a Heidegger como a Rilke, refere-se em particular à essência da técnica, mostrando-se como o reverso de um mesmo destino.

1.4 – O Aberto

*A liberdade em face do que se revela no seio do aberto deixa que cada ente seja o ente que é.*¹⁴⁶

*A percepção da totalidade, à qual todo ente, na sua condição em risco, é abandonado, Rilke a chama à vontade “o aberto”(das Offene).*¹⁴⁷

Tanto para Heidegger quanto para Rilke a expressão *O Aberto* (*Das Offene*) possui uma importância essencial, ligando-se tanto à técnica, quanto à sua condição de destino para o homem na Modernidade.

Se entendemos que a técnica, em sua essência, é um modo entre outros de desencobrimento do ser, compreenderemos que nossa indigência na modernidade, possibilitada por seu substrato histórico de vigência tecno-científica como um modo particular de desencobrimento do mundo e da vida, não extinguiu absolutamente outros modos. Estes outros modos, o homem abriga como possibilidades precisamente porque sua constituição primordial é a *abertura*, em razão da qual pode ser chamado de *Dasein*. O *Da* na expressão *Dasein* refere-se a um “espaço”,

¹⁴⁶ M.HEIDEGGER, “Sobre a essência da verdade” in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p.336.

¹⁴⁷ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...* , p. 341.

que também é um modo, que também é possibilidade para a presença do ser. Ao denominar o homem de *Dasein*, Heidegger visualiza a compreensão de ser no mundo, como uma clareira onde se manifestariam as coisas enquanto tais, o lugar apropriador, o vazio acolhedor de uma *Abertura*.

Esta abertura é o domínio do que é iluminado ou do manifesto. O homem, como *Dasein*, é o ente a quem é dado pelo ser, encontrar-se na abertura do próprio ser. Este privilégio exclusivo do homem dentre os entes, permite que ele seja tocado pelos outros entes que se lhe manifestam.

*Enquanto Dasein, o homem não é transferido para dentro de uma região aberta da mesma maneira que um par de sapatos é colocado diante da porta de um quarto; como Da-sein, o homem é o abandono errante no aberto, cuja abertura e clareira é o mundo.*¹⁴⁸

O homem é o abandono errante no *Aberto*, não por uma circunstância fática ocasional, mas por sua constituição primordial como *Dasein*, ou seja um ente que está permanentemente *Aberto*, *ek-sistindo*, saindo para fora, isto é, *ek-stático*, *ek-cêntrico*.

*A essência do Dasein encontra-se na sua existência.*¹⁴⁹

O homem enquanto um ser *ek-sistente* que caminha na errância, simultaneamente ameaça e possibilidade, guarda nesta *ek-sistência* a plenitude de possibilidades que o grande *Aberto* abriga. Este entendimento introduz outra compreensão para a condição indigente do homem, levando em conta sua permanente oscilação entre o mistério e a própria errância.

¹⁴⁸ M.HEIDEGGER, *Gesamtausgabe* Vol. XLIX, p.43 *apud* M.INWOOD, *Dicionário Heidegger*, p.37. Vide também Capítulo I, Item 2, p.48, nota 92.

¹⁴⁹ M.HEIDEGGER, *El Ser y el Tiempo*, p. 54.

*O Aberto é o grande todo de tudo isso que é livre de limite.*¹⁵⁰

Rilke aborda várias vezes esta noção de Aberto, e de um modo próprio procura expressá-la também como uma dimensão importante e talvez original, que antecede o nosso olhar já modificado pela técnica.

*Com todos os olhos, a criatura vê o Aberto.
Nosso olhar, porém, foi revertido e como armadilha
se oculta em torno do livre caminho.*¹⁵¹

O Aberto (Das Offene), para Rilke, é compreendido de modo bastante similar à noção dada por Heidegger ao *Dasein*. É no *Aberto*, através da presença dos seres, lançados na passagem da *inter-ação pura (Bezug)*¹⁵², que homem e mundo complementam-se e permanecem assim sem limites ou sem os contornos da representação.

Para o poeta, várias situações exemplificam como nossa relação com o mundo abre-se em um espaço total, transparente, que Rilke chama de *O Aberto*, *um espaço tão intacto quanto o interior de uma rosa, um espaço angélico.*¹⁵³

*[...] Assim, nós temos, sem abrigo,
uma segurança, lá onde opera a gravidade
das forças puras; isso que enfim nos salva,
é ser sem abrigo, e ter este ser,
voltado para o aberto, vendo-o ameaçar,
para, em alguma parte no mais vasto círculo,
lá onde a lei nos toca, dizer-lhe sim.*¹⁵⁴

¹⁵⁰ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 341.

¹⁵¹ R.M.RILKE, *Elegias de Duíno*, tradução Dora Ferreira da Silva, p. 45.

¹⁵² Vide *Bezug* in M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 340.

¹⁵³ R.M.RILKE, *Correspondance*, p. 393.

¹⁵⁴ R.M.RILKE, *apud* M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 333.

Através desta noção de Aberto e de algumas outras, Heidegger avalia se Rilke, enquanto *poeta em tempos de indigência*, estaria ainda tal como Nietzsche a seu ver, *no cone de sombra de metafísica*.¹⁵⁵ Questiona se o poeta estaria olhando a realidade como um objeto, estabelecendo com ela uma relação de alteridade, a partir de uma interioridade subjetiva.

As posições de alguns comentadores a esse respeito são controvertidas e ultrapassam nosso interesse neste trabalho. Ao lado disto, o próprio Heidegger diz em algumas passagens que a poesia de Rilke poderia também estar tentando inverter esta relação, e restituir ao homem sua mais própria natureza, em amplo sentido, como o lugar da *Abertura* onde poderiam desdobrar-se os entes em sua totalidade.

Alphonse De Walhens, autor de trabalho sobre ambos, observa:

- *Esta totalidade [do Aberto] é para Rilke indiferentemente a totalidade do ser ou aquela dos entes, a “Vida” (que de resto não é exclusiva da morte, pelo contrário), a φυσικς grega.*¹⁵⁶

Tezuka Tomio, professor de literatura germânica da Universidade de Tóquio, chega a estabelecer também um interessante questionamento sobre a legitimidade ontológica da poesia de Rilke, interlocutando com o próprio Heidegger, de quem foi aluno e amigo.¹⁵⁷

Assim, este nosso destino de supremacia da técnica, que turvou o céu da noite do mundo, nos deixando numa condição historial de indigência, na verdade não fecha nenhuma via, mas apenas mostra

¹⁵⁵ M.HEIDEGGER, *P.P. Chemins ...* p.344.

¹⁵⁶ A.DE WAELHENS, “La verité et l’ouvert” in *Phénoménologie et Verité*, p.73.

¹⁵⁷ TOMIO TEZUKA, “An hour with Heidegger” in MAY, REINHARD, *Heidegger’s hidden sources – East Asian influences on his work*, p.63.

consigo alguma aurora no outro lado do horizonte, na medida que o ser , em seu grande *Aberto* possibilitador, faz entremostrear aquilo que ainda não se mostrou para o destino humano.

Embora a técnica possa pretender fechar-se em nosso tempo como um destino, ele é aberto dentro do homem, e sempre pleno de possibilidades históricas.

*[...] em breve virá à luz do dia a profunda inverdade daquela palavra que Napoleão disse a Goethe em Erfurt: A política é o destino. Não, o espírito é o destino, e o destino é espírito.*¹⁵⁸

Vamos a seguir, falar da técnica como saber, que certamente é sua manifestação mais contundente em nossa época, representada pela ciência. Um tipo particular de saber, um saber que de várias formas cada vez mais se institucionaliza, formaliza e assim parece estar gradualmente se afastando mais do conhecimento do homem, do mundo e da própria vida, da *Lebenswissenschaft* .

¹⁵⁸ M.HEIDEGGER, "Schelling" *apud* R.SAFRANSKI, *Heidegger* , p. 334.

2 – A técnica como saber

*Todos os problemas humanos serão equacionados pela dominação técnica da natureza e pela mudança do astro Terra.*¹⁵⁹

*Isto que ameaça o homem e seu ser, é a opinião segundo a qual a produção técnica colocará o mundo em ordem, enquanto que é precisamente esta maneira de “pôr em ordem” que nivela, na uniformidade da produção, todo “ordo”, quer dizer toda certeza, destruindo assim de antemão o domínio da proveniência possível, de um lugar e de um conhecimento a partir do ser.*¹⁶⁰

A manifestação de nosso destino técnico, que se mostra mais exuberante e funcional, e que se estabelece a partir de um determinado tipo de saber na Modernidade, é a ciência.

Compreendamos, dentro desta destinação histórica, um pouco da concepção da ciência, de seus atributos, seu modo de olhar o mundo e suas conseqüentes implicações para a vida dos homens.

Considerada a partir de seus fundamentos, desdobrados na técnica, a ciência moderna é para Heidegger, um período de progressiva desqualificação ontológica das coisas, que se manifesta em todos os âmbitos da nossa vida atual. Num de seus últimos textos em 1976, em uma comunicação para os participantes do “X Colóquio Anual sobre Heidegger” em Chicago, propõe a seguinte questão:

¹⁵⁹ F.BACON, citação de B.NUNES, *Colóquio Heidegger* PUC-SP, Nov.1995.

¹⁶⁰M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 354.

É a ciência natural moderna – segundo acredita-se – o embasamento da tecnologia moderna ou já é, por sua parte, a forma fundamental do pensar tecnológico, o preceito (Vorgriff) determinante e a incursão (Eingriff) constante do representar tecnológico na maquinação da técnica moderna, em sua execução e em sua organização ? ¹⁶¹

Nossa realidade, onde desdobramos nossa história contemporânea, é cada vez mais, em suas marcas mais presentes, co-determinada por aquilo que se denomina ciência européia-ocidental. Ela parece ter desenvolvido, ao longo de algumas etapas da história da modernidade, um poder que não pode ser comparado a qualquer outro e aparenta estar em vias de ampliar-se ainda mais ao redor de todos os confins do planeta.

Entretanto, o que rege a ciência e estabelece o seu poder, não se reduz à simples vontade de saber do homem, mas fundamenta-se na história da metafísica. Considerada a partir de seus fundamentos, a ciência é, para Heidegger, o “acabamento da metafísica” ¹⁶².

A metafísica, sob todas as suas formas e em todas as etapas de sua história, é uma fatalidade única, mas talvez também a fatalidade necessária do ocidente e a condição de sua dominação estendida à toda a terra. ¹⁶³

¹⁶¹ M.HEIDEGGER, *apud* F.DUQUE, “Los últimos años de Heidegger” in O.PÖGGELER, *El camino del pensar de Martín Heidegger*, p. 401.

¹⁶² M.HEIDEGGER, “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”, in coleção os Pensadores vol. *Heidegger*, p.270.

¹⁶³ M.HEIDEGGER, “Dépassement de la métaphysique” in *Essais et Conférences*, p. 88.

A concepção de Metafísica , através de seu fio condutor histórico (Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Descartes, etc...) foi assentando conceitos que acabaram criando uma base de referências, que são os fundamentos para as ciências tais como as conhecemos hoje. Amostras destas referências podem muito bem ser ilustradas por conceitos de alguns desses autores, como por exemplo: a noção de duas realidades, a sensível e a inteligível, na cosmovisão de Platão, talvez iniciando um destino de dualidade para o homem ocidental; a definição de Aristóteles sobre o homem como animal racional (ζωον λογον εκον), privilegiando esta dimensão da razão dentre outras junto aos seres vivos; ou o conceito de *cogito* quando Descartes, já mais próximo, fala de uma coisa “de dentro” que pensa o fora (*res cogitans*) e de uma outra coisa “de fora” que pode ser operada, medida (*res extensa*).

*[...] pode ainda significar que “metafísica” mantém-se como nome do platonismo que, no mundo moderno, se expõe nas interpretações de Schopenhauer e Nietzsche. A revirada do platonismo, no sentido conferido por Nietzsche, de que o sensível passa a constituir o mundo verdadeiro e o supra-sensível o não-verdadeiro, permanece teimosamente no interior da metafísica.*¹⁶⁴

E a ciência, o saber da técnica, segundo a compreensão de Heidegger, representa inequivocamente, através da visão de natureza objetivada, da representação do mundo, da manipulação distante das coisas exclusivamente como entes e, de uma linguagem rigorosamente de informação, o próprio acabamento superlativo da metafísica, circunscrito

¹⁶⁴ M.HEIDEGGER, “A superação da metafísica” in *Ensaaios e Conferências* , p. 68.

nesta época da Modernidade. As características dessa forma de saber determinarão a maneira pela qual o homem vai olhar o mundo e coabitá-lo.

2.1 – Objetividade e Representação

*Nós tentamos retomar numa meditação a essência da ciência moderna com o intento de nela reconhecer o fundamento metafísico. Que concepção de ente e qual conceito da verdade fazem com que a ciência possa tornar-se pesquisa ?*¹⁶⁵

Um dos atributos da ciência na história do pensamento moderno, que é característico da essência da técnica, é seu modo de olhar e tratar os entes sempre através de uma dada distância objetal.

*É que, agora, o real se propõe em efeitos e resultados. O efeito faz com que o vigente tenha alcançado uma estabilidade e assim venha ao encontro e de encontro. O real se mostra, então, como objeto (Gegenstand).*¹⁶⁶

O pensamento que privilegia o ente, reduz o mundo à objetização. A efetividade da objetização do ente dá-se (*vorhanden*), pela sua representação. E a verdade na ciência, corresponde à certeza dessa representação.

*O ente é determinado pela primeira vez como objetividade da representação, e a verdade como certeza da representação na metafísica de Descartes.*¹⁶⁷

¹⁶⁵ M.HEIDEGGER, “L’ époque des ‘ conceptions du monde’ ” in *Chemins ...* , p. 113.

¹⁶⁶ M.HEIDEGGER, “Ciência e pensamento do sentido” in *Ensaio e Conferências* , p.44.

¹⁶⁷ M.HEIDEGGER, “L’ époque des ‘ conceptions du monde’ ” in *Chemins ...*, p.115.

Todo o movimento da ciência se articulará então, a partir desta dimensão de verdade: as coisas passarão a ser tratadas como objetos e o homem entendido como sujeito. Esta complementariedade entre o subjetivismo e o objetivismo representativos, marca de nossa era, determinará um paradigma radical no que diz respeito à essência do homem na Modernidade, travestido agora em *subjectum*, ou seja, transformado no ente no qual todo ente se funda em seu modo de ser e em sua verdade.

Rilke, como poeta, nos fala desta dualidade de outro modo:

*Face, minha face:
de quem és? Para que coisas
és tu face?
.....
Tem o bosque uma face?
Não está ali sem face
o basalto dos montes?
Não se ergue o mar
sem face
do fundo do mar?
Não se espelha nele o céu,
sem testa, sem boca, sem queixo?
E nós?
Bichos de alma, transtornados
por tudo em nós, ainda não
prontos para nada, nós pascentes
almas,
não imploramos nós ao que destina,*

*noite após noite, a não-face
que convém à nossa escuridão?*¹⁶⁸

Ele questiona a presença da identidade humana no espaço que rodeia o homem, mostrando que as coisas prescindem da nossa face para mostrar-se como são, coisas não objetais; e como nós, humanos transtornados por uma alma, disfarçados de cientistas, buscamos ansiosamente a *não-face que convém à nossa escuridão*, ou seja, o mistério que exige uma unidade não subjetiva com o mundo.

O pensamento moderno fabricou amarras conceituais, armadilhas apropriadas para um tipo de saber. Elas, pouco a pouco, foram tornando opaca a dimensão de luminosidade e distinção da clareira do ser, fazendo assim, ao longo deste curso histórico, com que compartilhássemos um sentimento epocal único, um misto de controle e garantias ilimitadas por um lado, e o sabor de uma realidade coberta por um véu opaco de insipidez, por outro.

O declínio da verdade do ente [...] cumpre-se tanto pelo declínio do mundo marcado pela metafísica como pela desolação da terra proveniente da metafísica.

Declínio e desolação encontram o acabamento adequado no fato de o homem da metafísica, o animal rationale, impor-se (fest-gestellt) como animal trabalhador.

*Esta imposição confirma a extrema cegueira relativa ao esquecimento do ser. O homem quer a si mesmo como voluntário da vontade de querer, para o qual toda verdade transforma-se no erro de que ele precisa para que possa estar seguro da ilusão.*¹⁶⁹

¹⁶⁸ R.M.RILKE, *Poemas II*, tradução Paulo Quintela, p. 6-7.

¹⁶⁹ M.HEIDEGGER, “Dépassement de la métaphysique” in *Essais et Conférences*, p.82.

Rilke compreende essa representação ameaçadora:

*Os homens agarram-se à idéias
em que entraram tão penosamente.
Inda algum tempo os barcos serão barcos
e uma casa será como outras casas.*

*E cadeira, mesa, armário, arca,
e o chapéu, a capa e os sapatos
sem que ninguém lhes faça mal: -
e no entanto, estas formas não são minhas.¹⁷⁰*

Isto significa também que o que chamamos mundo se transforma em representação ou imagem do mundo, *imagem do mundo* (Weltbild), *o mundo como uma “concepção”, não significa uma idéia do mundo, mas o mundo em si mesmo compreendido enquanto isso do que se pode “ter-ideia”.*¹⁷¹

A imagem do mundo ignora a noção de mundo enquanto uma pré-condição de possibilidades do que somos com os entes ou as coisas. Como representação, considera o *subjectum* como o atestado de garantia e certificação da essência do ente representado. O *subjectum* passa a ser então o fundamento da representação do mundo. A possibilidade de estar com as coisas, onde o presente é apreendido no *Aberto* da clareira, enquanto um modo próprio e natural de presença aberta, é simplesmente

¹⁷⁰ R.M.RILKE, *Poemas II*, tradução Paulo Quintela, p.161.

¹⁷¹ M.HEIDEGGER, “L’ époque des ‘conceptions du monde’” in *Chemins ...*, p. 117.

ignorada. A questão sobre o sentido do ser fica assim esquecida, nesta época da noite do mundo.

O advento e a consolidação do pensamento representativo, são o exemplo de um caminho bastante diferente da verdade do simples desocultar-se do ente (αληθεια)¹⁷², ou do desencobrimento como feitura da ποιησις ¹⁷³, lembranças do mundo grego.

Vamos nos manter fora da ciência. Fiquemos, em vez disso, diante, por exemplo , de uma árvore em flor – e a árvore mantém-se diante de nós. Ela apresenta-se a nós. A árvore e nós nos apresentamos um ao outro, enquanto a árvore esta aí e nos mantemos diante dela. Situados numa relação de um para com o outro, de um diante do outro, nós somos, a árvore e nós. Nesta apresentação, não se trata de “representações” que circulam pela nossa cabeça. Paramos aqui um momento, como se tomássemos fôlego antes ou depois de um salto. Nós somos já, com efeito, após o salto para fora do domínio habitual das ciências, e mesmo como o mostraremos, da filosofia. E para onde saltamos? Talvez num abismo? Não. Antes sobre um solo ? Sobre um solo ? Não . Mas sobre o solo, sobre o qual nós vivemos e morremos – supondo que não queiramos nos iludir . É uma coisa estranha, ou mesmo uma coisa sinistra, que devemos primeiro saltar para atingir o próprio solo no qual nos encontramos.¹⁷⁴

¹⁷² Sobre αληθεια vide nota 88, p.46.

¹⁷³ Sobre ποιησις vide nota 89, p.47.

¹⁷⁴ M.HEIDEGGER, *Qu'appelle-t-on penser?* , p.42-43.

As coisas e os entes, deixarão de ser o que se mostram, tornando-se apenas aquilo que através de uma representação fica exposto como objeto. O salto para o solo pode significar um modo de salvação para que sejamos, nós e o mundo, uma unidade de sentido. Vejamos um pouco mais, como a ciência e a técnica se aproximam das coisas.

2.2 – As coisas

As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra pisou [...]

Pudesse o homem acolher com maior humildade este segredo de que a terra está cheia até em suas coisas mais ínfimas; carregá-lo e suportá-lo com mais gravidade sentindo-lhe o peso, em vez de o tratar com leviandade.¹⁷⁵

Quando e como as coisas chegam, como coisas? Não chegam através dos feitos e dos artefatos do homem, mas também não chegam sem a vigilância dos mortais. O primeiro passo na direção desta vigília é o passo atrás, o passo que passa de um pensamento, apenas representativo, isto é, explicativo, para o pensamento meditativo, que pensa o sentido.¹⁷⁶

No horizonte da técnica como destino, onde toda a realidade é convertida e levada ante o homem mediante seu próprio representar, o sentido das coisas configura o próprio movimento de uma relação pressuposta entre homem e mundo.

¹⁷⁵ R.M.RILKE, *Briefe an einen jungen Dichter*, p.10-30-31.

¹⁷⁶ M.HEIDEGGER, "A coisa" in *Ensaíos e Conferências*, p.159.

A ciência, através de suas metodologias de caráter representativo ou manipulador transforma também o *Aberto*, o grande todo livre de limites, em objeto, que assim amolda-se ao olhar técnico. Ela se apropria das coisas, exaltando-as para exibir sua própria performance através de seu excesso de produções, e por tudo isso o mundo é parado, levado a uma *ob-stância*, onde o *Aberto* se fecha.

*O conhecimento da ciência, que é constrangente em seu âmbito, ou seja, o setor dos objetos, já anulou as coisas, como coisas ...*¹⁷⁷

Aproximando-se da realidade através de uma disposição deste tipo, o homem não consegue mais apreender as coisas em sua unidade íntegra, *deixar as coisas repousarem em si mesmas (Insichruhen)... apreendê-las em sua própria consistência.*¹⁷⁸

Assim, nos lembra Heidegger através das reflexões de Rilke, que tanto a humanidade do homem, como a coisidade da coisa dissolvem-se a partir do propósito deliberado de produção, que a técnica apoiada pela ciência desdobrou por todo o planeta.

Este propósito sempre coloca em negociação também a presença do ser, obstruindo deliberadamente o caminho para o *Aberto*.

O modo como os primeiros pensadores gregos, os φυσικοί (chamados depois de pré-socráticos), aproximavam-se de tudo o que os rodeava, serve como um contraponto marcante para compreendermos esse modo da técnica.

Para eles, *a φυσικς aponta para esta vigência total, a partir da qual transcorre o vigor do próprio homem e da qual ele não é senhor [...] a φυσικς enquanto este ente na totalidade não é pensada no sentido moderno e*

¹⁷⁷ *Id. i bid.*, p.148.

¹⁷⁸ M.HEIDEGGER, "L'origine de l'oeuvre d'art" in *Chemins ...*, p.25.

*tardio de natureza, mais ou menos como o conceito contrário ao conceito de história. Ao invés disso, ela é vista como mais originária do que estes dois conceitos: ela é vista em uma significação originária, que diante da natureza e da história encerra a ambos e que também contém em si de certa maneira o ente divino.*¹⁷⁹

Para estes primeiros pensadores, pensar não seria propriamente uma atividade tal como a entendemos hoje, mas corresponderia a uma experiência próxima daquilo que se manifestaria no brotar dos entes em seu vigor dominante (φύσις).

Podemos perceber no Fragmento 123 de Heráclito, como os pré-socráticos experimentaram, diferentemente de nós, a φύσις :

*A vigência das coisas possui, em si mesma, a tendência para se esconder (φύσις ... κρυπτεσ – θαι φιλει)*¹⁸⁰

A onipotência calculada com a qual o homem moderno envolve as coisas, tem a intenção precípua de retirar suas camadas de obscuridade, pressupondo que, em dado momento histórico, elas possam mostrar-se completamente nuas, sem área de sombra. Nós lidamos, secularmente com as coisas, sem muitas vezes, no entanto, chegar a pensar apenas uma única vez a coisa, enquanto coisa.

*O ser se recolhe naquilo em que se descobre no ente.*¹⁸¹

¹⁷⁹ M.HEIDEGGER, *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo – Finitude – Solidão* , p. 32-3.

¹⁸⁰ *Id. ibid.*, p.34.

¹⁸¹ M.HEIDEGGER, “Le mot de Nietzsche ‘Dieu est mort’ “ *in Chemins ...* p. 297.

A jarra de barro, objeto já mencionado anteriormente, referido por Heidegger em seu texto *A Coisa*¹⁸², mostra-se evidentemente como algo que é um receptáculo, mas que “esconde” em si mesmo um vazio que não é habitualmente percebido, mas que faz com que a jarra seja jarra, ou melhor, este vazio é o recipiente do receptáculo, velado dentro da parede visível da jarra. Assim, o vazio também compõe a totalidade da coisa. A coisa é composta, numa realidade indissociável, simultaneamente pela sua vigência e pela sua reserva. É isto que parece incompreensível à ciência moderna.

Na verdade, o conhecimento da ciência *não somente já não se permite nem aceita que as coisas sejam, como também que jamais tenham podido aparecer como coisas. [...] Ora, o homem só se descarta do que já lhe foi destinado.*¹⁸³

Rilke, como um *poeta em tempos de indigência*, cantará essa época configurada pela técnica, a ciência, o maquinário e a velocidade como o espaço, por excelência, do distanciamento entre os homens e as coisas.

*Pois quando trato de abarcar com os olhos a minha tarefa, compreendo que não tenho que falar de homens senão de coisas.*¹⁸⁴

Ele aponta para um modo de olharmos as coisas, de forma íntegra, mantenedora da essência e a dimensão misteriosa de sua presença na vida. Fala da reserva do ser, sem excluir-lhe o sentido mais delicado, organizando-o como beleza.

¹⁸² M.HEIDEGGER, “A coisa” in *Ensaio e Conferências*.

¹⁸³ *Id. ibid.*, p.148.

¹⁸⁴ R.M.RILKE, *Rodin*, p.103.

Quando pensamos quantas coisas, no dia a dia, são reconhecidas pela ternura com a qual as testemunhamos, quanto elas se reconfortam mutuamente, e mesmo como sob a condição que as amemos, o uso, mesmo o mais duro, que fazemos delas aparece-lhes ainda como uma carícia – uma carícia que as devora, sob a qual elas consomem-se, certamente, mas que lhes confere por assim dizer um coração – um coração que as penetra com algo mais de violência que seu próprio corpo e cede (assim elas se tornam quase mortais, num sentido mais elevado, e podem compartilhar conosco esta melancolia que é nosso maior bem); quando pensamos nisso, nos lembramos da beleza delicada que insiste em apropriar-se de certas coisas , implicadas intimamente e longamente na vida humana...¹⁸⁵

Partindo de caminhos diferentes, pensador e poeta parecem acabar chegando a uma mesma região, razoavelmente próximos um do outro. Região de uma fisionomia única, cada vez com uma oferenda ímpar, todas dispostas para serem recolhidas com docilidade e consagradas pelo homem, na tarefa da sua vida.

[...] o menor acontecimento desdobra-se como um destino. O próprio destino é como um amplo e admirável tecido em que dedos de infinita ternura conduzem cada fio, colocando-os entre os demais, fixando-o a cem outros que o sustentam.¹⁸⁶

¹⁸⁵ R.M.RILKE, “Poupées” apud R.PITROU, *Rainer Maria Rilke* , p. 93-94.

¹⁸⁶ R.M.RILKE, *Briefe an einen jungen Dichter* , p. 20.

3 – A técnica como linguagem

*[...] em que medida o que é próprio da técnica acaba por se impor à língua levando à sua transformação em pura informação [...]*¹⁸⁷

*A palavra é o recinto (templum), quer dizer a morada do ser. A essência da linguagem não se esgota na significação; ela não se limita à semântica ou à sigla. Sendo a linguagem a morada do ser, nós não acolhemos o ente senão passando regularmente por esta casa.*¹⁸⁸

Tanto como um tipo de saber quanto como um destino, a técnica enquanto linguagem significa para a época da Modernidade uma referência historial que configura um modo de falar que lhe é próprio. Consideramos este aspecto da técnica, o da linguagem, procurando ampliar a sua caracterização pela maneira como envolve e opera a realidade de nosso tempo.

Mas, o que é que a técnica moderna e a ciência têm a ver com a linguagem? Por que, talvez em especial a linguagem, esteja exposta de um modo particular às exigências da dominação técnica ? Apesar de ser um lugar comum considerar o caráter técnico da linguagem como um instrumento de comunicação e de informação, fica a pergunta: - em que medida a técnica impõe à língua a sua transformação, para tornar-se exclusivamente uma pura informação?

¹⁸⁷ M.HEIDEGGER, *Língua da tradição e língua técnica* , p. 33.

¹⁸⁸ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...* , p. 373.

Falar é essencialmente dizer, embora se possa falar incessantemente e nada dizer. As palavras tornam-se então apenas débeissons (*flatus vocis*) que não expressam a natureza das coisas. Por outro lado, um silêncio pode dizer muita coisa. Dizer portanto, significa mostrar, fazer ver, fazer alguma coisa aparecer, tornar o ente presente e também trazer à aparência a reserva do ausente como tal. Mostrá-lo tanto pelo direito como pelo avesso.

A linguagem da técnica, procurando tornar-se uma informação de sentido unívoco, tenta transcrever o caráter intrinsecamente aberto da própria linguagem em fórmulas e asserções exatas, como se ela fosse algo próximo de uma álgebra lógica. Esta almejada univocidade de seus sinais e fórmulas, pretende assegurar uma comunicação clara e precisa para suas disciplinas e entre seus protagonistas. Mas há coisas que ela não pode tocar.

*O modo da linguagem é determinado pela técnica.[...] É por isso que um poema, por princípio, não pode ser programado.*¹⁸⁹

Rilke exemplifica isto, de inúmeras formas, na linguagem que usa:

*Música: hálito das estátuas. Talvez:
silêncio das pinturas. Ó língua onde as línguas
acabam. Ó tempo,
posto a prumo sobre o sentido dos corações transitórios.*¹⁹⁰

Ou, ainda:

¹⁸⁹ M.HEIDEGGER, *Língua de tradição e língua técnica*, p. 37.

¹⁹⁰ R.M.RILKE, *Poemas II*, tradução de Paulo Quintela, p. 175.

*A saudade é isto: viver nas ondas
e não ter pátria no tempo.*

*E desejos são isto: diálogos baixos
de horas diárias com a eternidade.*

*E a vida é isto: até que de um ontem
surge a mais solitária das horas
que, sorrindo diferente das outras irmãs,
vai calada ao encontro do eterno.¹⁹¹*

Com a dominação da técnica moderna, o poder de sua linguagem renova-se para abranger o espaço mais amplo possível de informações, tornando-se assim uma ameaça perigosa ao caráter mais próprio da palavra, um *dizer* que faz mostrar tanto o manifesto como o ausente.

Mas, o ponto crucial da linguagem técnica é o de que, para cada uma das tentativas de tornar unívoco um dado aspecto da linguagem, está pressuposto sempre de antemão o uso necessário da linguagem “natural” ou linguagem originária¹⁹², isto é, a de caráter não-unívoco. Esta língua “natural” ou originária, não foi inventada, escolhida ou imposta pela técnica, mas é sempre conservada e permanece como fundamento mesmo para qualquer transformação da própria técnica.

Aquilo que é aqui nomeado por língua “natural” – a língua corrente não tecnicizada -, nós a denominamos [...] por língua da tradição (überlieferte Sprache). Tradição não é uma pura e simples outorga, mas a preservação do inicial, a salvaguarda de novas possibilidades da língua já falada.¹⁹³

Aquilo que é tradição da linguagem presente na própria língua, exige do homem que a partir dessa língua preservada diga de novo o mundo,

¹⁹¹ R.M.RILKE, *Poemas I*, tradução de Paulo Quintela, p. 21.

¹⁹² O tema da “linguagem originária” será retomado no Capítulo III, Ítem 2.

¹⁹³ M.HEIDEGGER, *Língua de tradição e língua técnica*, p. 40.

mostre o seu *ainda-não-percebido*. Essa é, na verdade, a particular missão dos poetas, e o sentido maior da linguagem para os homens.

*Felizes os que por trás das línguas sabem ver
o que há em todas elas de indizível;
e que é de lá que, para nosso prazer,
a nós passa a grandeza inexprimível !*¹⁹⁴

Dentre os homens, distintos são aqueles que *se arriscam um pouco mais*, expõem-se ao risco da linguagem e buscam dizer mais através de seu canto.

*Esses que se arriscam mais são os poetas, em particular, esses nos quais o canto volta o nosso ser sem abrigo face ao aberto.*¹⁹⁵

Rilke reafirma esta missão na sua poesia:

*Eis aqui o tempo do dizível, eis aqui sua pátria.
Fala e proclama. Cada vez mais
dissipam-se as coisas que ao nosso lado viviam
e em seu lugar se instala um Fazer sem Imagem.*¹⁹⁶

Heidegger nos relembra a particular necessidade de encetarmos hoje uma meditação sobre os perigos que ameaçam a linguagem originária.

¹⁹⁴ R.M.RILKE, *Poemas II*, tradução de Paulo Quintela, p.208.

¹⁹⁵ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 382.

¹⁹⁶ R.M.RILKE, *Elegias de Duino*, tradução Dora Ferreira da Silva, p. 52.

Neste sentido, talvez através da poesia, venhamos a perceber a dimensão de possibilidades presente no mistério da língua, na medida em que ela mesma nos aproxima do inefável, do inexprimível que rodeia constantemente tudo o que é dito.

*Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu próprio intelecto, cada impressão e cada germe de sentimento e aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade.*¹⁹⁷

Estas questões sobre nosso destino técnico e os sinais da preparação para uma “viravolta”, em particular na linguagem da poesia, acompanham a seqüência de nossas reflexões.

¹⁹⁷ R.M.RILKE, *Briefe an einen jungen Dichter*, p.22-23.

4 – A técnica como poder

O desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. [...] Todavia, este desencobrimento não se dá simplesmente. Tampouco, perde-se no indeterminado. Pelo controle, o desencobrimento abre para si mesmo suas próprias pistas, entrelaçadas numa trança múltipla e diversa. Por toda parte, assegura-se o controle. Pois controle e segurança constituem até as marcas fundamentais do desencobrimento explorador.¹⁹⁸

Através de seu saber, de sua linguagem, e particularmente do caráter de exploração e controle, a dimensão de desencobrimento no homem contemporâneo mostra-se na forma de vontade de dominação e poder. Aquilo que Heidegger vai chamar de *Gestell* ¹⁹⁹, que podemos traduzir por “disposição produtiva”, configura este caráter da técnica.

4.1 – Disposição produtiva como vontade

A representação é a maneira pela qual os homens da Modernidade dispõem a natureza diante de si. Desse modo organizam o *Aberto* do mundo na forma de uma totalidade objetiva.

O homem dispõe o mundo sobre si e produz para si mesmo a natureza.²⁰⁰

Ao pensar no sentido desta produção, Heidegger considera que quando a representação do mundo se apresenta insuficiente para servir a

¹⁹⁸ M.HEIDEGGER, “A questão da técnica”, in *Ensaio e Conferências*, p.20.

¹⁹⁹ Vide nota 87, p.46.

²⁰⁰ M.HEIDEGGER, *P.P. Chemins ...* p.345.

esta disposição, o homem passa a comandar a natureza. Produz coisas novas quando estas lhe faltam e transforma-as quando estas o incomodam. Dissimula e desloca outras coisas quando distanciam-se de seus interesses.

A representação do mundo, mais do que apenas um modelo e um método de acesso ao real, em particular da ciência, torna-se então um recurso produtivo e utilitário a serviço do controle da realidade.

Ao usar a expressão *Gestell* com a intenção de delinear cuidadosamente esta disposição produtiva que descobre o real e o confronto através de uma instrumentalidade exploratória, Heidegger alerta que, para que ela seja bem compreendida, devemos nos lembrar do sentido de seus derivados *Bestellen* (pôr em ordem, comandar) e *Herstellen* (reproduzir, fabricar) .

*A vigência do Gestell indica: o homem é evocado, invocado e provocado por um poder que se manifesta no vigor da técnica e que ele mesmo não domina.*²⁰¹

Este processo histórico que simultaneamente envolve comando e produção indica uma forma de redução do real através do controle da natureza, dispondo-a essencialmente como matéria-prima para a fabricação de objetos e o mundo ganha assim o sentido que pode advir de uma imposição deliberada da objetivação. Uma imposição que pode ser traduzida por poder, e uma deliberação que pode ser entendida por vontade.

*Trazer algo diante de si e determiná-lo através de uma prévia representação em múltiplos modos de produção, podemos entender como uma manifestação fundamental daquilo que nós conhecemos sob o nome de vontade (Wollen).*²⁰²

²⁰¹ M.HEIDEGGER, “ Entrevista à revista *Der Spiegel*” in *Tempo Brasileiro* n.50, p. 81.

²⁰² M.HEIDEGGER, “ Wozu Dichter” in *Holzwege*, p.266.

Utilizando-se do poema de Rilke, Heidegger nos relembra que o homem, diferentemente das plantas ou animais que trazem na sua essência o aberto da pura percepção não-objetal, dispõe-se no mundo sempre com o risco de um ente que quer:

*... apesar que nós,
mais ainda do que a planta ou o animal
vamos com esse risco, o queremos.*²⁰³

*O querer (Wollen) aqui nomeado consiste em se impor através de tudo e contra tudo, com um propósito que já pôs o mundo como o conjunto de objetos suscetíveis de serem produzidos. É esse querer que determina o ser do homem moderno.*²⁰⁴

Assim, o homem moderno caracteriza-se em suas relações com os entes e consigo mesmo, como aquele ente que é encarregado de tratar da imposição de todos, uma disposição na forma de uma dominação incondicional. Esse é o modo que o mundo aparece para o homem na modernidade.

O querer estabelece sempre uma correlação dinâmica com o comando, pois a própria imposição do homem é, de fato, o modo como a produção é comandada na objetividade do mundo, algo visto como imagem de uma unidade incondicionada e completa.

*É aqui, no auto-comando, que se anuncia o caráter imperativo da vontade.*²⁰⁵

²⁰³ R.M.RILKE, “ Späte Gedichte”, apud M.HEIDEGGER, “Wozu Dichter” in *Holzwege*, p. 255.

²⁰⁴ M.HEIDEGGER, “Wozu Dichter” in *Holzwege*, p. 266.

²⁰⁵ *Id. ibid.*, p. 266-267.

Para Heidegger, poder desvelar este modo imperativo em curso na Metafísica moderna , torna mais clara a essência da própria vontade , há muito tempo velada, que se mostra como referência ao ente, que pretende dominá-lo antes de ingressar na sua esfera.²⁰⁶

Ao considerar a possibilidade do Aberto ser experimentado como o não-objetivo da natureza plena, de modo particular no seu texto sobre Rilke, Heidegger percebe que o mundo do homem que quer, ao contrário por exemplo do poeta, distingue apenas aquilo que corresponde ao ente objetivo e o configura desse modo. Assim, é possível compreendermos como permanece ainda presente a crença para o homem contemporâneo, da vontade ser o elemento mais essencial para a autonomia da construção de um destino .

*Porque um homem ficaria como um pastor,
assim exposto ao excesso de influência,
tão envolvido no espaço cheio de acontecer,
que encostado a uma árvore da paisagem
tivesse um destino mesmo sem agir?*

*E contudo não tem no olhar muito grande
a silenciosa placidez dos rebanhos. Nada
tem senão mundo, mundo em cada erguer de olhos,
mundo em cada abaixar. Tudo isso que à vontade
aos outros cede, e é para ele música tosca,
entra-lhe cega no sangue, transforma e passa.²⁰⁷*

²⁰⁶ M.HEIDEGGER, “Wozu Dichter” in *Holzwege*, p. 267.

²⁰⁷ R.M.RILKE, *Poesie*, p. 416.

4.2 - Disposição produtiva como poder

Intimamente relacionado ao tema da vontade, Heidegger compreende o poder, antes de tudo, como o elemento da Modernidade que, a partir de sua presença na *disposição produtiva*, distancia o homem da possibilidade de uma “viravolta” no esquecimento do ser.

*A luta entre os que estão no poder e os que querem o poder é, de ambos os lados, luta pelo poder. Em toda parte, o poder é o determinante. Com essa luta pelo poder, a essência do poder se desloca, em ambos os lados, para a essência de uma dominação incondicional [...] O poder, entretanto, vai se apoderar de tal forma da humanidade que desapropria o homem da possibilidade de dispor de um caminho para sair do esquecimento do ser.*²⁰⁸

Nós vivemos uma dominação, segundo Heidegger, neste estágio supremo da idade técnica, antes ainda do que político ou econômico, de caráter ontológico.

*As práticas que organizam esta coação e a mantêm dominante nascem da essência da técnica, que não é outra coisa que a metafísica em vias de acabar-se.*²⁰⁹

A natureza da técnica em sua dimensão destinal, ao compor-se de produção e comando, conforme já exposto, tende a reduzir a realidade a uma condição estável, que pode ser representada no nosso tempo pelos

²⁰⁸ M.HEIDEGGER, “A superação da metafísica” in *Ensaio e Conferências*, p. 78-79.

²⁰⁹ M.HEIDEGGER, “Dépassement de la métaphysique” in *Essais et Conférences*, p.114-115.

estoques, sistemas e processos de controle de produção de peças ou pela produção controlada do próprio saber. Tudo se articula através de ferramentas de controle interno e anônimo, que estabilizam os sistemas, sejam físicos, culturais ou institucionais.

Esse poder da técnica, na opinião de Heidegger, a partir da observação de seu desenvolvimento, possui alguns traços particulares:

- ele é incondicionado, no sentido de não submeter-se a nenhum critério exterior a si (nem Deus, nem ideal, nem desejo subjetivo, nem valores);
- ele é um processo sem fim que não se pode parar e a propósito do qual não se vê onde ele pode parar;
- ele aumenta seu próprio poder constantemente através daquilo que se lhe advém como indemonstrável e irrefutável.

Apresenta-se como algo impossível de ser confrontado, que não tem limites ou fronteiras, cujo espaço de influência se amplia indefinidamente, a ponto de escapar facilmente de seu suposto controlador, o homem.

*Em seu vigor, a técnica é algo que por si o homem não pode controlar.*²¹⁰

Esta circunstância que vivemos na atualidade, comenta ainda Heidegger, de uma dominação incondicionada da terra pela metafísica acabada, é o retrato da fisionomia da noite do mundo, a noite onde os deuses se evadiram espantados pelo vigor da técnica, e onde não perambula pela terra senão o homem na sua “pré-potente” indigência.

Cumpra-se assim o destino da técnica, desenhado pelo entendimento possível do ser na Modernidade, e pelos modos através dos quais o homem acabou habitando o solo de sua terra.

²¹⁰ M.HEIDEGGER, “Entrevista à revista *Der Spiegel*” in *Tempo Brasileiro* n.50, p.79.

Heidegger entende que Rilke, enquanto um poeta da nossa época, vai manifestar em sua obra a forma de um tipo de “poder” não-violento da poesia, um experimentar (*erleben*) os entes circundantes de modo não-objetal, uma compreensão alternativa à análise político-prática do poder, nas suas formas atuais de dominação e controle.

*Eu sou uma única espera.*²¹¹

Esta qualidade de pensamento absolutamente desarmado, nem por isso menos questionante, é o que ele chama de pensamento do sentido (*Besinnung*). Entrar no sentido (*Sinn*), tal é o modo desse pensamento.²¹² Ele pode ser o pensamento da “viravolta” para essa nossa indigência na noite do mundo, que é regida pela vontade do domínio sobre a terra e de um mundo pré-concebido de representações atraentes.

*O homem atual está preparado, em sua essência metafísica, a responder pela dominação sobre a totalidade da terra? O homem atual já considerou a essência das condições às quais encontra-se submetido em última instância um tal governo da terra? A natureza deste homem é própria para administrar as potências, e para empregar os meios, que libertem o desdobramento da essência da técnica moderna e que exigem dele decisões até aqui não habituais?*²¹³

O poeta, em contrapartida, nos relembra que o mundo é revestido de dons e que as coisas em sua essência podem ocupar um Aberto acessível através de outras formas, diferentes das formas de poder, regidas pela vontade.

²¹¹ R.M.RILKE, “Carta a Clara Rilke”, Paris 28/Ago/1902 in *Correspondence*, p.24.

²¹² M.HEIDEGGER, “Science e Méditation”, in *Essais et Conférences*, p. 76.

²¹³ M.HEIDEGGER, *Qu’appelle-t-on penser?*, p.107-108.

*Os reis desse mundo são velhos
e não terão herdeiros.
Os filhos morrem ainda crianças,
e suas pálidas filhas cederam
suas doentes coroas ao poder.
O povo as fragmenta em moeda,
o oportuno senhor do mundo.
estica-as ao fogo e à força de máquinas
que obedecem reclamando sua vontade;
mas a felicidade não está com elas.*

*O metal se debilita. Ele quer
deixar as moedas, as transações
que lhe indicam uma vida pequena.
ele entrará de novo nas nervuras
das montanhas entreabertas
que voltarão a se fechar atrás de si.²¹⁴*

Trataremos do pensamento meditativo e da poesia em nosso próximo capítulo.

²¹⁴ R.M.RILKE, "Livre d'heures" *apud* M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 351.

CAPÍTULO TRÊS

A TAREFA DE UM NOVO DESTINO

1 – *A indigência como sinal de esperança*

*Onde algo cresce, é lá que ele deita raízes, é de lá que ele medra e prospera. Ambas as coisas se dão escondidas, em silêncio e no seu tempo.*²¹⁵

1.1 – A indigência como destino

Tivemos oportunidade de comentar, sob vários ângulos, aquilo que estamos entendendo como indigência da Modernidade.

Buscamos fazer ver, ao longo deste trabalho, que o quadro histórico no qual o homem contemporâneo é protagonista, de fato, não se origina neste momento. Segundo a ótica de Heidegger, este nosso modo próprio de olhar, operar e compreender o mundo, advém dos primórdios da Metafísica, na Grécia Clássica.

Ao colocar um duplo significado sobre a tradição da $\phi\iota\sigma\iota\varsigma$, um relativo ao ente e outro relativo ao ser, tanto Platão como Aristóteles iniciam uma cisão que será fundamento para um longo percurso do pensamento, que chegará até nós.

Ao longo da história da filosofia ocidental, foram se fazendo diferentes configurações da Metafísica. A partir do racionalismo do século

²¹⁵ M.HEIDEGGER, “A questão da técnica” in *Ensaaios e Conferências*, p.31.

XVII, quando se passa a pensar a entidade dos entes como uma representação que tenha garantias de verdade, a Modernidade inaugura o credenciamento dos entes como objetos e a Metafísica vai então caracterizar-se como Metafísica do objeto que é sempre objeto para um sujeito. No âmbito da Metafísica convivemos sempre e ainda com a cisão entre ser e ente. Nela, o esquecimento do ser vem se ampliando nas ciências e ganhando o contorno do fenômeno essencial de nossa época, a técnica.

Pode-se chamar numa única palavra, de “técnica”, a forma fundamental de manifestação em que a vontade de querer se institucionaliza e calcula o mundo não-histórico da metafísica acabada. Esse nome engloba todos os setores dos entes que equipam a totalidade dos entes: natureza objetivada, cultura ativada, política produzida, superestrutura dos ideais.

Compreende-se aqui o nome “técnica” de modo tão essencial que, em seu significado, chega a coincidir com a expressão – acabamento da metafísica.²¹⁶

Heidegger nos coloca de modo decisivo que a técnica moderna, diferente da *τεκνη* grega, completará, em amplitude planetária, o próprio acabamento da Metafísica. E caracterizará nos vários traços de sua essência, a nossa forma atual de compreender e operar a realidade. O traço da técnica que se apresenta como o mais nítido na operação da realidade corresponde à imposição de uma exploração da natureza, atribuindo a ela o dever de servir ao homem em suas necessidades sob o

²¹⁶ M.HEIDEGGER, “A superação da metafísica” in *Ensaaios e Conferências*, p.69.

vigor da vontade. Com o advento do acabamento da Metafísica na técnica moderna, configura-se então o próprio destino da Modernidade, em que a forma pela qual o homem habita o mundo mostra-se como: produzir, dominar, controlar o planeta e suas coisas.

Diferentemente do que se poderia considerar como sendo apenas um movimento de massificação, ou uma tendência materialista de maquinização através de equipamentos, na verdade, o elemento principal e mais importante daquilo que estamos chamando de “técnica” na indigência da Modernidade, refere-se ao predomínio de um modo único de “desencobrimento” (*Unverborgenheit*) do mundo. Entretanto, o *Dasein*²¹⁷, pseudônimo ontológico do homem, que constitutivamente compreende e articula o seu Aberto com toda a multipluralidade inerente à condição humana, traz sempre consigo a dimensão misteriosa que diz que somos e não somos, que acena para o que se mostra, mostra muito, mostra pouco, entremostra ou mesmo esconde-se, e circunda tudo isso com a dúbia sensação de imortalidade junto à de inultrapassável finitude. Ora, a disposição produtiva da Modernidade confere ao destino do homem uma direção de “mão única” para se viver, para acercar-se de tudo, de modo que a sempre misteriosa abertura da condição humana se reduza a um específico e determinado modo uniformemente inteligível e controlável de olhar a vida, desconsiderando o mistério profundo do ser, a cuja “clareira” o homem se expõe.

Assim, se entendermos destino como uma *força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um desvelamento*²¹⁸, não fica muito difícil perceber o atual estágio de pobreza e vazio que acompanha a Modernidade, marcado por uma grande força

²¹⁷ Vide nota 92, p.48 e nota 94, p.49.

²¹⁸ M.HEIDEGGER, “A questão da técnica” in *Ensaio e Conferências*, p.27.

encaminhadora distante das coisas mais elementares. Torna-se possível também compreender como o nosso destino nos distancia daquilo que dá peso e sentido à própria vida, como nos afasta da possibilidade de estabelecer o recuo necessário para o mistério, e como acabou lançando o homem na indigência espiritual. Condiçionados a uma vida superficial, ávida de materialidade, praticamente nos apartamos de nosso estofo mais denso de sentido e gravidade.

O coração do homem é o mais perdido.

*Como escapar a este desvario?*²¹⁹

...deixe-o apenas encontrar

em qualquer parte um lugar, e não ficar assim

*no espaço ...*²²⁰

O sentimento aparente de controle da vida, que a Modernidade nos outorga, traz consigo um enorme tédio que se mostra na carência de outro modo de entendimento da vida voltado para o mais simples, o mais silencioso, em sonoridade *sotto voce*, capaz de resgatar para cada homem aquilo que lhe é de fato originalmente familiar, que possa trazer o sentimento exilado do solo da sua “terra natal”, de seu lar (*Heimat*).²²¹

²¹⁹ P.JACCOTTET, *Rilke*, p.85.

²²⁰ R.M.RILKE, “Samtliche Werke II”, p.II s. *apud* P.JACCOTTET, *Rilke*, p.85.

²²¹ *Heimat*, expressão bastante utilizada por Heidegger e importante em seu pensamento, possui em seu sentido habitual a noção de terra de origem, pátria, lugar de nascimento, mas, seu sentido mais profundo fala do lugar onde me sinto “em casa”, lugar de familiaridade onde não estranho nada, lugar que me é mais próprio, um lugar de acolhimento. *Vide* M.HEIDEGGER, *700 anos de Messkirch e Qu'appelle-t-on penser?*, p.113.

Ameaça-nos o perigo do que aquilo que outrora chamávamos de terra natal se dissolva e caia...

...mas talvez também se prepare, em meio à aglomeração do inóspito, uma nova relação para com o acolhedor...

Um profundo tédio sopra para lá e para cá, através dos abismos de nosso Dasein, qual uma neblina que se move furtivamente?

...no inóspito do mundo técnico moderno, ainda há, apesar dele, terra natal. Ela ainda é e ainda nos toca, mas como aquilo que é buscado.²²²

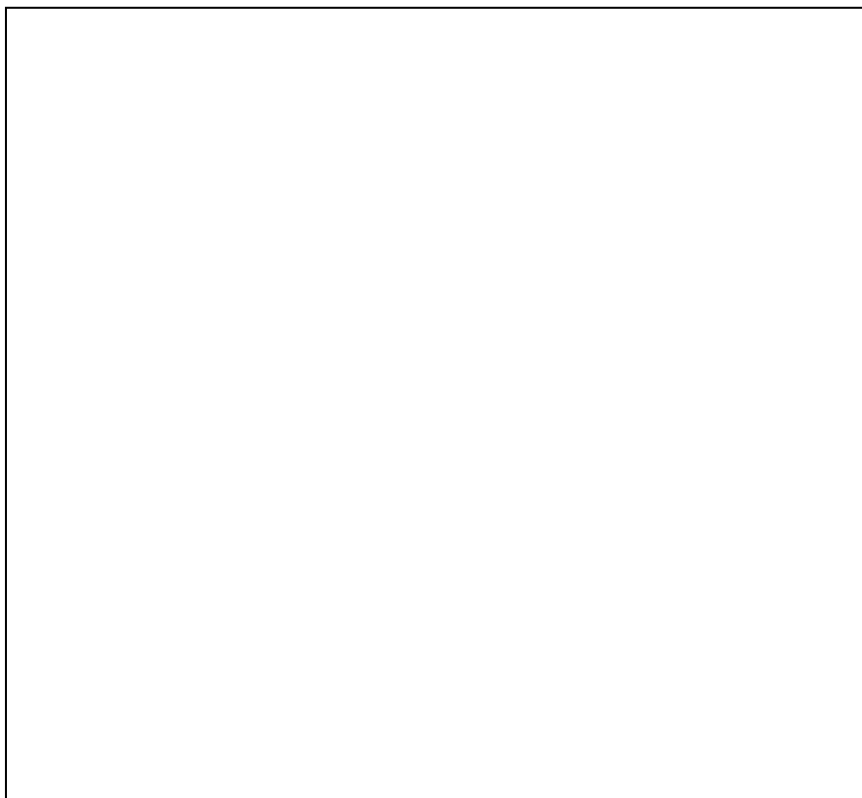
O homem anseia por algo que possa retirá-lo desta areia seca do *deserto crescente* de Nietzsche, e favorecer seu retorno ao seu elemento original composto de um mar de possibilidades, onde se sinta “em casa”, novamente humano.

As profundezas e amplidões das águas, suas correntezas e calmarias, suas camadas frias e quentes, são para o peixe o elemento para sua mobilidade múltipla. Se privarmos o peixe da plenitude de seu elemento, se o arrastarmos para a areia seca, ele não fará senão se debater, senão se contorcer, até perecer.²²³

²²² M.HEIDEGGER, “700 anos de Messkirch” in *Gesamtausgabe* Band 16, p.574-582.

²²³ M.HEIDEGGER, *Qu’apelle-t-on penser?*, p.113.

1.2 – O consentimento da viravolta²²⁴



*O Eco responde ao Eco
tudo se
repercute.*²²⁵

Ao prestar uma homenagem a Martin Heidegger pela passagem de seu 70º aniversário, dedicando-lhe uma litografia que tem por tema o

²²⁴ Sobre *viravolta* vide nota 62, p.36.

²²⁵ G.BRAQUE, “ Hommage pour le 70e. anniversaire de M.Heidegger ” , in J.P.COTTEN, *Heidegger*, p.135.

permanente contraste de tudo, George Braque questiona e enaltece a complementariedade oposta que organiza a presença de tudo no mundo.

Esta escolha não é ocasional, pois expressa um aspecto importante no pensamento de Heidegger. Assim, é impossível se chegar à melodia sem a espessura do silêncio, não se pode abrir as possibilidades do ser senão a partir do nada, não se obtém sentido senão através da confusão prévia, e certamente no âmago de uma dimensão histórica de indigência, repousa sempre em germe, a possibilidade misteriosa de uma viravolta do destino. A expressão *notwendig*, na língua alemã, pode ter o sentido da indigência, da falta, que cria a necessidade de mudança. A poesia cujo trecho destacamos a seguir, Rilke chamou-a de *Wendung*.

*A obra do olhar está feita,
fazes agora obra do coração
sobre as imagens em ti, essas prisioneiras; pois se
u as dominas, não as conheces ainda.*²²⁶

A noite sempre retém em si o “ainda-não-claro” da manhã, como a fruta retém na sua imaturidade o próprio “ainda-não” de fruta madura. Parece que na *noite escura do mundo* podem ainda aparecer alguns vestígios de alguma aurora.

Sendo assim, há que preparar o pensamento e o coração, para o resgate de um sentido primitivo. Há que preparar talvez, o consentimento para uma viravolta através de uma disposição diferente, que pode não ser mais do que um gesto de recuo, de escuta e de silêncio.

²²⁶ R.M.RILKE, “Tournant” (*Wendung* / “Viravolta”) in *Correspondance*, p.346.

Em meio à realidade da técnica moderna, deixa-se mostrar um caminho para uma nova disposição, insinua-se um retorno ao que é mais próprio para o homem.

Hölderlin, o poeta evocado no título da obra de Heidegger sobre Rilke, fala da esperança do retorno dos deuses, em meio à indignação de seu tempo. Esta possibilidade de uma viravolta historial, que reconduza o homem ao seu destino essencial é também uma jornada permanente na obra de Rilke.

*Pois não creio que seja vaidade
se te digo que ninguém vive sua vida.
Os homens são acasos, vozes e restos,
angústias, dias de todos os dias, miseráveis felicidades
disfarçadas desde a infância, travestidos,
máscaras importantes, mas rostos mudos.*

*Eu sonho que devem haver museus
onde se conservam essas múltiplas vidas
como armaduras, liteiras ou berços
dos quais nenhum ser real fez uso
ou costumes que não permanecem
os únicos, e que se abaixam roçando
poderosos muros arqueados de pedra.*

*E quando eu saio, à tarde, sempre mais longe
do meu jardim, para me afastar do meu tédio,
eu sei que então, todos os caminhos levam
ao arsenal das coisas não vividas ...²²⁷*

²²⁷ R.M.RILKE, "Samtliche Werke", p. 316 *apud* P.JACCOTTET, *Rilke*, p.42.

Essa viravolta referente à indigência do homem na era da técnica, recuperação da propriedade ontológica em nosso tempo, exige uma outra disposição de olhar, de pensar e de dizer: uma disposição que nos permitisse ver o mundo diferentemente do modo como o temos visto, que nos permitisse pensar e dizer as coisas ultrapassando os crivos da disposição produtiva em que estamos envoltos, e nos fizesse assim poder retornar às dimensões mais originais da nossa própria condição.

O poeta (Rilke) denuncia a temporalidade que corrói todos os esforços humanos de realização e plenitude ontológicos: a beleza, os gestos de fervor, os impulsos do coração, os momentos de êxtase e comunhão, tudo isto que é nosso, “flutua e desaparece”. O próprio esforço de pensar e compreender não basta para nos subtrair a essa inquietante fluidez, isto é, não há salvação possível pelo conhecimento.²²⁸

Compreende-se que Heidegger, ao vislumbrar a perspectiva de um novo dizer, venha a considerar a poesia como o legítimo e promissor caminho para o pensamento apropriador.

A poesia, poderia talvez propiciar esse “passo atrás” (*Schrittzurück*) , o regresso necessário que apontaria ao homem seu novo caminho.

O que dizem os poetas é instauração, não só no sentido de livre doação, senão por sua vez no sentido de firme fundamentação da existência humana em sua razão de ser.²²⁹

O pensador da Floresta Negra entenderá a poesia, esta *mais inocente das ocupações* ²³⁰, como a instância para a presença dos deuses e para a essência das coisas, ocupando-se de uma linguagem que instaura o ser naquilo que se mostra permanente na simplicidade.

²²⁸ DORA.F.SILVA, Comentários sobre as *Elegias do Duino*, p.68.

²²⁹ M.HEIDEGGER, *Hölderlin y la esencia de la poesia*, p. 138.

²³⁰ F.HÖLDERLIN, “Carta a su madre” *apud* M.HEIDEGGER, *Hölderlin y la esencia de la poesia*, p.128.

O poeta escuta e canta, articula o que manifesta sentido, e antes de tentar organizar as coisas, as diz simplesmente em sua presença vigente.

O carvalho mesmo assegurava que só semelhante crescer pode fundar o que dura e frutifica; que crescer significa: abrir-se à amplidão dos céus, mas também deitar raízes na obscuridade da terra; que tudo o que é verdadeiro e autêntico somente chega à maturidade se o homem for simultaneamente ambas as coisas: disponível ao apelo mais alto do céu e abrigado pela proteção da terra que oculta e produz.

*Isto o carvalho repete sempre ao caminho do campo, que diante dele corre seguro de seu destino.*²³¹

O poeta pensa poeticamente (*denkend-dichtend*)²³², através do pensamento que pensa a coisa na coisa, no mesmo. Desvela a pluralidade de sentidos escondida na inaparência que compõe esse mesmo, o simples. E, deste pensar poético do simples, abre-se naturalmente a dimensão do sagrado.

Ao devolver a dimensão do Aberto para a simplicidade mesma das coisas, os poetas avisam para a recordação de uma viravolta. Transitam num espaço íntimo que é habitado por uma medida *recordante*, do coração, que vai além da avidez objetiva da contemporaneidade. Por isso, ele pode ser aquele que usa *o mais perigoso dos bens*, a palavra, para dizer o sentido sempre a partir da essencialidade do homem. Procura em seu modo de olhar, perceber uma harmonia entre as coisas do mundo, infundindo-lhes a dimensão sagrada em seu cerne. Isto é o que o poeta procura, encontra e nos diz.

Esses que se arriscam mais são os poetas, em particular, esses nos quais o canto volta o nosso ser sem abrigo face ao aberto. Esses poetas

²³¹ M.HEIDEGGER, *O caminho do campo*, p.68-69.

²³² Vide E.C.LEÃO, nota 2, p.218 in M.HEIDEGGER, *Introdução à Metafísica*..

*cantam visto que eles devolvem a separação contra o aberto, e sua indigência, na saúde da totalidade, pois na indigência, eles recordam a salvação. A reversão recordante ultrapassou já mesmo a separação contra o aberto. Ela está no encontro de toda separação e supera no espaço íntimo do mundo habitado pelo coração, todo o objetivo dos objetos. A recordação reversante é assim o risco que se arrisca à partir da essência do homem enquanto aquele que tem a palavra e aquele que diz.*²³³

Assim, essa viravolta que assinala a disposição de um novo caminho, pode advir em um novo pensamento e em nova linguagem: um pensamento que medita e poetiza o mundo e a vida.

*Mais importunos os calculadores,
mais desmedida, a sociedade.*

*Mais raros os pensadores,
mais solitários os poetas.*

*Mais aflitos esses que ouvem,
pressentindo o distante
e salvando os sinais.* ²³⁴

Esta disposição pode abrir-nos para a melodia contínua do apelo do ser. Para isto, cabe-nos a tarefa quase intransponível da viravolta historial da espera, que deve recolher todo gesto e ousar consentir nesta nossa era de vontade e de poder.

²³³ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...* p.382-383.

²³⁴ M.HEIDEGGER, "Gedachtes" in *Cahiers de L'Herne René Char*, p.279.

2 – Dizer o sentido

Para dizer o que é preciso dizer, não encontro a linguagem.

*Ela deveria ser ainda mais simples.*²³⁵

2.1 – A obediência às coisas

*Ser artista não significa calcular e contar, mas sim amadurecer como a árvore que não apressa a sua seiva e enfrenta tranqüila as tempestades da primavera, sem a angústia de que depois dela não venha nenhum verão. Ele vem, todavia. Mas vem só para os pacientes, que aguardam numa ampla quietude despreocupada, como se diante deles estivesse a eternidade. Aprendo-o diariamente, em meio a dores às quais agradeço: a paciência é tudo !*²³⁶

Quando, neste início de século XXI, usamos uma expressão como “obediência às coisas” ou consentimento a elas, isso talvez possa provocar um leve sorriso. É que vivemos um momento em que a consígnia vigente é exatamente o oposto: - “dominar as coisas”.

*De há muito, o homem lida e continua sempre a lidar com as coisas, sem no entanto, pensar, uma vez sequer a coisa, como coisa.*²³⁷

²³⁵ M.HEIDEGGER, citado por François Fédier, em encontro pessoal com Heidegger, em 1970 in F.FÉDIER, *Anatomia de um escândalo*, p.146.

²³⁶ R.M.RILKE, *Briefe an einen jungen Dichter*, p.23.

²³⁷ M.HEIDEGGER, “A coisa” in *Ensaio e Conferências*, p.144.

Mas, apesar de todo esse desenvolvimento tecnológico que tem radicalmente mudado nossa relação com o mundo, vale ressaltar que a natureza deste tipo de “proximidade” que hoje vivemos, pode ser questionada.

*O homem está superando as longitudes mais afastadas no menor espaço de tempo. Está deixando para trás de si as maiores distâncias e pondo tudo isso diante de si na menor distância. E, no entanto, a supressão apressada de todo distanciamento não lhe traz proximidade.*²³⁸

Isto nos mostra que a aproximação física ou simultânea de alguma coisa, sua distância apenas métrica ou mesmo conceitual, não a traz necessariamente para mais perto. Heidegger nos lembra ainda que a eliminação dos grandes distanciamentos torna tudo igualmente tão próximo quanto distante, como se não houvesse mais diferenças.

Tudo está recolhido à monotonia e uniformidade do que não tem distância.

O homem não percebe o que, de há muito, já está acontecendo ...

*Como hoje, tudo está em voga e se põe em vigor, a saber, no fato de, apesar da superação de todo distanciamento e de qualquer afastamento, a proximidade dos seres está ausente.*²³⁹

Nossa era da técnica é concretizada pela supremacia da ciência, entendida aqui como uma ação constrangente e delimitadora que representa “objetivamente” as coisas e as anula como coisas, de tal forma que a nossa era não somente já não permite nem aceita que as coisas sejam, como também que jamais tenham podido aparecer como coisas.

²³⁸ M.HEIDEGGER, “A coisa” in *Ensaio e Conferências*, p. 143.

²³⁹ M.HEIDEGGER, “A coisa” in *Ensaio e Conferências*, p. 144.

*Será que a coisa nunca chegou suficientemente perto da proximidade do homem, de maneira que ele ainda não aprendeu inteiramente a dar-se conta e a reparar a coisa, como coisa?*²⁴⁰

Qual seria então, um outro modo de estar com as coisas, de tal forma que ao compartilhar de sua presença, o homem pudesse dizê-las e alcançar seu sentido? Como aproximar-se delas com isenção de intenções funcionais e talvez com a pureza primitiva de uma criança? É aqui que se reconhece a “obediência às coisas”. Obediência que qualifica uma aproximação sem assimetria, sinal de uma outra disposição e de um outro pensamento.

Passemos a palavra ao poeta, que pressente a existência desta distância ontológica do homem contemporâneo com as coisas, a mesma sobre a qual reflete Heidegger.

*Oh!, que mestres devoradores somos nós para com as coisas, pois elas gozam de uma eterna infância! Se as tomamos para dormir em total intimidade, se dormimos profundamente com as coisas... : oh, como sairemos descansados e transformados, do abismo comum, como alcançaremos a um outro Dia ! Ou, então, talvez ficássemos e elas floririam e nos glorificariam, nós, os convertidos, agora semelhantes aos seus, à todos seus irmãos e irmãs silenciosos sob o vento das campinas.*²⁴¹

A vigência do dizer da poesia, em contraste com o nosso falar lógico do cotidiano, é aproximar-se do distante sem desrespeitá-lo, preservando assim a secreta proximidade na distância. Este cuidado, simbolizado por um dado tipo de distanciamento, exemplifica a outra disposição para a presença das coisas, carregada de silêncio, obediência e consentimento.

²⁴⁰ M.HEIDEGGER, “A coisa” in *Ensaios e Conferências*, p. 148-149.

²⁴¹ R.M.RILKE, “Briefe aus Muzot” p.16-17 *apud* R.PITROU, *Rainer Maria Rilke*, p. 101-102.

Caso lhes seja possível, regressem com uma parte de sua sensibilidade desacostumada e adulta, a qualquer das coisas da infância com a qual passavam muito tempo. Pensem se havia algo que se mostrasse mais próximo, mais íntimo e necessário, em relação a uma dessas coisas. Se tudo mais, exceto isso, não podia provocar sofrimento ou mal; assustar com uma dor; confundir com uma incerteza. Se havia confiança nas suas experiências, e harmonia, e o não-estar-só, não foi graças a isso? Não houve alguma coisa com a qual compartilhavam seus pequenos corações, como fosse um pedaço de pão que teria que ser suficiente para dois?

Mais tarde [...] encontravam uma alegria piedosa, uma humildade feliz, uma disposição para ser tudo que já conheciam, porque um pedacinho qualquer de madeira já havia feito tudo isso a vocês, e os havia tomado sobre si, e os havia suportado. Este algo, pequeno e esquecido que podia significar tudo, os familiarizou com mil coisas porque desempenhou mil papéis: foi animal e árvore, e rei e menino – e quando ele se retirou, tudo isso estava aí. Esse algo tão insignificante, preparou as suas relações com o mundo, conduziu-os para o devir, e os pôs entre os homens e mais ainda: nele, em seu existir, em sua aparência, em sua ruína, ou em seu misterioso desaparecer, vocês viveram todo o humano até mesmo a profundidade da morte.

*Apenas lembrem disso, e poucas vezes darão conta de que também agora são necessárias a vocês coisas que, como aquelas da infância, esperam a sua confiança, seu amor e sua entrega. Como é possível isto? Como se relacionam as coisas conosco? Qual é a sua história?*²⁴²

Este trecho da 2ª Conferência sobre Rodin, proferida por Rilke em 1907, talvez possa ajudar a nos elucidar, a partir do modo todo próprio que parecem poder dizer os poetas, o eixo de nossa relação com as coisas e com o mundo.

²⁴² R.M.RILKE, *Rodin*, p.104-105.

O poeta medita na recordação da livre disposição da criança, que todos nós fomos um dia e que alguns relembram, e exemplifica através de nossas experiências mais simples, a natureza profunda da proximidade, que o mundo adulto parece adulterar.

Este sentido presente na poesia de Rilke reafirma a noção de proximidade anunciada por Heidegger, quando nos diz ser ela revestida por uma sintonia de confiança, intimidade e disponibilidade, traços que nossa sensibilidade desacostumada e séria, impregnada por um olhar prático, parece já ter perdido. As coisas acabam assim sendo manipuladas apenas como objetos e classificadas nas muitas categorias de inúmeras disciplinas distintas. Mas, para o poeta, o que conta em nossas relações com as coisas do mundo, é o modo desarmado com o qual nos maravilhávamos na infância, a singela pequenez surpreendente de tudo.

Para a criança que há no Homem, a noite permanece a costureira/aproximadora (Näherin) das estrelas. Ela junta sem costura, bainha, nem linha. Ela é a costureira/aproximadora, porque só trabalha com a proximidade. ²⁴³

Por fim, o poeta devolve a nossa questão ao lembrar do que as coisas esperam de nós: amor, confiança e entrega. Total obediência.

De que modo, então, o homem do nosso século pode chegar a consentir em uma viravolta que venha a fundar a disposição de uma nova esperança nesse tempo de indigência ?

²⁴³ M.HEIDEGGER, *Serenidade*, p.69.

... se concebermos o pensamento como representação, tal como o fizemos até aqui [...] não consigo representar essa essência do pensamento, nem com a maior boa vontade.

[...] que deverei então fazer ?

Não devemos fazer nada a não ser aguardar.

E aguardar significa: envolver-se no aberto da Região (Gegnet).

A Região reúne, tal como se nada acontecesse, cada coisa com cada coisa e todas entre si no demorar-se no repouso em si próprio. ²⁴⁴

O pensamento essencial começa no recolhimento e na escuta: - o pensamento descobre sua determinação própria quando se recolhe na escuta do consentimento que nos diz o que, para o pensamento, se dá a pensar.²⁴⁵ Assim, o dizer essencial nada retira das coisas, resguardando-as na sua quietude.

A quietude aquieta-se dando suporte ao modo de ser de mundo e coisa. O falar dos mortais deve antes de tudo escutar o chamado...

Os mortais falam à medida que escutam. ²⁴⁶

A silenciosa paciência rilkeana que busca claro discernimento das regras naturais da vida, de seu ritmo próprio, chega a obter a permissão de conhecimento que autoriza através de sua poesia, o acesso ao mais denso da natureza dos entes.

*O homem fala à medida que corresponde à linguagem. Corresponder é escutar. Ele escuta à medida que pertence ao chamado da quietude.*²⁴⁷

²⁴⁴ M.HEIDEGGER, *Serenidade*, p.36-41-48. Região (Gegnet) aqui significa “ extensão livre” (*die freie Weite*).

²⁴⁵ M.HEIDEGGER, “ A essência da linguagem”, in *A caminho da linguagem*, p.139.

²⁴⁶ M.HEIDEGGER, “ A linguagem” in *A caminho da linguagem*, p.24-25.

²⁴⁷ *Id. ibid.* p. 26.

Este recolhimento do gesto e este consentimento na escuta, significam, também para o poeta, tanto uma freqüência íntegra de percepção/recepção (*Bezug*)²⁴⁸ do mundo, como um retorno necessário às dimensões *elementais* ²⁴⁹ da própria vida, há tempos distantes de nós.

É nesta dimensão de recolhimento, que o homem pode compreender e dizer o sentido original, no canto da poesia.

*Se ao menos uma vez tudo se aquietasse.
Se o fortuito e o impreciso se calassem,
e também o riso ao meu redor...
Se o ruído que fazem os meus sentidos
não perturbassem tanto a minha vigília ...
Então eu poderia num pensamento multiforme
pensar-te até os teus limites e possuir-te.
(seria o tempo de um sorriso),
e oferecer-te a vida inteira,
como um agradecimento.²⁵⁰*

2.2 – O pensamento do sentido e a poesia

No nosso destino de indigência, fruto da configuração forte da técnica em nosso tempo, pressente-se como um novo começo aguardando consentimento.

A natureza deste consentimento é estreitamente ligada ao caminho do nosso pensamento. Hoje retratado como técnica produtiva, nosso pensamento reafirma sua condição indigente e sua distante atenção da

²⁴⁸ Vide p.70, nota 152.

²⁴⁹ Vide p.54, nota 111.

²⁵⁰ R.M.RILKE, *Poesie*, p.92.

clareira do ser (*Lichtung*), mas talvez ele ainda possa ser compreendido como novo sentido, através do seu próprio questionamento enquanto pensamento.

*O que é e como determinar-se, na presente idade do mundo, a questão do pensamento ?*²⁵¹

No *Colóquio sobre Kierkegaard* de 1964, Heidegger nos fala de um fim da filosofia²⁵² enquanto Metafísica e da possibilidade de uma nova tarefa, a de constituir-se um novo pensamento.

Ele nos mostra que a partir de Platão a Metafísica desdobrou-se em pensamento que calcula e esgotou-se no cumprimento de sua dimensão histórica.

*O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (ein besinnliches Denken), não é um pensamento que reflete (nachdenkt) sobre o sentido que reina em tudo o que existe.*²⁵³

O pensamento que calcula lida com as representações que a ciência faz da realidade. Este pensamento opera apenas uma objetização do real, estabelecendo correlações causais, sustentado por um sistema ordenado de relações. Ele reduz a realidade, o nosso mundo, a um e mesmo modo de olhar e de classificar os entes. Ele planeja, investiga, calcula e será sempre diferente do pensamento que pensa o sentido.

Heidegger nos diz que o pensamento advindo dessa possível viravolta talvez até já não seja mais filosofia, uma vez que pense mais originariamente do que a Metafísica, completada no pensamento da técnica. Este pensamento chega à linguagem em um novo Dizer que é próximo do Dizer poético.

²⁵¹ M.HEIDEGGER, *L' affaire de la pensée*, p.13.

²⁵² M.HEIDEGGER, " O fim da filosofia e a tarefa do pensamento" in coleção Os pensadores volume *Heidegger*.

²⁵³ M.HEIDEGGER, *Serenidade*, p.13.

*O pensamento do ser protege a palavra e cumpre nesta solicitude seu destino[...] O dizer do pensamento vem do silêncio longamente guardado e da cuidadosa clarificação de âmbito nele aberto. De igual origem é o nomear do poeta.*²⁵⁴

A linguagem será o “material de construção” que o pensamento precisa para pensar o destino do ser, e através dela, de sua delicadeza e fragilidade, chegar a pensar o sentido das coisas e da nossa essência .

*Em seu dizer, o pensamento eleva apenas à linguagem a palavra impronunciada do Ser.[...] Clareando-se, o Ser chega à linguagem. Ele está sempre no caminho da linguagem. Assim a linguagem é elevada à clareira do Ser. Somente assim, a linguagem é naquele modo misterioso, que nos atravessa sempre com seu vigor.*²⁵⁵

E aquele, diferentemente de todos os outros, aquele que mais se arrisca dentre os mortais, nesta espera da palavra concedida que pode entremostrarmos um destino, é o poeta.

Quando Heidegger aproxima-se mais da poesia, através de trabalhos de Stefan George (1868-1933), Eduard Mörike (1804-1875), Georg Trakl (1887-1914) além de Hölderlin e do próprio Rilke, espera encontrar na vizinhança da experiência poética com a palavra do pensamento, a possibilidade de uma experiência pensante, com a linguagem, significando sobretudo: *aprender a atentar e a atender a essa vizinhança em que habitam poesia e pensamento.*²⁵⁶

Rilke, em outro percurso, busca também encontrar uma linguagem que possa traduzir o âmbito da imanência das coisas, no pensamento:

²⁵⁴ M.HEIDEGGER, “ Que é Metafísica” in coleção Os Pensadores volume *Heidegger*, p.384.

²⁵⁵ M.HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p. 96.

²⁵⁶ M.HEIDEGGER, “A essência da linguagem” in *A caminho da linguagem*, p.146.

*Se, (nas Elegias de Duíno e nos Sonetos a Orfeu), à semelhança do que acontece na linguagem conceptual dos filósofos, as palavras abstratas preponderam sobre as concretas e adquirem amiúde significado diverso do que lhes dá o uso comum, nem por isso há menos poesia. Só que esta se move o tempo todo no âmbito da imanência: a Gedankenlyrik de Rilke não se ocupa nunca de idéias filosóficas anteriores e externas à mentação poética.*²⁵⁷

*E então, minh' alma, sê ampla, ampla,
para ganhares a vida;
desdobra-te como um vestido de festa
sobre as coisas que meditam.*²⁵⁸

Esta vizinhança entre a poesia e o pensamento do sentido, ganhará fundamento na obra de Heidegger e, sendo abordada em vários de seus trabalhos e conferências²⁵⁹, permanecerá até o final de seu caminho como uma questão nodular.

O pensamento é poema (Dichten).

O pensamento do ser é a ordem original do dizer poético.

*O pensamento é o poema original, que precede toda poesia, e também todo poético da arte na medida onde ele aqui se faz obra na esfera da língua. Todo poema, em sentido mais amplo tanto quanto no sentido mais particular da poesia, é, em sua base, pensamento.*²⁶⁰

²⁵⁷ J.P.PAES, "A luta com o anjo – Uma introdução à poesia de Rilke" in *Poemas*, tradução J.P. Paes, p.27.

²⁵⁸ R.M.RILKE, *Poemas I*, tradução de Paulo Quintela, p.29.

²⁵⁹ Vide por exemplo: *Porque poetas?*, *A palavra de Anaximandro*, *Ciência e meditação* e *A essência da linguagem*.

²⁶⁰ M.HEIDEGGER, "La parole d'Anaximandre" in *Chemins ...*, p. 396.

O pensamento do sentido e a poesia requerem o gesto de retorno (*Schrittzurück*), a escuta e o silêncio.

Talvez a linguagem então exija muito menos a expressão precipitada que o devido silêncio. Contudo, quem de nós, contemporâneos, quereria pretender que suas tentativas de pensar estejam familiarizadas na senda do silêncio? ²⁶¹

Como Heidegger, também escreve o poeta:

Forma-te, silêncio: e forma as coisas ... ²⁶²

Robert Pitrou, crítico do poeta, ao comentar esta disposição da escuta, lembra que:

... os Sonetos a Orfeu nos convidam a respeitar a individualidade das coisas; evitamos toda invasão sobre elas, consentido-lhes a sua docilidade, a sua leveza. [...] Bem ao contrário, cabe a nós, abdicando de todo orgulho, servi-las, rebaixando-nos para elas, comungando fraternalmente com todas elas, nos deixando embalar, como elas, ao sopro da natureza. ²⁶³

Rilke, o poeta em tempos de indigência, procura uma linguagem oposta à da nossa era contemporânea, um dizer que penetra nos mistérios da condição humana e traz sempre uma piedosa escuta ao apelo do sentido do ser, trabalhando-o em sua inacessibilidade e indicando a boa disposição do pensamento que o acolhe e salva.

... em um novo espírito de conciliação a isso que nos é dado, isso que esperamos, à circunstância vindoura, à isso que se impõe; um tipo de descida às profundezas, e que busca não tanto resistir à pressão das

²⁶¹ M.HEIDEGGER, “ Sobre o ‘ Humanismo’ ” in coleção Os pensadores volume *Heidegger*, p.362.

²⁶² R.M.RILKE, “ Livro de Horas” *apud* C.MARTINS, *Rilke - O poeta e a poesia*, p. 87.

²⁶³ R.PITROU, *Rainer Maria Rilke*, p. 102.

circunstâncias senão utilizar esta pressão, afim de se alcançar graças a ela uma camada mais densa, mais profunda, mais particular de nossa própria natureza.

Esse modo de pegar a vida pelo lado difícil (jenes Schwer-nehmen des Leben) do qual meus livros estão repletos – não é absolutamente melancolia, meu caro ... – Esse Schwer-nehmen (acolher a densidade) não é nada além do que um modo de tomar as coisas a partir de seu verdadeiro peso, e por conseqüência percebê-las (wahrnehmen); uma tentativa para pesar as coisas com o quilate do coração, em vez de pesá-las com a desconfiança, a sorte ou o acaso. Nada de recusa, está bem? ! nada de recusa ; oh, bem ao contrário, de um infinito consentimento e sempre de novo consentimento à existência ! ²⁶⁴

Heidegger utilizará expressões como entrega, abandono e simplicidade para falar desta disposição, referindo-se ao pensamento que medita. Como no texto cujo título, precisamente, é *Serenidade (Gelassenheit)*.

Talvez estejamos agora próximos de ser admitidos (einglassen) na essência do pensamento [...] na medida em que aguardamos (warten) pela sua essência.²⁶⁵

Os caminhos do bosque, imagem permanente da Floresta Negra, serão utilizados em mais de um momento pelo pensador, como um paradigma desta simplicidade que é grande e que permanece ecoando o apelo do ser no pensamento.

²⁶⁴ R.M.RILKE, “Lettre à A.R.Bodländer”, in R.PITROU, *Rainer Maria Rilke*, p.107.

²⁶⁵ M.HEIDEGGER, *Serenidade*, p. 42-43.

*O caminho recolhe aquilo que tem seu ser em torno dele; e dá a cada um dos que o percorrerem aquilo que é seu. Os mesmos campos, as mesmas encostas da colina escoltam o caminho em cada estação, próximos dele com proximidade sempre nova.*²⁶⁶

O pensamento do sentido e a poesia acenam para esse Dizer que nomeia o ente por inteiro, incluindo os lados que os mortais habitualmente não vêem, e esperam neste aceno pelo consentimento destinal da viravolta, a viravolta do sentido.

É o Dizer que pode instaurar o permanente e assim chegar a configurar um outro Destino em meio a nossa noite escura da indigência.

Em 1972, Heidegger nos fala deste Dizer, neste poema:

*Quando os vocábulos se tornarão
de novo palavras?
Quando o vento será alçado numa viravolta do aceno?*

*Quando as palavras, distante generosidade,
dirão –
sem qualificar para dar sentido –
quando mostrando elas levarão
ao lugar
de imemoriável conveniência,
- restituindo aos mortais o Uso conveniente -
lá onde o coro do silêncio chama,
onde o alvorecer do pensamento, em uníssono,
em dócil claridade, amanhece.*²⁶⁷

²⁶⁶ M.HEIDEGGER, *O caminho do campo*, p. 69.

²⁶⁷ M.HEIDEGGER, “Sprache/Langue”, in *Cahiers L’Herne* volume *Heidegger*, p.98/99.

3 – Pensar o destino

*O homem em todo seu ser é sempre regido pelo destino do desvelamento. Mas isto não é nunca a fatalidade de uma sujeição. Pois o homem, precisamente, não se torna livre senão enquanto é envolvido no domínio do destino e tornando-se assim um homem que escuta, não um servo que é comandado.*²⁶⁸

3.1 – Um destino tecno-planetário

*Mas, não há viravolta dos mortais senão quando tomam lugar em seu próprio ser.*²⁶⁹

A noção de destino, nas obras de Heidegger, possui um significado particular. Inicialmente relacionado ao *Dasein*, nas obras mais maduras é destino do ser, em outra perspectiva historial. O ser envia (*schicken*), prepara, arranja tudo e põe a caminho os mortais para que compreendam seu próprio sentido.²⁷⁰

Este envio não é uma prerrogativa do homem, é a essência do próprio ser. Cabe ao homem poder ouvi-lo. Heidegger entende que nossa época da Modernidade, marcada pela técnica, não é apenas feita por nós, homens da era das ciências, mas uma etapa historial indefectível do nosso destino.

²⁶⁸ M.HEIDEGGER, “La question de la technique” in *Essais et Conférences*, p. 33.

²⁶⁹ M.HEIDEGGER, *P.P. Chemins ...*, p. 325.

²⁷⁰ Vide *historial e destino* in J.C.MICHELAZZO, *Do um como princípio ao dois como unidade*, p.150, nota 109.

Como em todo modo de descobrir o ser, a cada momento, a etapa historial ultrapassa os mortais, moldando e complementando seus propósitos. Assim, temos uma concepção de homem e destino, segundo a qual o ser historial envia o caminho aberto com uma dada feição, para as escolhas dos homens. Cada momento é preparado e disposto aos mortais pelo próprio destino (*Geschick*) do ser. Destino é sempre um contínuo enviar. É o que envia o ser.

A freqüente utilização por Heidegger da frase *es gibt sein*, o ser dá-se, ou seja, envia a si mesmo, expressa convenientemente esta noção de remessa destinal gratuita de possibilidades.

Qual é então, nesta era da Modernidade, a feição do nosso destino tecno-planetário? A tecnologia da Modernidade, põe o homem a caminho, “envia-o” num modo próprio de descobrimento das coisas, tornando-se assim seu destino.

*O ser é como um texto rico. Se um comentador destruísse o texto, conservando apenas a sua própria interpretação, a interpretação do texto original deixaria de existir. Mas se o original permanece preservado com a sua interpretação, a interpretação pode continuar, revelando sucessivamente diversos aspectos do texto.*²⁷¹

Apoiada nas ciências exatas e no pensamento lógico-representativo, a fúria tecnicizante comanda, através da exploração e processamento, tudo que a rodeia. Em sua aparentemente infinita vontade de poder, dispõe da natureza, do homem, do trabalho e do uso das coisas. Há três

²⁷¹ M.INWOOD, *Dicionário Heidegger*, p.83.

aspectos característicos na manifestação da tecnologia moderna que configuram o que poderia ser entendido como um círculo vicioso do esquecimento do ser.

O primeiro é a *intervenção*, gesto que mobiliza, interfere e dispõe de tudo em todos os sentidos.

Depois, a *produção*, que processa essa intervenção de múltiplas formas (e sempre a mesma) para o domínio e consumo de toda a realidade pelos homens.

E por fim, o *controle*, que através de sistemas de acompanhamento e manutenção, preserva a intervenção e a produção, assegurando a sua continuidade.

Desse modo, a técnica provoca mais técnica, tornando-se história, destino do ser. Este destino vai tornar-se perigo, principalmente por que impera como único modo de desencobrimento, um comentário repetido do múltiplo texto do ser. Com um tipo de hermenêutica singular e redundante, dispõe e rearranja a interpretação que lhe pareça preferível.

O homem coloca diante de si o mundo objetivado em sua totalidade e posiciona-se diante do mundo. O homem dispõe o mundo sobre si e produz para si mesmo a natureza. Esta produção, é preciso pensá-la, em toda sua amplitude e multiplicidade de seu desdobramento. O homem comanda a natureza quando esta não corresponde à sua representação. O homem fabrica coisas novas onde elas lhe faltam. O homem rearranja as coisas quando estas lhe incomodam. O homem as desloca e altera quando se desviam de seus propósitos. O homem expõe as coisas onde as exalta para

*o comércio e o consumo. O homem as expõe quando exhibe sua própria performance e divulga o seu negócio. Em suas múltiplas produções o mundo pára e se detém. O aberto converte-se em objeto, e assim ele é devolvido para o homem. Em face a um mundo como objeto, o próprio homem se apresenta e se estabelece como aquele que impõe deliberadamente toda esta produção.*²⁷²

Podemos perceber assim, como o homem configura o seu destino atual: ele coloca, dispõe, comanda, fabrica, rearranja, altera e expõe. Em nenhum momento aguarda, escuta, consente ou espera.

*Algo soa como que invertido neste destino, pois o principal não é a natureza, como ela interpela o homem a partir de si, mas o que é determinante é como o homem deve representar a natureza a partir da intenção de dominá-la.*²⁷³

Esta dominação coloca em risco a essência do homem e do mundo. Antes de tudo, impede toda experiência desta essência, desenvolvendo, no domínio das ciências atuais, uma forma de saber que se recusa a pensar sobre si mesma em sua dimensão essencial, ou repensar sua proveniência mais fundamental.

Como já dissemos, o grande perigo deste destino tecno-planetário é o imperativo incomensurável de um modo único de desencobrimento do ser, que impede outros modos possíveis.

²⁷² M.HEIDEGGER, *P.P. Chemins ...*, p. 345-346.

²⁷³ M.HEIDEGGER, *Seminários de Zollikon*, p.154.

Nesta noite escura e monótona, podemos ouvir o sussurro do pensador que co-responde ao poeta:

O salvo/íntegro (das Heile) ²⁷⁴ se oculta. O mundo torna-se sem saúde (heil-los). Assim não somente o sagrado (das Heilige), enquanto um rastro para a divindade, permanece velado, mas ainda o vestígio do sagrado, o salvo, parece apagado. A menos que tenhamos ainda aqui alguns mortais capazes de ver a ausência de saúde enquanto ausência de saúde, em toda sua ameaça. Seria necessário que eles chegassem a ver que gênero de perigo está se mostrando, relativamente ao homem. Pois esse perigo consiste na ameaça que concerne à essência do homem em sua relação com o ser mesmo, e não sobre qualquer perigo contingente. Um tal perigo é o perigo. Ele está escondido no abismo para todo ente. Mas para ver o perigo e mostrá-lo, devem existir esse mortais que atingem mais rápido o abismo. ²⁷⁵

Heidegger nos lembra que Rilke experimenta de maneira precisa essa indigência do nosso destino tecno-planetário, e aponta para esta dimensão do salvo ou do sagrado. E compreende que nosso destino, na sua extrema penúria, traz dentro de si o sublime e permanente envio do sopro do ser. Então, é a lenta e quieta espera que deve recolher qualquer gesto, para através de outro pensamento e da linguagem da poesia apontar os vestígios do envio incessante do destino do ser.

Transformar em linguagem cada vez esse ad-vento permanente do ser que, em sua permanência, espera pelo homem, é a única causa (sache) do pensamento.²⁷⁶

²⁷⁴ Vide *Heilige* e *heilen* in J.C.MICHELAZZO, *Do um como princípio ao dois como unidade*, p.198, nota 147.

²⁷⁵ M.HEIDEGGER, P.P.*Chemins ...* p. 355.

²⁷⁶ M.HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p. 98.

*Vozes, vozes. Ouve, meu coração, como outrora apenas os santos ouviam, quando o imenso chamado os erguia do chão; eles porém permaneciam ajoelhados, os prodigiosos, e nada percebiam, tão absortos ouviam. Não que possas suportar a voz de Deus, longe disso. Mas ouve essa aragem, a incessante mensagem que gera o silêncio. Ergue-se agora, para que ouças ...*²⁷⁷

3.2 – Destino de uma nova tarefa

*Como alguém pode se esconder diante disso que não desaparece jamais ?*²⁷⁸

*Isto se chama destino: estar em face do mundo e nada senão eternamente em face.*²⁷⁹

Ao longo de nosso trabalho por várias vezes tratamos da noção de destino tecno-planetário da Modernidade. E pudemos perceber o seu caráter sombrio de uma noite sem deuses, a sua música monocórdia de uma única nota ao tanger o ser, a sua dimensão avassaladora de espaço e culturas implementando uma *Gestell* sem limites, enfim a sensação de uma muda penúria que carregamos, aquilo que não se pode compreender.

²⁷⁷ R.M.RILKE, *Elegias de Duino*, tradução de Dora Ferreira da Silva, p.5.

²⁷⁸ HERÁCLITO, Fragmento 16 *apud* M.HEIDEGGER, “Aléthéia”, in *Essais et Conférences*, p.314.

²⁷⁹ R.M.RILKE, *Duineser Elegien/Les Élégies de Duino*, traduite par J.F. Angelloz (*Dieses heisst Schicksal : gegenüber sein / und nichts als das und immer gegenüber*) .

Percebemos ainda que nós, mortais, sentimos cada vez mais a falta de algo que nos é obscuro, mas pressentido como íntegro e simples.

Uma nova noção, a de *Ereignis*²⁸⁰, é a que Heidegger empregará a partir dos anos trinta, como uma idéia de esperança para algum novo acontecimento. Traduzida por *acontecimento-apropriação*²⁸¹ revela a compreensão profunda de como o homem e o ser podem se apropriar em co-respondência, com o caráter de um destino adventício.

Heidegger nos alerta que em meio à dominação da técnica, essência do nosso destino atual, uma possibilidade, inquestionavelmente, permanece: que apareça uma clareira de sua verdade própria, na qual a verdade do ser advenha em sua livre presença. É este advento que está contido na palavra *Ereignis*. Superando e aprofundando a *Gestell*, poderia trazer uma redenção historial do universo técnico, instalando-o no âmbito em que o homem pudesse se encontrar em “apropriação” com o ser.

Com esta noção, através do percurso de seu pensamento, Heidegger busca a expressão da totalidade de um jogo historial entre ser e homem, que pode fundar um acontecimento de viravolta destinal.

*Desde a Lettre sur L’Humanisme, eu continuo a dizer Sein, mas eu penso Ereignis.*²⁸²

Mas, ao mencionarmos um novo destino, estamos falando de uma história que se desenha de modo diferente de uma teleologia habitual. Sua dinâmica articula-se como a essência do próprio ser, na presença co-respondente entre homens e deuses, e na contraposição entre mundo e terra, entendidos em sua amplitude ontológica.

²⁸⁰ Vide nota 109 p.53.

²⁸¹ Vide nota E.STEIN in M.HEIDEGGER, “O princípio da identidade” in coleção Os pensadores volume Heidegger,p.383 nota 6.

²⁸² M.HEIDEGGER, “ Protocolo do Seminário de Thor-1968” apud J.BEAUFRET “ En chemin avec Heidegger” in Cahiers L’Herne Heidegger., p.237.

Ereignis passa assim a ser a tradução de história na forma do entendimento desta co-respondência, mas que não vai poder se manifestar na linguagem que conhecemos, dentro de nosso destino tecno-planetário. Deixa-se apenas presumir, torna-se um apropriador do Dizer. Podemos falar de seu sentido, mas num Dizer diferente, que segue uma outra ordem, através do gentil auxílio da poesia. O pensamento do cálculo torna-se o lado avesso do próprio *Ereignis*, como um destino que fosse assim mal cuidado, despercebido.

Ao ouvirmos com particular atenção alguns dos versos das *Elegias do Duino*, podemos perceber que Rilke, também, vai nos falar de apropriação e recomeço. Algo também mais essencial, será como *Ereignis* em outra moldagem.

*O mundo pode bem rapidamente se transformar
como as formações de nuvens,
toda coisa acabada retorna
ao seio das coisas antigas.*

*Por sobre a mudança e o movimento
mais vasto e mais livre,
perdura ainda o teu prelúdio,
Deus que detém a lira*

*Nem os sofrimentos são conhecidos,
nem o amor é aprendido,
nem isso que na morte nos afasta*

*não é desvelado.
Só, o canto sobre a terra
santifica e glorifica.*²⁸³

Este “novo início” que se descortina com a noção de *Ereignis*, pode ser remetido ao pensamento de Heráclito segundo o qual *não podemos nos esconder daquilo que não desaparece*, ou seja, esta dimensão apropriadora nos traz aquilo que já e sempre foi (é) o mais próprio nos entes e na dimensão histórica que o *Dasein* experencia. Isto significa que há algo presente que não “desaparece” na situação indigente enviada no destino da *Gestell*, mas lateja de quando em quando nos interstícios desta história, provocando nos homens um misto de estranheza e melancolia saudosa de algo mais próprio e mais seu.

O pensamento é do Ser, enquanto pro-vocado em sua propriedade
(*ereignen*) .²⁸⁴

Na obra escrita entre 1936/38, publicada apenas 50 anos depois (1989) nas *Gesamtausgabe – Vol.LXV*, sob o título de *Beiträge zur Philosophie(Von Ereignis)*, (*Contribuições para a filosofia[Do acontecimento-apropriador]*), partindo de sua então aproximação à poesia de Hölderlin, Heidegger pergunta em que tipo de solo se consolidaria a esperança que o envio do ser já teria manifestado em um primeiro sinal na nossa história. Refere-se então à palavra do poeta que vaga pela árida miséria de nossa era, ao seu canto que desvela o *acontecimento-apropriação*, e à nossa disposição de escuta e entrega que pode possibilitar um “outro começo” essencial.

²⁸³ R.M.RILKE, *Die Sonette an Orpheus/ Les Sonnets a Orphée*, traduit par J.F.Angelloz, p.178.

²⁸⁴ M.HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p.28.

Ereignis então é a clareira que oculta e mantém não decidido o Aberto, o pertencimento do homem ao ser como o que fundamenta sua verdade, e a indicação para o tempo de um outro deus. Tentemos compreender um pouco mais o sentido desses deuses que se entremostram e se escondem neste jogo historial de co-respondência entre o ser e os homens.

*A época é determinada pelo afastamento de deus, pela falta de deus [...] A falta de deus significa que nenhum deus se nos assemelha mais, visivelmente e claramente, os homens e as coisas sobre si, ordenando assim, a partir de uma tal semelhança, a história do mundo e a estadia humana nesta história.*²⁸⁵

Os deuses podem aproximar-se da nossa linguagem quando somos invocados por eles. A palavra que nomeia os deuses ou articula a divindade é sempre uma resposta a tal chamado, dentro da responsabilidade de um destino.

Mas, quem inicia este diálogo dos homens com os deuses? Heidegger nos responde através da palavra de Hölderlin:

*Mas o permanente o instauram os poetas.*²⁸⁶

Essa correspondência que apropria o homem e o ser, na legitimidade do Aberto, assinala a região não muito distante do sagrado, onde pode dar-se uma disposição para o retorno dos deuses. Talvez para isso, os poetas possam entoar a melodia apropriada na forma de um gesto (como *Orpheu* com sua lira), em direção à dimensão abandonada do mistério como tradução de destino.

²⁸⁵ M.HEIDEGGER, *P.P.Chemins ...*, p. 323-324.

²⁸⁶ F.HÖLDERLIN, *Poemas*, p.380.

No seu texto sobre Rilke, Heidegger nos mostra que os poetas são os que se arriscam mais, expondo-nos no Aberto do pensamento e da linguagem. O poeta é aquele que consente e aponta para uma viravolta. Ele nos canta uma salvação pelo Aberto.

*É somente no círculo mais vasto do salvo que pode aparecer o sagrado.*²⁸⁷

Essa densa dimensão do sagrado que contém em si o sentido obscuro do mistério permeando as coisas mais simples, foi sempre recusada sem cerimônia por nossa época de esquecimento do ser, em particular pelas estratégias da técnica.

*Essa é a tua muda maneira de seres:
Os que te invocam com sonoros nomes
Já não te lembram a proximidade.*²⁸⁸

Heidegger pensa o sentido das noções de salvação, saúde e sagrado²⁸⁹ de modo plural. A dimensão apropriadora de *Ereignis*, anunciada pelo Dizer dos poetas, pode estar nos indicando um outro início de salvação, onde o *Dasein* se compreenda numa disposição mais saudável e íntegra, onde mesmo o sagrado chega a ser tocado, no envio da tarefa de um outro destino. *O sagrado religa o divino. O divino avizinha-se do deus.*²⁹⁰

Os poetas, em seu Dizer salvador, resgatam aos mortais os sinais das pegadas dos deuses que nos abandonaram nessa noite indigente da Modernidade. *Enquanto eles cantam a salvação (Heilen) são os poetas em tempos de indigência.*²⁹¹

²⁸⁷ M.HEIDEGGER, "Wozu Dichter" in *Holzwege*, p.294.

²⁸⁸ R.M.RILKE, *O livro de horas*, p.82.

²⁸⁹ Vide nota 274 p127.

²⁹⁰ M.HEIDEGGER, "Wozu Dichter" in *Holzwege*, p.294.

²⁹¹ *Id. ibid.*, p. 294.

Rilke nos fala desse abandono descrevendo e invocando o espanto de Deus:

Porém, quanto Deus olhou outra vez para a Terra, levou um susto [...] Ele próprio estava espantado por encontrar, além de sua morada brilhante, uma escuridão principiando, pela qual foi recebido em silêncio, e foi com um sentimento estranho, cada vez mais distante nesse crepúsculo que lembrava o coração dos homens. Então ocorreu-lhe pela primeira vez que a cabeça dos homens é luminosa, mas seus corações são plenos de uma escuridão semelhante, e então ele foi tomado de uma nostalgia por habitar o coração dos homens, em lugar de percorrer sempre esta insônia lúcida e fria de seus pensamentos. ²⁹²

Qual seria então a nossa tarefa destinal, que a linguagem dos poetas prenuncia como um outro início?

É uma tarefa de delicadeza única, o gesto preparatório do espaço historial de acolhimento, que faça manifestar o *acontecimento-apropriação* do envio do ser, que nos conduza ao que é simples. O simples, irmão mais novo do sagrado.

A essência do pensamento é simples, por isso para nós, irreconhecível. ²⁹³

O pensamento recolhe e concentra a linguagem no dizer simples. E assim a linguagem é a linguagem do Ser, como as nuvens são as nuvens do céu. ²⁹⁴

²⁹² R.M.RILKE, *Prose*, p.516-517.

²⁹³ M.HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, p.97.

²⁹⁴ *Id.ibid.*, p.100.

Por que então poetas em tempos de indigência? Porque é esta simplicidade apropriadora que os poetas compreendem bem. Este curar, salvar, sagrar dos poetas é a tarefa de manter acesa a chama da verdade do ser no peito dos homens, de preservar-lhes o brilho sob a pálpebra, de consagrar o consentimento de tudo. Talvez seja exatamente esta a feição da tarefa de um novo destino.

Em seu opúsculo *Bauen Wohnen Denken* – 1951 (*Construir, habitar, pensar*) ²⁹⁵, Heidegger utiliza a bela imagem de uma ponte para nos falar da transição dos mortais, da nossa condição de passagem entre o céu e o abismo, por um caminho que se mostra e se amplia na medida em que percorremos e distinguimos o nosso itinerário.

Curiosamente esta imagem é também utilizada por Kafka, num pequeno conto, em imagens bastante relacionadas:

*Eu estava teso e frio, eu era uma ponte, deitado por cima de um abismo. No lado de cá, estavam fincadas as pontas dos pés, no lado de lá, as mãos, cravei os dentes num barro que se esboroava. As abas do meu casaco esvoaçavam a meus lados. Lá no fundo esbravejava o gélido arroio das trutas. Turista algum iria perder-se naquela altura intransitável, a ponte ainda não fora marcada nos mapas. – Assim, fiquei deitado, esperando; tinha de esperar. Sem desabar, nenhuma ponte, uma vez erigida, pode deixar de ser ponte.*²⁹⁶

A ponte não liga apenas margens que existiam, mas margens que aparecem como tais apenas no percurso, formando os dois lados pela

²⁹⁵ M.HEIDEGGER, “Construir, habitar, pensar” in *Ensaio e Conferências*, p.125.

²⁹⁶ F.KAFKA, “ A ponte”, in *Contos Universais*, p.82

própria ponte. Embora tenhamos sempre dificuldade em perceber o “outro lado”, pouco nítido, incômodo e misterioso, podemos chegar a notar na travessia um grande abismo ou um nada sob nós ao longo da passagem, o vazio perfeito do grande Aberto que nos inclui em sua totalidade.

*A seu modo, a ponte reúne integrando a terra, o céu, os divinos e os mortais junto a si.*²⁹⁷

*À terra quieta, diz: eu passo,
E à água, que se move: eu permaneço ...*²⁹⁸

O consentimento desta viravolta, pode ser como o de uma ponte que resgata no coração dos homens uma disposição imóvel para escutar, através do silêncio das coisas, a infinitude do abismo amplo que atravessamos e a beleza permanente da inconstância do céu, permitindo-nos entrever as mãos dos deuses que suavemente o sustentam.

Este “outro-começo” é a tarefa de uma construção silenciosa, do acolhimento dócil, da escuta delicada que recolhe cada gesto, cada intenção e cada olhar mais intenso, harmonizando num percurso breve margens, abismo e céu, promovendo sentido numa imobilidade que é permanência e passagem.

²⁹⁷ M.HEIDEGGER, “ Construir, habitar, pensar” in *Ensaio e Conferências*, p. 133.

²⁹⁸ R.M.RILKE, *apud* C.MARTINS *Rilke*, p.100.

A espera da viravolta para este “outro começo” pressupõe a escuta e o silêncio. A escuta da melodia sem som do infinito que nos rodeia. E o silêncio não da boca que se fecha, mas o silêncio da alma que se aquieta e se cala ante o mistério do Todo.

*Calar uma coisa, é deixá-la sem voz. Ouvir isso que é sem voz exige uma escuta que cada um de nós possui e da qual ninguém sabe mais servir-se bem. Esta escuta (Gehör) não depende somente do ouvido, mas também do pertencimento (Zugehörigkeit) do homem a Isso a que seu ser está afinado. O homem permanece afinado (gestimmt) a Isso de onde ele recebe sua voz (bestimmt): ele é então atingido e chamado por uma voz cuja ressonância é tanto mais pura quanto ela passa mais silenciosamente através do ruído das palavras.*²⁹⁹

*Ah, nós contamos os anos, praticamos divisões aqui e ali, nós interrompemos, nós retomamos, nós hesitamos entre uma coisa e outra. Mas, até que ponto tudo o que nos acontece é Uno, quanto uma coisa é ligada à outra; se engendra e cresce, e forma a si mesma ... e nós no fundo só temos que estar aí, simplesmente, com empenho, como a terra que consente as estações, clara e escura, totalmente incluída no espaço, não desejando senão descansar na rede de forças e influências em que as estrelas se sentem seguras.*³⁰⁰

²⁹⁹ M.HEIDEGGER, “Dez Satz vom Grund”, *apud* D.CHARLES, “L'Ereignis dans le Tao” in Cahiers L'Herne *Heidegger*, p. 449.

³⁰⁰ R.M.RILKE, *Correspondance*, p.116.

CONCLUSÃO

Ao percorrer temas do pensamento de Heidegger e da poesia de Rilke, muito além do prazer erudito ou da simpatia por curiosidade intelectual, há a certeza de que as questões que ambos levantam, concernem ao mais profundo do nosso mundo e da nossa condição humana.

Algum deles propõe uma nova concepção de mundo? Um novo sistema filosófico? Alguma nova teoria? Absolutamente. Ambos apenas vislumbram a possibilidade de um “salto para trás” na direção de uma preparação para a tarefa de pensar, seja esta prerrogativa da filosofia, da poesia, ou de ambas. Buscam provocar o despertar de uma disponibilidade do homem contemporâneo para uma possibilidade cujo contorno permanece, em verdade, ainda obscuro e cujo destino é incerto.

Tanto Heidegger como Rilke não procuram respostas práticas ou funcionais, nem conseqüências históricas no sentido habitual, visando a sua aplicabilidade na vida cotidiana. E, nenhum dos dois sinceramente supõe que possa vir a ser compreendido com facilidade e mesmo por um número muito grande de homens.

A tradução francesa do título da obra de Heidegger, *Holzwege*, que voluntariamente ou não, usa o verso também originalmente francês de Rilke, *Chemins qui ne mènent nulle part*, traduz exemplarmente tanto o pensamento de um quanto a poesia do outro. Somente o próprio caminho do pensamento faz sentido, não importando onde se vai chegar, mas a qualidade do caminho e o sentido do percurso.

A intenção deste trabalho foi, principalmente, propiciar um despretenso roteiro aos leitores, para que juntos pudessemos percorrer regiões por onde Heidegger e Rilke caminharam, na expectativa de que esta empreitada conjunta possa proporcionar alguma correspondência íntegra e algum interesse verdadeiro por esse pensamento e por essa poesia: - ecos de um silencioso mergulho na condição humana nestes tempos de indigência.

Caminhos

*Caminhos do pensamento, andam por si mesmos,
fugidios. Quando de novo se viram,
mostram algo sobre o que ?
Caminhos, que vão por si mesmos
outrora abertos, súbito fechados,
depois. Revelando do antigo,
nunca alcançado, perdoando o exato –
ralentando o passo
no acolhimento de um destino confiável.
E de novo a indigência
a incerteza da sombra
na permanência da luz.* ³⁰¹

³⁰¹ M.Heidegger, “Gedachtes” in Cahier de L’Herne René Char, p.277.

BIBLIOGRAFIA

Esta bibliografia está organizada em cinco partes. Na primeira estão as obras de Heidegger, na segunda seus comentadores, na terceira as obras de Rilke, em seguida seus comentadores e por fim outras obras.

As obras de Heidegger e Rilke observam a cronologia do ano de publicação das obras utilizadas no trabalho, seguidas de seu título original e ano de sua aparição, e as outras obras estão dispostas em ordem alfabética.

1 - OBRAS DE HEIDEGGER

1952 *Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann

1958a *Hölderlin y la esencia de la poesia (Hölderlin und das Wesen der Dichtung – 1937)*. Traducción y prólogo de Samuel Ramos. México: Fondo de Cultura Económica.

1958b “La question de la technique” (*Die Frage nach der Technik*),
 “Science et méditation” (*Wissenschaft und Besinnung*),
 “Dépassement de la métaphysique” (*Überwindung der Metaphysik*),
 “Alèthéia (*Héraclite, fragment 16*)” in *Essais et Conférences (Vorträge und Aufsätze – 1954)*. Traduit par André Preau et préfacé par Jean Beaufret. Paris: Gallimard.

- 1967 “La doctrine de Platon sur la verité” (*Platons Lehre von der Wahrheit* – 1947) in *Questions II*. Traduit par André Preau. Paris: Gallimard.
- 1969a *Da experiência do pensar* (*Aus der Erfahrung des Denkens* – 1954). Tradução, introdução e notas de Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Globo.
- 1969b *O caminho do campo* (*Der Feldweg* – 1953). Tradução de Ernildo Stein e revisão de José Geraldo Moutinho. São Paulo: Duas Cidades
- 1971a *Nietzsche, vol. II* (*Nietzsche II* – 1961) . Traduit par Pierre Klossowski. Paris: Gallimard.
- 1971b *Gedachtes* (*Pensivement*), traduit par Jean Beaufret et François Fédier in *Cahier de L’Herne - René Char* Paris: L’Herne
- 1973a “Que é metafísica?” (*Was ist Metaphysik* – 1929), “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento” (*Zur Sache des Denkens*-1969), “Sobre a essência da verdade” (*Vom Wesen der Wahrheit*-1943), “Sobre o ‘Humanismo’” (*Über der ‘Humanismus’*-1947), “Identidade e diferença” (*Identität und Differenz* – 1957). Da coletânea *Conferências e escritos filosóficos*. Coleção Os pensadores. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural.
- 1973b “Hölderlin et l’essence de la poésie” (*Hölderlin und das Wesen der Dichtung*-1937) in *Approche de Hölderlin*. Traduit par Henry Corbin, Michel Deguy, François Fédier et Jean Launay. Paris: Gallimard

- 1973c *El ser y el tiempo (Sein und Zeit – 1927)*. Traducción de José Gaos
México: Fondo de Cultura Económica.
- 1976 “Lettre a Richardson” (1962). Traduit par Claude Roëls.
in Questions IV. Paris: Gallimard.
- 1977a *Por que ficamos na província* (1934). Tradução de Emmanuel
Carneiro Leão *in Revista de Cultura Vozes* n.4 – ano 71
Petrópolis: Vozes
- 1977b “Wozu Dichter ?” (1946) *in Holzwege* (1950) – Gesamtausgabe
Band 5. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.
- 1978 *Introdução à metafísica (Einführung in die Metaphysik – 1953)*
Tradução e apresentação de Emmanuel Carneiro Leão
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- 1980 “L’origine de l’oeuvre d’art” (*Der Ursprung des Kunstwerkes* -1935),
“L’èpoque des conceptions du monde” (*Die Zeit des Weltbildes –*
1938), “Le mot de Nietzsche ‘Dieu est mort’ “ (*Nietzsches Wort ‘Got*
ist tot’ – 1943), “Porquoi des poètes ?” (*Wozu Dichter?* - 1946),
“La parole d’Anaximandre” (*Der Spruch des Anaximander* -1946)
in Chemins qui ne mènent nulle part (Holzwege – 1950).
Traduit par Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard
- 1983a *Qu’appelle-t-on penser ? (Was heisst Denken ? – 1954)* Traduit par
Aloys Becker et Gérard Granel. Paris: Presses Universitaires de
France.

- 1983b “Sprache” (1972) in *Cahiers de l’Herne – Martin Heidegger*
Paris: Éditions de l’Herne
- 1990 *L’affaire de la pensée (Zur Frage nach der Bestimmung der Sache des Denkens – 1984)* Traduction et notes de Alexandre Schild. Mauvezin: Trans-Europ-Repress
- 1995a *Língua de tradição e língua técnica (Überlieferte Sprache und Technik Sprache – 1962)*. Tradução e pós-fácio de Mário Botas
Lisboa: Vega.
- 1995b *Sobre o humanismo (Über den “Humanismus” – 1957)*
Introdução, tradução e notas Emmanuel Carneiro Leão
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- 2000 *Serenidade (Gelassenheit – 1959)*. Tradução de Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget
- 2001a *Correspondência Hanna Arendt/Martin Heidegger – 1925/1975 (Hanna Arendt/Martin Heidegger Briefe 1925 bis 1975 und andere Zeugnisse – 1988)*. Tradução de Marco Antonio Casanova
Rio de Janeiro: Relume Dumará
- 2001b *Seminários de Zollikon (Zollikoner Seminare: Protokolle – Zwiegespräche – Briefe 1987)* Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. Petrópolis: EDUC/ABD/Vozes

- 2002 “A questão da técnica” (*Die Frage nach der Technik*), “Ciência e pensamento do sentido” (*Wissenschaft und Besinnung*), “A superação da metafísica” (*Überwindung der Metaphysik*), “A coisa” (*Das Ding*), “Construir, habitar, pensar” (*Bauen Wohnen Denken*) in *Ensaaios e Conferências (Vorträge und Aufsätze – 1954)*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes.
- 2003a “A linguagem” (*Die Sprache – 1950*), “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador” (*Aus einem Gespräch von der Sprache. Zwischen einem Japaner und einem Fragenden – 1953-54*), “A essência da linguagem” (*Das Wesen der Sprache – 1957-58*), “O caminho para a linguagem” (*Der Weg zur Sprache – 1959*) in *A caminho da linguagem (Unterwegs zur Sprache – 1959)*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes
Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- 2003b *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão.* (*Die Grundbegriffe der Metaphysik: Welt, Endlichkeit, Einsamkeit – 1983*). Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- 2005 “700 anos de Messkirch” (discurso proferido em 22/Jul/1961) (*Kurze Rede für einen Heimatabend in Reden und andere Zeugnisse eines Lebenswege [1910-1976] in Gesamtausgabe Band 16 – 2000*). Tradução de Vicente de Arruda Sampaio. Texto gentilmente cedido pelo tradutor.

2 - OBRAS SOBRE HEIDEGGER

BEAUFRET, Jean. “Em chemin avec Heidegger” in *Cahier de l’Herne – Martin Heidegger*. Paris: Éditions de l’Herne, 1983

CHARLES, Daniel. “L’Ereignis et le Tao” in *Cahiers de L’Herne – Martin Heidegger*. Paris: Éditions de L’Herne, 1983

COTTEN, Jean Pierre. *Heidegger – Écrivain de Toujours*. Paris: Seuil, 1974.

DE WALHENS, Alphonse. “La verité et l’ouvert: Rilke et Heidegger” in *Phénoménologie et Verité*. Louvain: Editions Nauwelaerts ; Paris: Béatrice-Nauwelaerts, 1965.

FÉDIER, François. *Anatomia de um escândalo (Heidegger : anatomie d’um scandale – 1988)* Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis: Editora Vozes, 1989

GADAMER, Hans-Georg. *Le rayonnement de Heidegger*. Traduit par Marc B.de Launay in *Les Cahiers de l’Herne – Martin Heidegger*. Paris: Éditions de l’Herne, 1983.

GREISCH, Jean. *La Gesamtausgabe in Cahiers de L’Herne – Heidegger*. Paris: Éditions de l’Herne – 1983

HAAR, Michel. *La fracture de l’histoire – Douze essais sur Heidegger*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 1994.

- HEDERMAN, Mark Patrick. "De l'interdiction a l'écoute" in *Heidegger et la question de Dieu*. Paris: Bernard Grasset, 1980.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger (A Heidegger Dictionary – 1999)* Tradução de Luísa Buarque de Holanda e revisão de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- MICHELAZZO, José Carlos, *Do um como princípio ao dois como unidade* São Paulo: Annablume, 1999
- PETZET, Heinrich Wiegand. *Encounters and dialogues with Martin Heidegger, 1929-1976 (Auf einen Stern zugehen: Begegnungen Und Gespräche mit Martin Heidegger, 1929-1976 1983)*. Translate by Parvis Emad and Kenneth Maly, with an Introduction by Parvis Emad. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1993.
- PÖGGELER, Otto. *El camino del pensar de Martin Heidegger (Der Denkweg Martin Heidegger – 1963)*. Traducción y notas de Félix Duque Pajuelo. Madrid: Alianza, 1986.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Heidegger – Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal (Heidegger, ein Meister aus Deutschland – 1994)* Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração, 2000.
- TAMINIAUX, Jacques. "L'essence vraie de la technique" in *Les Cahiers de l'Herne – Martin Heidegger*. Paris: Édition de l'Herne, 1983.
- TEZUKA, Tomio. "An hour with Heidegger" in MAY, Reinhard *Heidegger's hidden sources – East Asian influences on his work. (Ex oriente lux: Heideggers Werk unter ostasiatischem Einfluss – 1989)*. Translate by Graham Parkes. London, 1996

WEIZSÄCKER, Carl Friedrich von. “Rencontres sur quatre décennies”.

Traduit par J.M. Vaysse in *Les Cahiers de L’Herne – Martin Heidegger*. Paris: Édition de L’Herne, 1983.

WOLFF, G.; AUGSTEIN, R. “Heidegger e a política”. O caso de 1933”

Entrevista de Heidegger à revista Der Spiegel in
Tempo Brasileiro. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão.
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977

3 - OBRAS DE RILKE

- 1943 *Duineses Elegien/Die Sonette na Orpheus – Les Élégies de Duino/ Les Sonnets a Orphée* (1922). Traduits et préfacés par J.F.Angelloz. Édition bilingue. Paris: Éditions Montaigne.
- 1948 *Vergers/Les quatrains valaisans – Verzieri/Le quartine vallesane*. Traduttori Giorgio Zampa e Piero Bigongiari
Milano: Enrico Cederna
- 1953 *Cartas a um jovem poeta (Briefe an einen jungen Dichter – 1929)*
Tradução de Paulo Rónai e Prefácio de Cecília Meireles
Porto Alegre: Globo.
- 1958 *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* (1910)
Leipzig: Im Insel Verlag
- 1966 *Prose – Oeuvres 1* . Édition établie et présentée par Paul de Man.
Paris: Seuil
- 1967a *Poemas – Volume I* . Prefácio, seleção e tradução de Paulo Quintela.
Coimbra: Atlântida.
- 1967b *Poemas – Volume II* . (Dispersos e inéditos de 1906 a 1926).
Prefácio, seleção e tradução de Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida.
- 1972 *Poésie – Oeuvres 2* . Édition établie et présentée par Paul de Man.
Paris: Seuil.
- 1976a *Correspondance – Oeuvres 3* . Édition établie et présentée par Paul de Man. Paris: Seuil.

- 1976b *Elegias de Duíno* (*Duineser Elegien* – 1922). Tradução de Dora Ferreira da Silva. Porto Alegre: Globo.
- 1977 *Rodin* (*Rodin* 1902-1907). Traducción y prólogo por Andrea Pagni. Buenos Aires: Goncourt.
- 1978 *Cartas sobre Cézanne* (*Briefe über Cézanne* – 1936). Traducción y prólogo por Andrea Pagni. Buenos Aires: Goncourt.
- 1983 *Poemas, As Elegias de Duino e Sonetos a Orfeu*. Prefácios, Seleção e tradução de Paulo Quintela. Porto: O oiro do dia.
- 1987 *Livro de Horas* (*Das Stundenbuch* 1899-1903). Tradução não publicada de Dora Ferreira da Silva, gentilmente cedida pela tradutora.
- 1989 *Sonetos a Orfeu/Elegias de Duíno* (*Die Sonette na Orpheus/Duineses Elegien* (1922)). Edição bilingue. Tradução e introdução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes.
- 1993a *Briefe an einen jungen Dichter* (1929).
Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag
- 1993b *O Livro de Horas* (*Das Stundenbuch* 1899-1903). Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- 1993c *Poemas*. Seleção, tradução e introdução de José Paulo Paes.
São Paulo: Companhia das Letras.

- 1996a *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*. (*Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge* – 1910). Tradução de Lya Luft.
São Paulo: Mandarin.
- 1996b *Poemas*. Seleção, tradução e introdução de José Paulo Paes
São Paulo: Companhia das Letras
- 2002 *As Rosas* (*Les Roses* – 1924-1926). Tradução e prefácio Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora

4 - OBRAS SOBRE RILKE

- ANGELLOZ, J.F. . *Introduction* . In Duineser Elegien/Die Sonette an Orpheus – Les Élégies de Duino/ Les Sonnets a Orphée .
Paris: Éditions Montaigne, 1943.
- DE MAN, Paul, “Introduction” in R.M.RILKE, *Poésie – Oeuvres 2*
Paris: Seuil, 1972
- DESGRAUPES, Pierre. *Rainer Maria Rilke*.
Paris: Éditions Pierre Seghers, 1949.
- DE WALHENS, Alphonse. “La verité et l’ouvert: Rilke et Heidegger”
in *Phénoménologie et Verité*.
Louvain:ÉditionsNauwelaerts;
Paris:Béatrice-Nauwelaerts,1965.

HOLTHUSEN, Hans Egon. *Rainer Maria Rilke – El poeta a través de sus propios textos.* (*Rainer Maria Rilke in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten* – 1958). Traducción y notas de Jaime Ferreiro Alemparte. Madrid: Alianza, 1968.

JACCOTTET, Philippe. *Rilke – Écrivain de Toujours.* Paris: Seuil, 1970.

MARTINS, Cristiano – *Rilke – O poeta e a poesia.*
Belo Horizonte: Editorial Panorama, 1949

PAES, José Paulo, “A luta com o anjo – Uma introdução à poesia de Rilke”
in RILKE, R.M.*Poemas.*São Paulo:Companhia das Letras, 1996.

PITROU, Robert. *Rainer Maria Rilke – Les thèmes principaux de son oeuvre.* Paris: Albin Michel, 1938.

SILVA, Dora Ferreira da. “Comentários” *in Elegias do Duíno*
Porto Alegre: Globo, 1976

5 - OUTRAS OBRAS

ALVES, Rubem, *O Enigma da Religião*

Petrópolis: Editora Vozes, 1979

ARENDT, Hannah. “Martin Heidegger faz oitenta anos.” in

Homens em tempos sombrios (Men in Dark Times

1968) Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GAGNEBIN , Jeanne Marie. “As formas literárias da Filosofia” in SOUZA,

Ricardo Timm e DUARTE, Rodrigo (Orgs.) *Filosofia e Literatura*

Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

HÖLDERLIN, Friedrich. *Poemas*. Tradução, seleção e prefácio de

Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida, 1959.

KAFKA, Franz. “A ponte” in *Contos Universais*. Tradução de Betty M.Kunz

São Paulo: Editora Ática, 1997

MUCHAIL, Salma Tannus. *Lou Salomé: o ‘elementar’ por sob a vida*.

São Paulo: Editora da PUC-SP, 1989.

QUINTELA, Paulo. *Hölderlin*. Porto: Editorial Inova, 1971.